

ESDI

Wa-
shin-
gton
Dias
Lessa

P 73

1973



8

n= 390 g.
com. A2 V2 Per
le. banco
sic 2106
25.6

WASHINGTON DIAS LESSA

Indicações para uma leitura semiótica
da Lapa

Tese (Trabalho de formatura) ESDI

ESDI

Escola Superior de Desenho Industrial

Rio de Janeiro

1973

INDICAÇÕES PARA UMA LEITURA SEMIÓTICA DA LAPA - 1973

Trabalho de formatura de Washington Dias Lessa
Escola Superior de Desenho Industrial

Financiado em parte pela
Sociedade Cultural Beneficente Guilherme Guinle

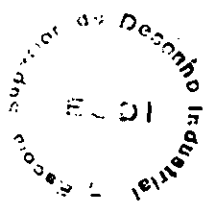
Agradeço as contribuições de:

Almirante, Aloísio Magalhães, Álvaro Cotrim, Anita Slade, Antônio Henrique Nitsche, Bororó, Cândido de Paula Machado, Carlos Alberto dos Santos, Charles Dunlop, Clarival do Prado Valadares, Décio Pignatari, seu Elias, Elias Fonseca, Evaldo de Castro, Fernando Solure, Gilberto Ferrez, Haidine Barros Duarte, Hígina Bruzzi, João Carlos Lessa, Júlio Pessolani, Katia Frega, Lourival Pena, Luís Sérgio Ventura, Lysia Bernardes, Marcos Konder Reis, Maria Cristina Lessa, Maria de Lourdes Lessa, Maria Rita Horta, Mário Lago, Mozart Araújo, Neuza Fernandes, Newton Montenegro, Nilo Bernardes, Nonato, Paulo Santos, Renina Katz, Roberto Maia, Sebastião Gomes, Sérgio Gostkorszewicz, Sidney Weissman, Túlio Mariante, Vera Bernardes, Walter, Walter Carvalho.

Reproduzido em máquina Xerox 4000
Originais batidos em máquina Olivetti Tekne 3
Filmes revelados por Sidney Weissman, Carlos Alberto Felício dos Santos e Walter
Fotos ampliadas por Carlos Alberto Felício dos Santos



P73
1943



Nº de registro 

Inv. 4083/90

"Qual a diferença essencial entre um signo comunicado a um espírito e um signo não comunicado dessa forma? Se a questão consistisse simplesmente em que pretendemos significar por signo, essa questão poderia ser rapidamente resolvida. Não é esse, porém, o ponto. Estamos na condição de um zoólogo que deseja informar-se de qual deve ser o significado de "peixe", para tornar os peixes uma das grandes classes de vertebrados." (142)

(Como o meu acesso à obra de Charles Sanders Peirce, citado acima, foi em parte indireto - através de Dácio Pignatari e Thomas Knight - as referências das citações vêm precedidas conforme as fontes: por um D ou um T. Os 2 números que se seguem, referem-se respectivamente ao volume e ao parágrafo da 1ª edição completa da obra de Peirce, da Harvard Press, Cambridge, Massachusetts. Quando a citação foi retirada do livro de fragmentos "Semiótica e Filosofia" editado pela Cultrix, a referência é dada apenas pelos números das páginas da 1ª edição.)

INTRODUÇÃO TEÓRICA

A Semiótica, ou ciência das significações, foi estruturada a partir da lógica, por Charles Sanders Peirce (1839/1914), filósofo norte-americano, matemático, químico, físico e psicólogo. Incompreendido no seu tempo, a revalorização de sua obra vem sendo feita de 20 anos para cá. No cenário cultural americano da 2ª metade do século XIX, influenciou fortemente o Pragmatismo, discordando porém da interpretação dada a seus textos por William James e outros ex-companheiros seus do Metaphysical Club (Cambridge, Massachussets, 1870/1875). Chegou a propor o nome Pragmaticismo para sua filosofia científica, "termo feio o suficiente para estar a salvo de raptos".

O Pragmatismo de Peirce se desenvolve em 3 direções: Fenomenologia, Ciência Normativa e Metafísica. A Semiótica está dentro da Ciência Normativa, lidando com representações da realidade

Define-se "o real como aquilo cujos caracteres são independentes do que alguém possa pensar que eles sejam" (65). Estão neste caso sonhos e outros fenômenos que dependem de como os pensamos, mas cujos caracteres independem disso.

"Os reais afetam nossos sentidos segundo leis regulares e conquanto nossas sensações sejam tão diversas quanto nossas relações com os objetos, poderemos, valendo-nos das leis da percepção, averiguar, através do raciocínio, como efetiva e verdadeiramente as coisas são." (85) Mas sempre de uma maneira relativa, pois "tudo que se sustenta ser inteiramente verdadeiro se coloca para além do que a experiência está em condição de corroborar". (90)

"A realidade independe não necessariamente do pensamento em geral, mas apenas do que você ou eu ou um definido número de pessoas possa pensar a respeito dela." (68) Ou seja, a realidade se define estatisticamente. A terra, para os gregos, era plana, dado verificável a partir dos diversos signos do objeto "terra" (tratados, cosmologias, representações iconográficas etc). O fato de a terra não ser plana, é coisa que nos diz respeito hoje e se estabelece como real. Nossos signos do objeto "terra" são mais desenvolvidos que os dos gregos, mas não são a realidade. O mais alto grau desta "só é atingido através dos signos". (DB.327)

São fundamentais para a compreensão da Semiótica as 3 categorias de experiência, os 3 modos de ser contidos em qualquer fenômeno, estudados na fenomenologia peirceana.

Esta "não distingue o bom do ruim em nenhum sentido que seja: contempla os fenômenos como eles são, simplesmente abre os olhos e descreve o que vê. Não que ela veja o real como distinto da ficção não tendo em vista tal dicotomia - mas simplesmente descrevendo o objeto como um fenômeno e dizendo o que é encontrável em todos os fenômenos parecidos." (TS.37) São aspectos gerais e indecomponíveis do "total coletivo do que está presente na mente". "Consiste na descrição e classificação de idéias que pertençam à experiência ordinária ou que cresçam naturalmente em conexão com a vida ordinária, sem se importar com seu ser, válido ou inválido, ou com sua psicologia." (T8.328)

"Todos os elementos da experiência pertencem a 3 classes; como elas podem ser melhor definidas em termos de números, são denominadas categorias cenopitagóricas. A saber: Primeiro (First) - experiências monádicas ou simples, em que os elementos são de tal natureza que poderiam ser o que são sem inconsistência, ainda que nada mais houvesse na experiência. Segundo (Second) - experiências diádicas ou recorrências, sendo cada uma uma experiência direta de um par de objetos em oposição. Terceiro (Third) - experiências triádicas ou compreensões, sendo cada uma uma experiência direta que liga outras experiências possíveis." (D7.528)

A Primeiridade é "mera possibilidade positiva de surgimento". (137) Refere-se a um sentido de qualidade ou uma idéia de sentimento, de cujas aglomerações por critérios de semelhança em nossas mentes, é que resultam qualidades e sentimentos.

Sentimento é "o que quer que esteja direta e imediatamente na consciência, a qualquer instante, tal como é, sem considerar o que significa, que partes o compõem, o que o causa ou qualquer de suas relações com qualquer outra coisa..." (D7.540) "Se nós imaginamos que o sentimento retém seu caráter positivo, mas perda absolutamente toda relação (e deste modo, toda vida - vividness - que é somente o sentido de choque), isso não é exatamente o que se chama de sentimento. É um mero sentido de qualidade." (T8.267)

E um sentido de qualidade não é sentimento, mas uma idéia de sentimento que "é tal como é em si mesma, sem nenhum elemento ou relações." (T4.157) "Imagine uma consciência onde não haja comparação, relação, multiplicidade (desde que as partes seriam

distintas do todo], mudança, imaginação, qualquer modificação do que está positivamente lá, reflexão - nada senão um simples caráter positivo, uma dor infinita, um assobio penetrante que se estende eternamente". (T5.44)

"A Secundidade genuína corresponde à ação de uma coisa sobre a outra: ação bruta." (138) Está ligada à dupla ideia de esforço e resistência. "O esforço somente é esforço em razão de algo se lhe opuser; e não há terceiro elemento em causa. Note que falo da experiência, e não do sentimento de esforço." (137)

Secundidade não é um sentimento ou qualidade. "A qualidade de ser azul ou verde não são coisas que possamos ver: são produtos de reflexões lógicas." (76) "Está no momento e no lugar que acontece, e não tem outro ser." (T1.532) "E não é uma concepção nem uma qualidade particular. É uma experiência () É algo que não pode ser concebido, pois concebê-lo é generalizá-lo, e generalizá-lo é perder o aqui e o agora que é a sua essência." (T8.266)

Pode-se falar "de" (não "sobre") Primeiridade e Secundidade, pois são estados não generalizáveis. Qualquer generalização já é uma Terceiridade.

Terceiridade implica aprendizado e representação. "O Imediato (e portanto em si mesmo insuscetível de mediação - o Inanalísável, o Inexplicável, o Inintelectual), corre num fluxo contínuo através de nossas vidas; é a soma total de consciência, cuja mediação, que é a continuidade dela, é desenvolvida por uma efetiva força real atrás da consciência." (T5.289)

Logo, existem 2 espécies de objeto em toda consciência, "aquele de que temos consciência imediatamente e aquele de que temos consciência mediatamente. Alguns elementos (as sensações) estão inteiramente presentes durante todos os instantes de sua duração, enquanto outros (como o pensamento) são ações que têm começo, meio e fim e consistem na congruência da sucessão de sensações que atravessam o espírito. Não podem estar imediatamente presentes, mas devem estender-se por alguma porção do passado ou futuro. O pensamento é um fio de melodia correndo ao longo da sucessão de nossas sensações." (55)

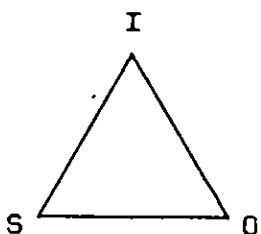
"A consciência do presente como fronteira entre passado e futuro, envolve a ambos. Raciocinar é uma nova experiência que envolve algo velho e algo até então desconhecido." (D7.532) "Ao modo de ser que consiste em que fatos futuros de Secundidade tomarão determinado caráter geral, eu chamo Terceiridade." (T1.26) "Um signo é uma espécie de terceiro." (142)

"A lógica em sentido geral, é, como entendo haver demonstrado, apenas outra denominação da Semiótica, a quase necessária ou formal doutrina dos signos. Dizendo que a doutrina é "quase necessária" ou formal, pretendo significar que observamos os caracteres dos signos, e, a partir dessa observação, somos levados a enunciados eminentemente falíveis e, portanto, em certo sentido, de maneira alguma necessários, relativamente ao que devem ser os caracteres de todos os signos empregados por uma inteligência "científica", isto é, por uma inteligência capaz de aprender com base na experiência." (93)

"A palavra signo será usada para denotar um objeto perceptível, apenas imaginado ou mesmo insuscetível de ser imaginado em um determinado sentido - a palavra "cabo", que é um signo, não é imaginável, pois não é essa palavra mesma que pode ser inscrita no papel ou pronunciada, mas apenas um dos aspectos que pode revestir." (95)

Processa-se a significação quando x é sinal de y , para A , na medida em que estando diante de x , A se dá conta de y .

"Signo ou representame é um Primeiro que está em tal genuína relação triádica com um Segundo, chamado seu objeto, de forma a ser capaz de determinar que um Terceiro, chamado seu interpretante, assuma a mesma relação triádica (com o objeto) que ele mesmo mantém em relação ao mesmo." (D2.274)



O signo representa alguma coisa, seu objeto. Coloca-se no lugar desse objeto, não sob todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que tenho por vezes denominado o fundamento do representame. (94) Este é chamado simplesmente signo, pois a partir de sua existência física ou não é que o processo de significação pode ou não ocorrer.

"Se um signo é diverso de seu objeto, deve existir, no pensamento ou na expressão, uma explicação ou argumento ou contexto mostrando de que modo - segundo que sistema ou por que razão - o signo representa o objeto ou conjunto de objetos que representa." (93)

"Ora, o signo e a explicação, em conjunto, formam um outro signo e como a explicação é um signo, provavelmente exigirá uma explicação

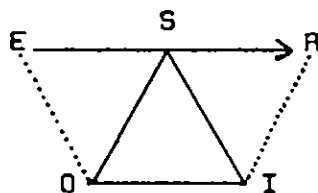
adicional, que, tomada em conjunto com o signo já ampliado, compará um signo ainda mais amplo etc. Ao signo assim criado denomino interpretante do 1º signo." (96)

"Um signo é um representame do qual algum interpretante é a cognição de certo espírito." (100) Não é um objeto, e sim um processo de significação, mais ou menos complexo e/ou completo em função do interpretante.

"Embora nenhum representame opere efetivamente como tal enquanto não determina realmente um interpretante, torna-se um representame desde o momento em que se capacita totalmente para fazê-lo; e sua qualidade representativa não depende necessariamente de ele vir em algum tempo a determinar efetivamente um interpretante, nem mesmo de ele vir efetivamente a ter um objeto." (116)

"Um signo tem 2 objetos, seu objeto como é representado e seu objeto em si mesmo." (143) Ou, objeto imediato e objeto dinâmico e correspondentemente, interpretante imediato e interpretante dinâmico. A investigação científica seria um interpretante dinâmico.

Segundo o esquema tradicional de comunicação, o signo é o meio pelo qual se comunica ("Um signo se coloca a meio entre o seu interpretante e seu objeto." (142)), referindo-se o emissor a um objeto e o receptor a um interpretante.



- 1ª) O nível sintático de um signo (fundamento, meio) é o nível de suas relações formais;
- 2ª) O nível semântico (nomeação) é o nível de suas relações com o objeto;
- 3ª) O nível pragmático (significação) é o nível de suas relações com o interpretante.

Os signos são divididos de acordo com 3 tricotomias: a 1ª na dependência do que o signo é em si mesmo; a 2ª na dependência da relação do signo com seu objeto e a 3ª na dependência da representação do signo por seu interpretante. De acordo com a 1ª tricotomia, um signo pode ser denominado quali-signo, sin-signo ou legi-signo.



Quali-signo: qualidade que é um signo. Só atua como signo quando corporificado, mas não é a corporificação o determinante para seu caráter sógnico. Tem a natureza de uma aparência.

Sin-signo: (sin - uma única vez, como em singular) coisa ou acontecimento real que é um signo. Envolve um ou mais quali-signos.

Legi-signo: lei que é um signo. Não é um objeto singular, mas um tipo geral. Os casos de sua aplicação podem ser denominados réplicas, que são sin-signos (ocorrências singulares) de caráter especial (aplicações singulares de um legi-signo prototípico).

Quali-signo: a sensação de uma cor.

Sin-signo: um diagrama singular.

Legi-signo: uma palavra.

Pela 2ª tricotomia, um signo pode ser denominado ícone, índice e símbolo.

Ícone: é um signo que se refere a seu objeto por caracteres próprios de semelhança e analogia que ele possuiria independentemente da existência ou não de um objeto daquele tipo. Nunca perde o caráter de signo, embora só atue como tal quando se relaciona com os outros 2 vértices do triângulo.

Há ícones degenerados, denominados hipo-ícones: "Os hipo-ícones, de acordo com o modo de Primeiridade de que participem, admitem uma divisão grosseira. Aqueles que participam de simples qualidade ou primeiras primeiridades, são imagens; aqueles que representam as relações - principalmente relações diádicas ou relações assim consideradas - das partes de uma coisa, utilizando-se de relações análogas em suas próprias partes, são diagramas; aqueles que representam o caráter representativo de um representante, traçando-lhe um paralelismo com algo diverso, são metáforas." (117)

Índice: é um signo que se refere a seu objeto em função de ser realmente afetado por ele. Com respeito a qualidades em comum que tenha com o objeto é que se refere a ele; envolve, pois, uma espécie de ícone, mas sua efetiva modificação por força do objeto, é que faz dele um signo. O índice e o objeto "fazem um par orgânico, mas a mente intérprete não tem nada a ver com essa conexão, a não ser em sua leitura, quando já está estabelecida". (T2.299)

Há hipo-índices, ou índices degenerados. "Se a secundidade é uma relação existencial, o índice será genuíno. Se a secundidade é uma referência, o índice será degenerado." (120)

Símbolo: é um signo que se refere a seu objeto por força de uma

lei ou associação de idéias gerais (de caráter habitudinário inclusive). Sendo ele uma lei, é um legi-signó, ou seja, atua por réplicas. O símbolo envolve um tipo especial de índice. O objeto a que se refere tem natureza geral.

"Um símbolo, diversamente de um ícone ou índice, necessita de objeto e interpretante para possuir caráter de e atuar como signo. Pois quando um signo representa seu objeto para seu intérprete como símbolo, ele o faz através de uma associação convencional (seu interpretante) entre ele e seu objeto." (Thomas Knight)

"O elemento constitutivo de um símbolo pode ser um índice ou um ícone. Um homem, caminhando junto com uma criança, levanta o braço, aponta e diz "Ali vai um balão". Apontar é parte essencial do símbolo, sem o que este não veicularia informação. A criança, entretanto, pergunta "O que é um balão?" e o homem responde "É algo como uma grande bolha de sabão" tornando a imagem parte do símbolo. Assim, embora o objeto integral de um símbolo, isto é, seu significado, tenha a natureza de uma lei, ele deve denotar um individual e expressar um caráter. Um símbolo genuíno é um símbolo com significado geral. Há 2 tipos de símbolos degenerados. O símbolo singular, cujo objeto é um individual existente e que expressa apenas aqueles caracteres que aquele individual possa concretizar; e o símbolo abstrato, cujo único objeto é um caráter." (127)

"Quando a consciência pensa um objeto, a unificação da consciência demanda terceiridade. Em tal pensamento os 3 elementos são:

1) um signo ou ícone, que é familiar em algum sentido a seu objeto;
2) um objeto ou índice, que deve existir ou ter um caráter indicativo;

3) um interpretante ou símbolo, que não necessita similaridade ou analogia com seu objeto

Pensar um objeto, isto é, uma maçã, envolveria um percepto, ou ícone, que é similar à maçã em si mesma; um índice, algum modo de indicar o objeto do percepto; e um símbolo ou significado, usualmente associado com tal índice. Sem o símbolo não haveria unificação do fenômeno - o ícone e o índice permaneceriam não relacionados." (Thomas Knight)

"Ícones e indicadores nada asseveram. Se um ícone pudesse ser interpretado através de uma sentença, tal sentença deveria assumir "caráter hipotético", ou seja, diria simplesmente "Suponhamos que uma figura tem 3 lados" etc. Fosse um índice interpretado dessa maneira, a sentença assumiria "caráter imperativo ou exclamativo", como "Olhe" ou "Cuidado!" (125)

"Os símbolos se expandem. Surgem por desenvolvimento a partir de outros signos, especialmente a partir de ícones ou de signos mistos que participam da natureza de ícones e de símbolos. Só pensamos através de signos. Os signos mentais são de natureza mista; as partes símbolo são chamadas conceitos. Se um homem cria novo símbolo, ele o faz por via de pensamentos que envolvem conceitos. Assim, só a partir de símbolos é que um novo símbolo se pode desenvolver. Omne symbolum de symbolis. Uma vez existente, o símbolo dissemina-se. Por meio do uso e da experiência, seu significado se amplia. Palavras como força, lei, riqueza, casamento, têm para nós significado muito diverso dos que tinham para nossos ancestrais bárbaros. Como a esfinge de Emerson, o símbolo pode dizer ao homem: De teu olho eu sou um olhar." (130)

Ícones: uma expressão algébrica, um diagrama, uma onomatopéia.

Índices: pegadas, uma seta, um pronome demonstrativo.

Símbolos: uma palavra, uma marca, um raciocínio.

Pela 3ª tricotomia, um signo pode ser denominado: rema (termo), dicisigno (dicente, proposição) ou argumento.

Rema: signo, para seu interpretante de uma possibilidade qualitativa. Elemento de um enunciado possível.

Dicisigno: signo, para seu interpretante, de existência real. Envolve um ou mais remas.

Argumento: signo, para seu interpretante, de lei. Envolve um dicisigno ou proposição denominado sua premissa (em geral, várias premissas podem, sempre, serem reduzidas a uma só, de caráter copulativo. No entanto, essa premissa não é um mero dicisigno - um argumento realça uma lei realçando-lhe um exemplo).

"Podemos dizer que um rema é um signo que representa seu objeto simplesmente em seus caracteres; que o dicisigno é um signo que representa seu objeto com referência à existência concreta; e que um argumento é um signo que representa seu objeto em seu caráter de signo." (102)

Na classificação do signo segundo seu interpretante, Peirce trabalha em cima de categorias lógicas, chegando a manter o termo argumento:

No silogismo Todos os homens são mortais
 Sócrates é homem
 Sócrates é mortal,

são termos: homem, mortal etc, e temos 3 proposições e 1 argumento.

Um termo é uma proposição em que se deixam indefinidos os índices, não se nomeando; na proposição é apenas apontada uma relação lógica (é um argumento despidido de asserção); no argumento a afirmação é explícita.

O argumento pode ser classificado em 3 classes, segundo o tipo de inferência feita (são diferentes caminhos nos quais os signos se desenvolvem): abdução (ou hipótese), dedução e indução, que se diferenciam pela ordenação diferente das proposições.

Hipótese

Regra: todos os feijões deste pacote são brancos

Resultado: estes feijões são brancos

(donde) Caso: estes feijões são deste pacote

Dedução

Regra: todos os feijões deste pacote são brancos

Caso: estes feijões são deste pacote

(donde) Resultado: estes feijões são brancos

Indução

Caso: estes feijões são deste pacote

Resultado: estes feijões são brancos

(donde) Regra: todos os feijões deste pacote são brancos

A dedução é uma inferência analítica (exame de cada parte de um todo - o resultado já está contido na regra) e a abdução e indução são inferências sintéticas (da causa para o efeito, dos elementos para o todo). "Dedução prova que alguma coisa precisa ser; indução mostra que alguma coisa é, realmente, operativa; abdução meramente sugere que alguma coisa pode ser." (TS.171)

"A sugestão abductiva vem a nós como um "flash". É um ato de "insight", ainda que de uma espécie extremamente falível. É verdade que os diferentes elementos da hipótese já estavam em nossas mentes; mas é a idéia de juntar o que nunca antes havíamos sonhado juntar que detona a nova sugestão ante nossa contemplação." (TS.181)

A habilidade de formular hipóteses é um estranho aspecto de nossa natureza que se assemelha "aos instintos dos animais em sua capacidade de ultrapassar os poderes gerais de nossas razões, pois nos dirige como se estivéssemos na posseção de fatos inteiramente além do alcance de nossos sentidos. Se assemelha ao instinto também por estar pouco sujeito a erro; pois mesmo que erre mais que acerte, a relativa frequência com que acerta é, em seu todo, a coisa mais incrível em nossa constituição". (TS.173) "Se temos de aprender alguma coisa ou entender fenômenos, é a partir de abduções que isto pode ser desenvolvido." (TS.171)

"A grande diferença entre a indução e a hipótese está em que a primeira infere a existência de fenômenos semelhantes aos que observamos em casos similares, ao passo que a hipótese supõe algo de tipo diferente do que diretamente observamos e com frequência, de algo que nos seria impossível observar diretamente." (161)

"A indução é, portanto, a fórmula lógica que expressa o processo fisiológico da formação de um hábito". (163) "A caracterização de um hábito depende de como ele possa levar-nos a agir, não somente em circunstâncias suscetíveis de serem antecipadas, mas em situações quaisquer por improváveis que possamos considerá-las. O que o hábito seja depende de quando e como ele nos leva a agir. No que respeita ao quando, todo o estímulo para o agir deriva da percepção; no que concerne ao como, todo objetivo de uma ação é produzir um resultado tangível." (580)

"Podemos dizer que a hipótese dá lugar ao elemento sensorial do pensamento e a indução ao elemento habitudário. No que diz respeito à dedução - que não acrescenta nada às premissas, mas apenas, a partir dos fatos nelas representados, separa um deles, no qual focaliza a atenção, que é o elemento volitivo do pensamento e corresponde a descarga nervosa, na esfera da fisiologia." (163)

A partir das 2 possibilidades de sugestão associativa (contiguidade e similaridade) determina-se o caráter das inferências (assim como o de todo signo).

"Sugestão por contiguidade significa que quando uma idéia nos é familiar como parte de um sistema de idéias, pode ela trazer o sistema à nossa mente - e desse sistema, por alguma razão, uma ou outra idéia destacar-se e vir a ser pensada por si mesma." (07.391)

"Já a sugestão por semelhança consiste no fato de a mente, por uma propriedade oculta, unir no pensamento duas idéias que tem por similares." (07.392) (Propriedade oculta para Peirce é o que só pode ser trazido à luz por experimentação.) A sugestão por similaridade "envolve algo assim como uma constante atenção para com qualidades, enquanto tais, e isto deve assentar-se, pelo menos, numa capacidade de linguagem: se não na própria linguagem." (07.445 e 446)

Os 2 tipos de sugestão implicam em idéia de conjunto ou sistema, decorrente de fatos efetivos na contiguidade e de operações mentais na similaridade. Podem aparecer juntas

A estética, a 1ª das ciências normativas, não foi desenvolvida profundamente por Peirce, apesar de ter sido a ela dedicada seu 1º ano de estudos filosóficos. No desenvolvimento de seu sistema filosófico, chegou a colocar-se como antagônica da lógica. Mais tarde essa colocação foi revista: "Só recentemente persuadi-me de que tal aparência é ilusória e que, ao contrário, a lógica necessita do auxílio da estética." (02.197)

Registra o termo grego "kalós" como o que melhor definiria um objeto esteticamente bom, que, para tal, deve ter "uma quantidade (multitude) de partes de tal modo relacionadas umas às outras que confirmam uma positiva e simples qualidade imediata à sua totalidade." (05.132)

"Parece-me que, enquanto na fruição estética nos entregamos ou nos dedicamos à totalidade do sentimento - especialmente a resultante da qualidade de sentimento total apresentada na obra de arte que estamos contemplando - trata-se, no entanto de uma espécie de afinidade intelectual, da idéia de que aqui há um sentimento que pode ser compreendido, um sentimento razoável (raciocinável). Não logro dizer exatamente o que é, mas é uma consciência que pertence à categoria da representação, embora representando algo na categoria da qualidade de sentimento." (05.113) Um primeiro que é também um terceiro, um ícone que é também um símbolo.

"Já ouço você dizer: "Tudo isso não são fatos; é poesia." Absurdo! A má poesia é falsa, concordo; mas nada é mais verdadeiro que a verdadeira poesia. E deixe-me dizer aos cientistas que os artistas são observadores muito mais finos e preciosos do que eles, excetuados os pormenores especiais que constituem o objeto de sua investigação." (01.315)

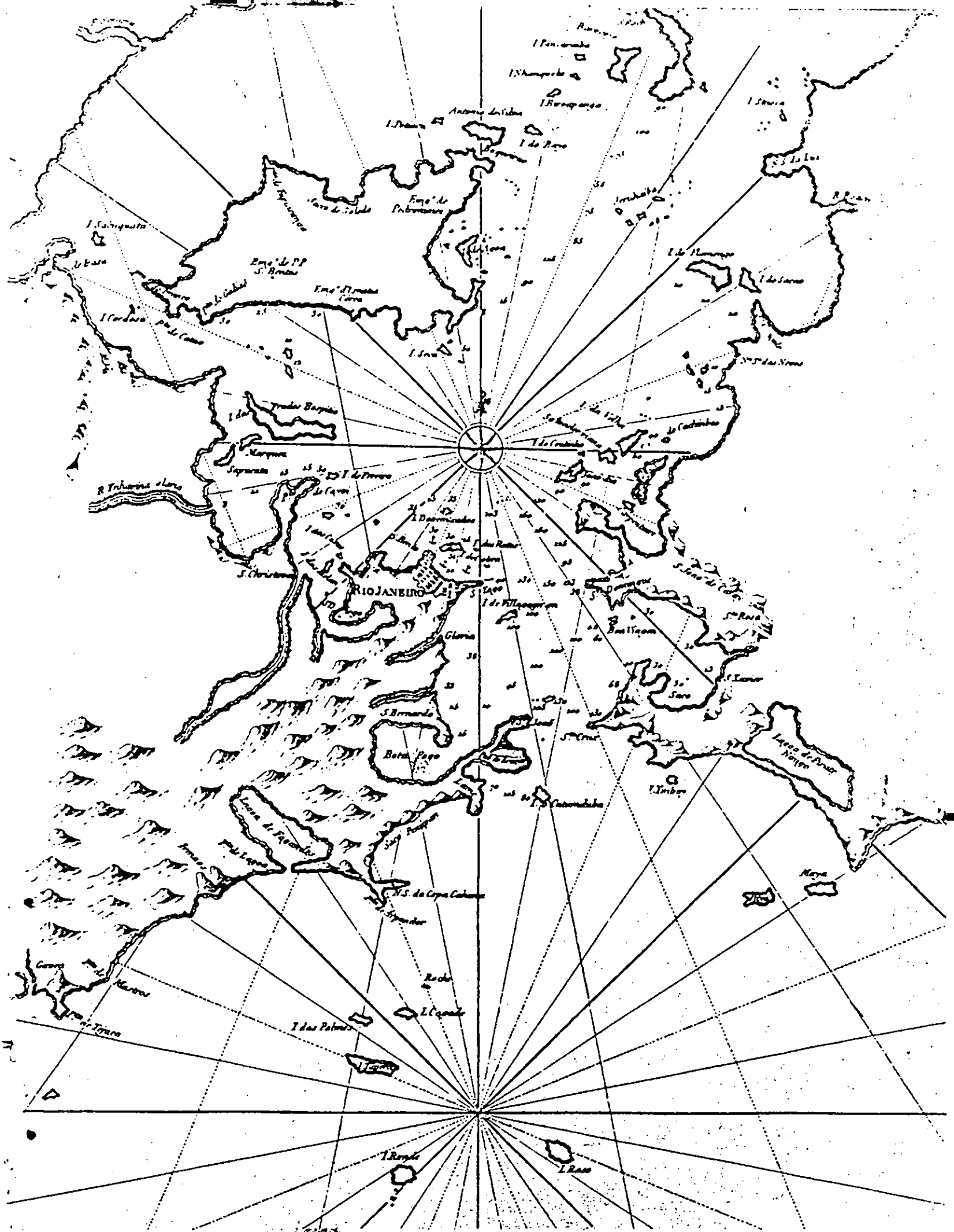
"A generalização do sentimento pode ocorrer em diferentes planos ou lados. A poesia é uma espécie de generalização do sentimento e nessa medida é uma metamorfose regenerativa do sentimento. Mas a poesia, num de seus lados, permanece não generalizada (ungeneralized) e a isto se deve o seu vazio. A generalização completa, e completa regeneração do sentimento é a religião, que é poesia, mas poesia completada." (01.676) A religião propõe um interpretante final - o Nirvana, o Paraíso etc.

Uma leitura semiótica da Lapa seria algo bem mais complexo, demorado e dispendioso do que o que foi feito neste trabalho. Cada item dele deveria ser estendido em levantamentos estatísticos mais extensos dos fenômenos ou de fenômenos similares. A partir da análise comparativa destes levantamentos, seriam constatadas características específicas (ou não) da Lapa, numa tentativa de prova do que foi sugerido. Quanto à coleta de dados feita, deve ser ressaltado seu caráter não definitivo.

A partir da referência a um certo dado, posso inferir a existência deste. Tal inferência, porém, não é necessariamente verdadeira. Todos os índices supostamente deixados por ele podem não provar efetivamente sua existência. Isto só poderá ser feito pela constatação de certa regularidade estatística da presença de tal referência. Quanto ao outro procedimento documental, ou fotográfico, coloca-se também como indicial. Na fotografia (em que não entre trucagem) o nitrato de prata é impressionado por certas condições de luz de um lapso espaço-temporal; mas seu caráter predominante continua sendo o icônico.

Todo o trabalho fica em aberto para possíveis correções futuras.

A LAPA NO RIO DE JANEIRO



A baía do Rio de Janeiro foi descoberta pela frota portuguesa de reconhecimento das novas terras, comandada por André Gonçalves, a 1º de janeiro de 1502. Foi assim denominada por ter sido confundida com a foz de um grande rio. Há quem ponha em dúvida esse descobrimento, pois era costume francês, e não português, o batismo com datas de logradouros e acidentes naturais.

Os franceses eram frequentadores assíduos das costas brasileiras desde seu descobrimento. Usavam a baía como local de refresco de seus navios, tendo ganho a simpatia dos tamoios, que ocupavam o local. Para assegurar o rendoso comércio de produtos da terra, foi decidida a criação da França Antártica. Com tal propósito, aqui aportou, em 1555, expedição chefiada por Villegagnon, instalando-se na ilha que hoje tem o seu nome, de onde foram expulsos em 1560 por Mem de Sá, governador geral do Brasil. Mas como este não deixou a terra ocupada, os franceses sobreviventes, que tinham se refugiado em Cabo Frio, reagruparam-se e construíram novas fortificações.

Mais tarde foi organizada nova expedição, com a chefia confiada ao sobrinho de Mem de Sá, Estácio de Sá, a quem foram delegados poderes para expulsão definitiva dos franceses e fundação de uma cidade.

José de Anchieta, que vinha na frota, descreveu desse modo a entrada na baía: "E assim, todos juntos, em uma mesma maré, com grande alegria, entramos pela boca do Rio de Janeiro, começando já os homens de ter maior fé e confiança em Deus, que em tal tempo socorrera as suas necessidades. Logo ao seguinte dia, que foi o último de fevereiro ou primeiro de março, começaram a roçar em terra com grande fervor e cortar madeira para a "cerca", sem querer saber dos tamoios ou dos franceses, mas como quem entrava em sua terra." A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, "a Rainha das Províncias e o Empório das riquezas do mundo", como a queria Estácio de Sá, foi fundada entre os morros Pão de Açúcar e Cara de Cão, em 1565.

Mem de Sá veio da Bahia para ajudar na expulsão definitiva, o que foi feito em 1567, morrendo Estácio de Sá na batalha decisiva. O governador-geral, antes de voltar a Salvador, transferiu a cidade, que passava a ser a capital da nova capitania real (as capitanias reais eram submetidas diretamente à Coroa), para um sítio melhor, o morro do Descanso (chamado mais tarde de Morro do Castelo, por causa da fortificação ali erguida).

A partir daí, o núcleo original de 150 habitantes começou a se

desenvolver. Sua 1ª economia foi a cana-de-açúcar, e a cidade começou a descer o morro em função do porto, escoadouro da produção açucareira (em 1614, chegou a ser instituído o açúcar-moeda).

Em 1642 o rei de Portugal concedeu aos cidadãos do Rio o uso e gozo "das honras, privilégios e liberdade de que gozavam os cidadãos da cidade do Porto" (graça concedida depois também a São Luís, Belém, Salvador e São Paulo.)

No início do século XVII dois fatores aumentaram enormemente a posição estratégica do Rio: ficava mais perto do que Salvador da Campanha de Sacramento (luta de portugueses e espanhóis no Prata) e do ouro das Minas Gerais (descoberto no fim do século XVII). Isto ocasionou a sua elevação à capital do Vice-Reino, em 1763. As atividades do porto voltaram-se, então, para a saída do ouro, decaindo a produção de açúcar (contribuiu também para este fato a expulsão dos jesuítas - donos dos maiores engenhos - dos territórios portugueses).

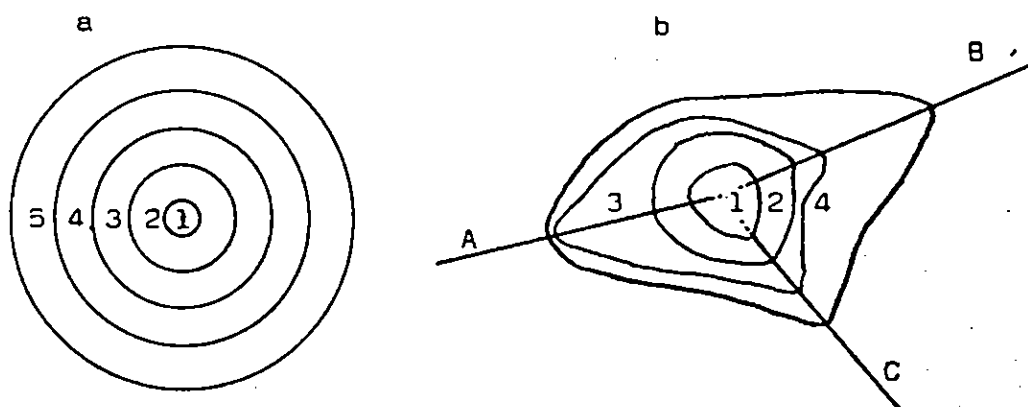
Em 1808, fugindo de Napoleão, chegou ao Brasil D. João VI com toda a sua corte, fato que provocou diversos melhoramentos na cidade e na colônia (abertura de portos, fábrica de pólvora, Imprensa Régia, Banco do Brasil etc). Em 1815 a colônia foi elevada à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarve, e em 1822 foi declarada a sua independência por D. Pedro I. A função comercial e portuária ampliava-se, graças à expansão das lavouras de café, cuja produção se escoaria, em sua maior parte, até o fim do século XIX, pelo porto do Rio de Janeiro.

Em 1834 foi criado o Município Neutro da Corte, passando os fluminenses, oficialmente, a serem chamados cariocas. O Rio, nesta época, já perdera suas características marcadamente lusitanas, tendo sido fator importante para isso a aculturação bantu da maioria dos escravos que vinham para o Brasil (eram alegres, extrovertidos, de alto senso musical e coreográfico), assim como a disposição portuguesa para a miscigenação (o mulato conseguiu quebrar o bloqueio cultural aos nativos da colônia). O aspecto bizarro e alegre da vida rotineira do Rio de Janeiro impressionava os visitantes do Brasil.

Em 1889, a cidade passou a Capital Federal da República, com a proclamação desta, tornando-se, em 1960, a Capital do Estado da Guanabara, criado com a transferência do centro administrativo do país para Brasília.

[illegible]

O economista norte-americano Ernest Burgess, estudando Chicago, desenvolveu um modelo de crescimento concêntrico das cidades (para os casos em que elas se expandam a partir de um núcleo), válido para as grandes aglomerações urbanas de hoje. Segundo os diversos usos (preços) da terra, ele divide a cidade em faixas circulares concêntricas(a).



- 1) Distrito central de negócios (normalmente compreendendo a mais antiga área urbana): valor maior da terra (construções em altura); foco da vida social, comercial e cívica; terminais de meios de transporte (urbanos e interurbanos); bancos, clubes, teatros, museus, hotéis e sedes de grandes empresas; indústrias de produtos de alto valor que requeiram pouco espaço; esvaziamento da função residencial.
- 2) Área periférica do centro: comércio varejista que requeira grande área; pequenas indústrias (móveis, calçados, tipografias); recreação (cinemas, teatros, restaurantes); jornais; apartamentos ou casas velhas; pouca população.
- 3) Área de obsolescência: comércio tradicional (varejo de grandes espaços), varejo de comestíveis comuns, bares; pequenas indústrias e jornais; recreação (cabarês), prostituição; construções velhas e obsoletas aguardando maior valorização da terra; altas densidades populacionais, habitações coletivas (hotéis baratos, casas de cômodo, cortiços), colônias de imigrantes.
- 4) Área de habitações melhores: residências uni-familiares, apartamentos bons e de luxo.
- 5) Área de troca: valor menor da terra; áreas suburbanas ou cidades satélite; ocorrências eventuais de residências da classe mais abastada, ao longo das vias de comunicação rápida.

O modelo de Burgess foi enriquecido por Homer Hoyt, que considera

o sistema viário como fator determinante na dilatação do centro.

(b) A zona 3 pode se desenvolver mais para leste, ao longo de A, a zona 4 mais para oeste, ao longo de B etc, formando setores que balizam o crescimento futuro das cidades.

Um desenvolvimento posterior destes 2 modelos, leva em consideração o fenômeno do aparecimento de sub-centros, onde se repete, guardando as devidas proporções, o mesmo mecanismo (os sub-centros são sempre unidades, dependentes, e seu desaparecimento não impediria a continuação da vida da metrópole). O modelo final resultante, generalizável para as cidades norte-americanas, pode aplicar-se satisfatoriamente ao caso do Rio de Janeiro, por coincidência, cidade litorânea (Chicago está plantada nas margens do lago Michigan).

Aqui, é importante considerar o fator topográfico para a determinação do centro da cidade (zona 1): sobreposto ao fato dele ter sido o núcleo urbano inicial (ali se localizam as instituições administrativas), foi até recentemente passagem obrigatória entre as 2 zonas de expansão da cidade (norte e sul) devido aos avanços dos contrafortes do maciço Carioca até quase o mar (espigão de Santa Tereza).

A Lapa, assim como Paula Matos, Glória, parte do Catete, Mangue, Gamboa, parte de São Cristóvão, pode ser considerada zona de obsolescência, que coincide com a principal área de residência do século XIX. A maioria das construções compõe-se de sobrados velhos e estreitos, edificadas numa época em que o aproveitamento da área circundante da célula-mater da cidade era máximo, devido à inexistência de transportes coletivos rápidos. Esta zona do Rio abriga alguns quarteirões étnicos, como os judeus da praça Onze, portugueses na Gamboa, italianos em Paula Matos e, como fenômeno de peso menor, famílias sírias na R. Joaquim Silva e R. Morais e Vale, na Lapa.

A Lapa situa-se quase contígua à zona 1, assistindo-se hoje à sua assimilação por esta. Mas guarda ainda características de zona 2. A agonia foi lenta: as construções em altura, assim como o surgimento de sub-centros (Copacabana etc), retardaram o crescimento horizontal da zona central.

A descida do morro do Castelo (A - ver mapas adiante) para a várzea começou a se efetuar ainda no século XVI, com as ermidas de São José (a), Santa Luzia (b), Nossa Senhora do Ó (c) e Ajuda (d), em volta das quais foi se agrupando o casario. Em 1623 esta descida é sustada pelo fantasma da invasão holandesa: reforçam-se os muros da cidadela do Castelo, assim como todas as fortificações. Mas quando assume o governo Salvador Correia de Sá, em 1637, este desrespeita proibições e força a descida do morro. Na urbanização da várzea já se fala em cordeamento, ruas direitas conforme às mais, de 30 palmos etc, e há uma relativa regularidade que reflete idéias de renascença, em contraposição à ordenação do casario no morro, mais próxima do medievo português.

São duas disposições diferentes que determinam as duas tramas diferentes nos arruamentos da parte plana. Pela 1ª, respeita-se o sítio: são as ruas que desciam do morro do Castelo e o costeavam, para evitar alagadiços (S. José-1, Misericórdia-2). Pela 2ª, aterraram-se lagoas e pântanos e forma-se um pattern de ruas no qual entra em jogo maior "vontade urbanística"; é o desrespeito ao sítio (área entre os morros do Castelo, Santo Antônio-B pelo sul e São Bento-C e Conceição-D pelo norte). Não são categorias estanques: a R. Direita do Castelo a S. Bento (3 - atual 1ª de Março) acompanhava a linha mais alta da praia de Manoel de Brito (E), sendo abertas, depois, ruas razoavelmente paralelas e perpendiculares a ela. O caráter dessas ruas vem em função das concepções urbanísticas do século. Em Portugal eram encontrados os mesmos traços de paisagem e estrutura urbana, mesmo em topografias favoráveis e concepções mais grandiosas.

Os 4 morros que delimitavam a área da cidade, eram, no século XVII, ocupados da seguinte forma: Castelo - fortificação e convento dos jesuítas; S. Bento - convento dos beneditinos; Sto. Antônio - convento dos frades menores franciscanos; Conceição - igreja de N. S. da Conceição. Fora do quadrilátero por eles formado, encontravam-se pouquíssimas construções (chácaras e engenhos de açúcar).

Com a elevação da cidade a capital do Vice-Reino, no século XVIII, completou-se a conquista de brejos e lagoas da cidade, começando o mesmo procedimento em direção ao sul e ao norte. Melhorou-se o abastecimento de água da cidade graças à construção do aqueduto que levava a água do Rio Carioca do Silvestre ao antigo Campo de Sto. Antônio, que passou a se chamar largo da Carioca.

Com a vinda da família real e independência do Brasil, a cidade se expandiu, ganhando novos melhoramentos (passou de 60000 habitantes

em 1808 a mais de 500000 em 1900). Começou a ocupação sistemática do sul e do norte: os ingleses foram pioneiros no Botafogo, os franceses na Tijuca, e os nobres portugueses, em razão de D. João VI ter se instalado na Quinta da Boa Vista, foram fixando-se em direção a S. Cristóvão. De meados do século em diante ocuparam-se os vales e os morros, mas a grande modificação na estrutura e paisagem urbana só viria no princípio deste século, sob a gestão do prefeito Pereira Passos.

O termo urbanismo foi criado pelo arquiteto francês Alfred Agache, em 1912. Ao que se chama hoje urbanista, chamou-se, sucessivamente mestre-do-risco, engenheiro-militar e arquiteto-paisagista. O mestre-do-risco dominou até o século XVIII, sendo um artista licenciado para construir, depois de aprendizado com outro mestre e de provada a sua capacidade, e o engenheiro-militar exercia, aproximadamente, as funções de um engenheiro-civil (respectivamente Mestre Valentim, autor do projeto do Passeio Público, chafariz da praça Quinze e diversas estátuas e talhas; José Fernandes Pinto Alpoim, autor do projeto dos Arcos Novos da Carioca (f), convento de Santa Tereza-g etc). O arquiteto-urbanista já se aproxima mais do urbanista de hoje. O primeiro que aqui chegou, com a missão francesa (1816), foi Grandjean de Montigny, também arquiteto. Batia-se pela arborização, fim de ruas estreitas, recuo dos edifícios, alertando as autoridades para as disfunções que não tardariam a aparecer.

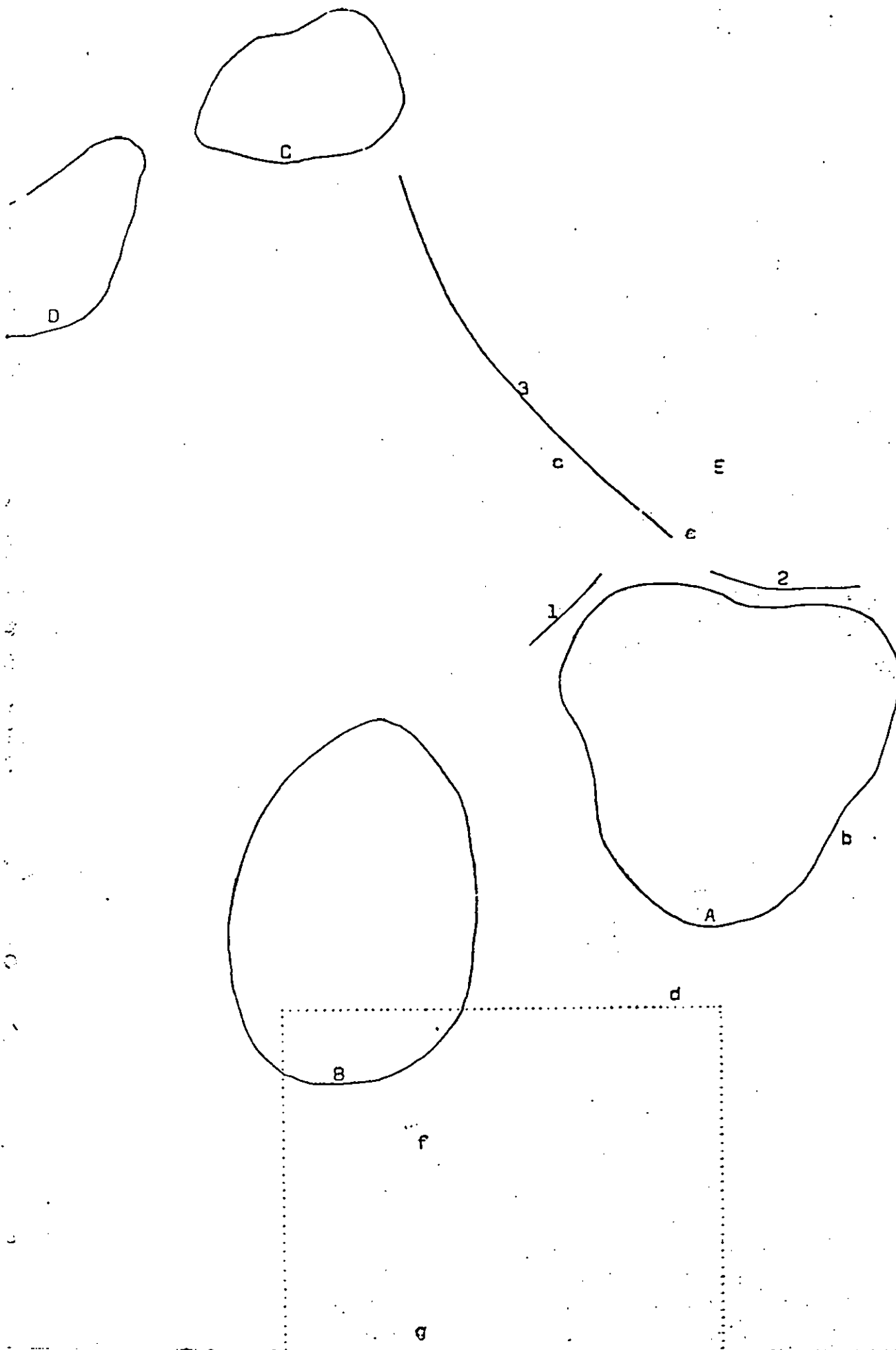
Em 1871, o ministro-conselheiro João Correia de Oliveira nomeou uma comissão para estudar mudanças urbanísticas necessárias. Formavam-na os engenheiros Moreis Jardim, Marcelino Ramos e Francisco Pereira Passos. Este último foi nomeado prefeito em 1902 no governo de Rodrigues Alves; quando abandonou a administração da cidade, tinha executado seus 195 projetos, entre os quais a criação do cinturão norte-sul (Av. Rodrigues Alves-4, Av. Central-5 - atual Rio Branco e Av. Beira-Mar-6), abertura da Av. Mem de Sá (?), melhoramentos do porto (ajudado pelo governo federal), alargamento e asfaltamento de diversas ruas, embelezamento da cidade etc. Depois da Reforma Passos é que o Rio passou a ser denominado "A Capital Federal". Esta foi a mais importante reforma sofrida.

A respeito dessas mudanças, pronunciou-se Le Corbusier, em conferência proferida em 1936: "Bem sei que o prodigioso espetáculo natural que envolve e domina o Rio - suas baías, suas montanhas - existiram sempre. Faltava entretanto dar a esses elementos naturais e exuberantes o meio de nos tocar profundamente. Era preciso encontrar a escala humana que pudesse servir de base.

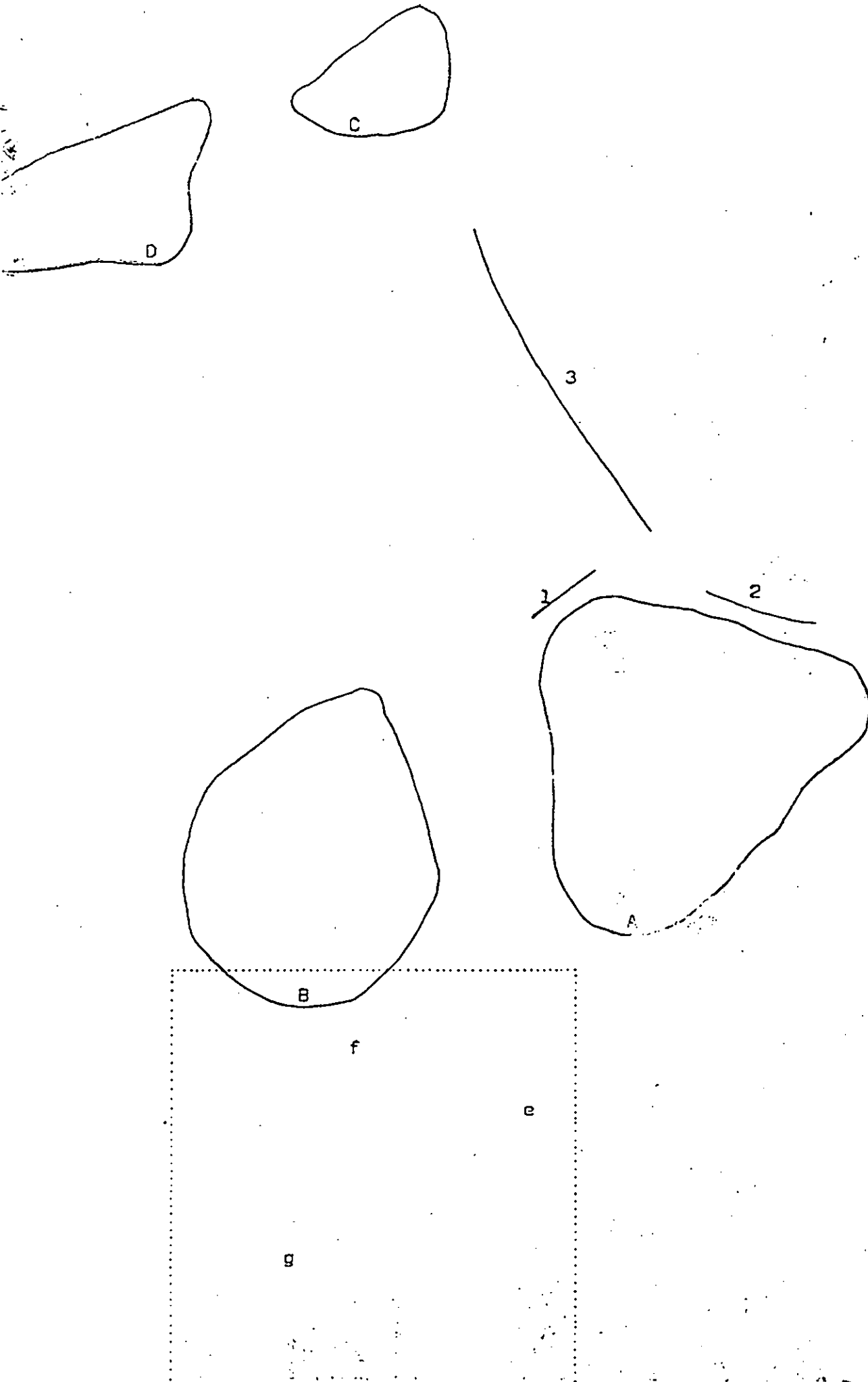
de aplicação. Sem Passos o Rio permaneceria uma agradável cidade de colônia. Com Passos, ingressou de vez no rol das grandes capitais do mundo; Rio, paisagem admirável, transformou-se em Rio, grande cidade."

O século XX continua assistindo a profundas mudanças: desmontes dos morros do Castelo (1922) e de Sto. Antônio (1960); aberturas das avenidas Presidente Vargas (8) e Brasil (1937-1945); construção da adutora do Guandu, aterros do Flamengo (9) e da Copacabana; escavação dos túneis Rebouças, Sta. Bárbara e outros; construção de viadutos etc (1960-1973).

1758/1760



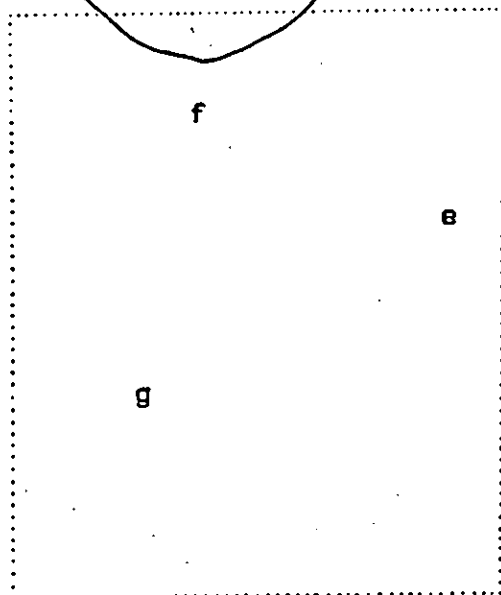
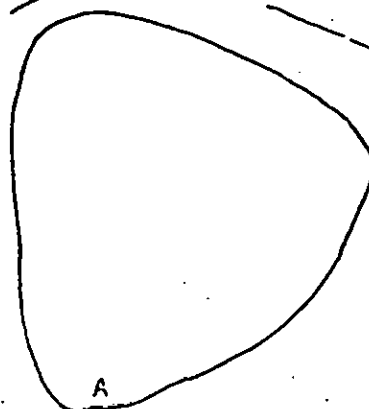
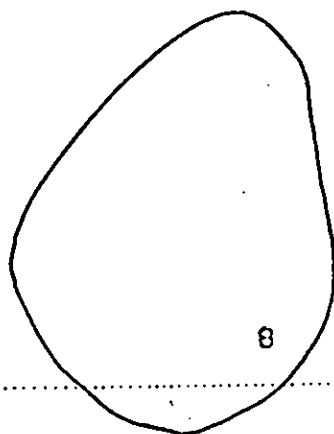
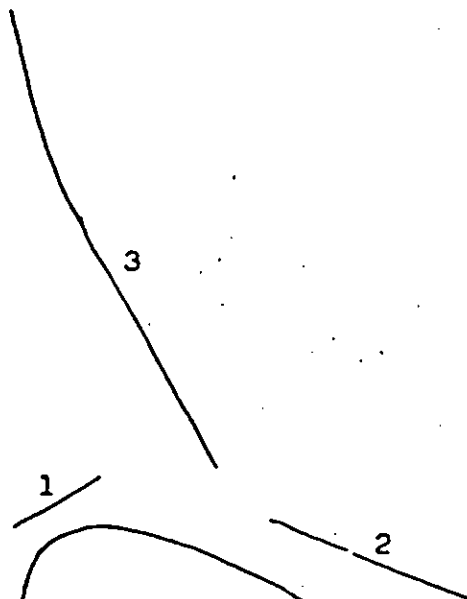
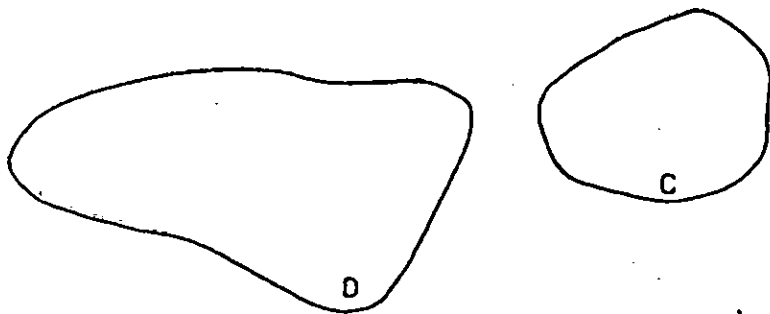
post. 1818

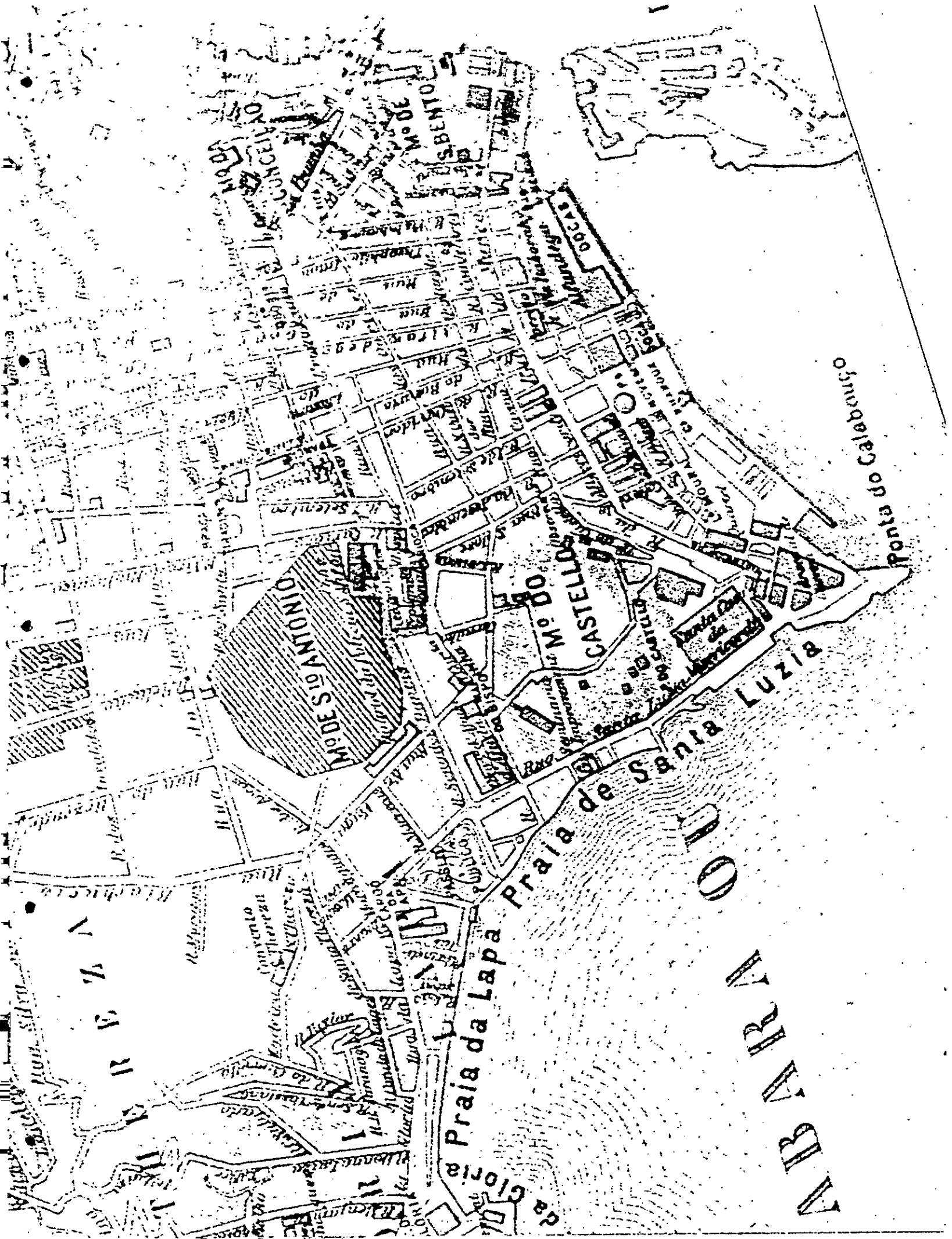




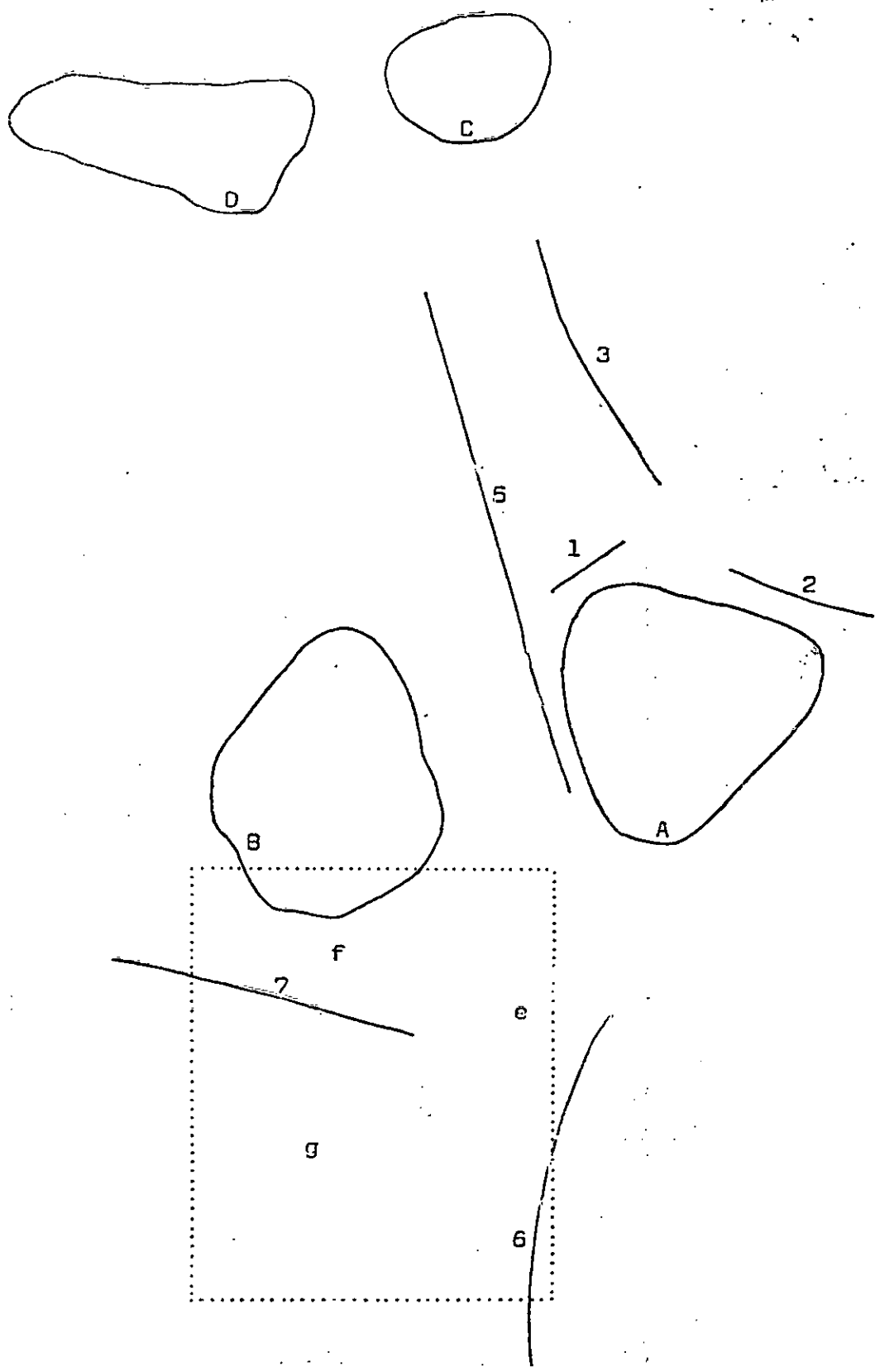


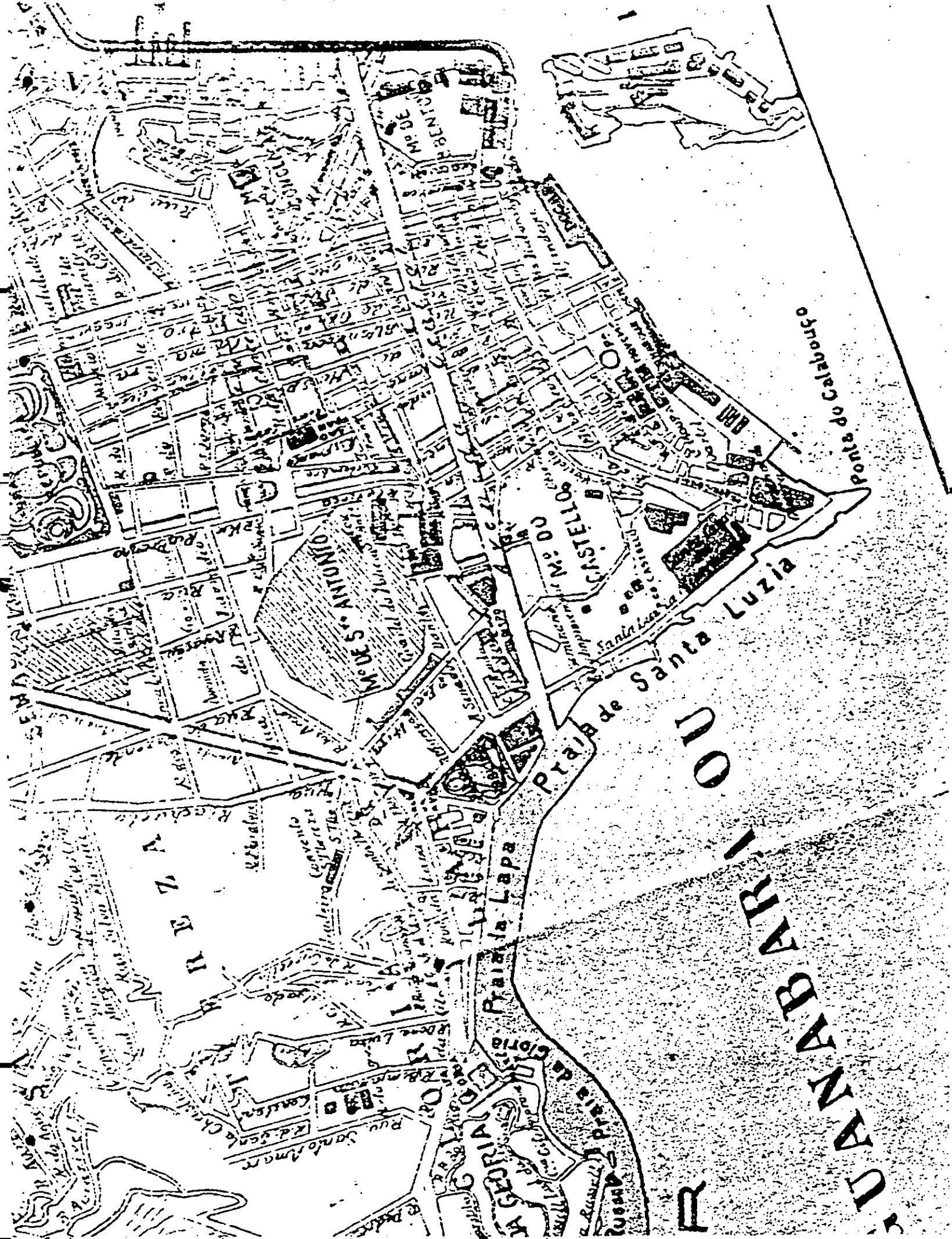
1890/1900





1907





RIO DE JANEIRO

MUSEU SANTO ANTONIO

CASTELLO

Praia de Santa Luzia

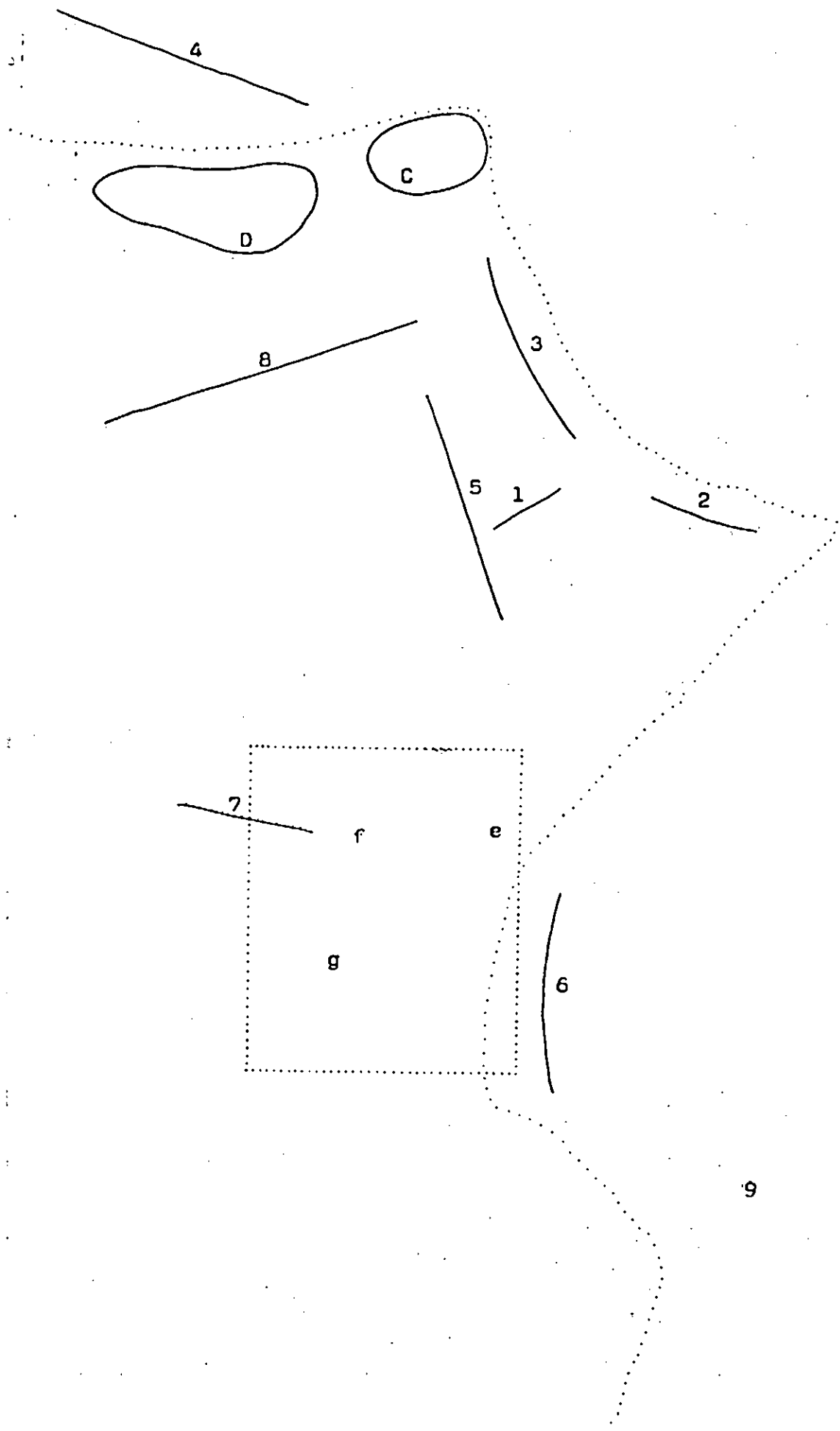
Ponte de Calaburgo

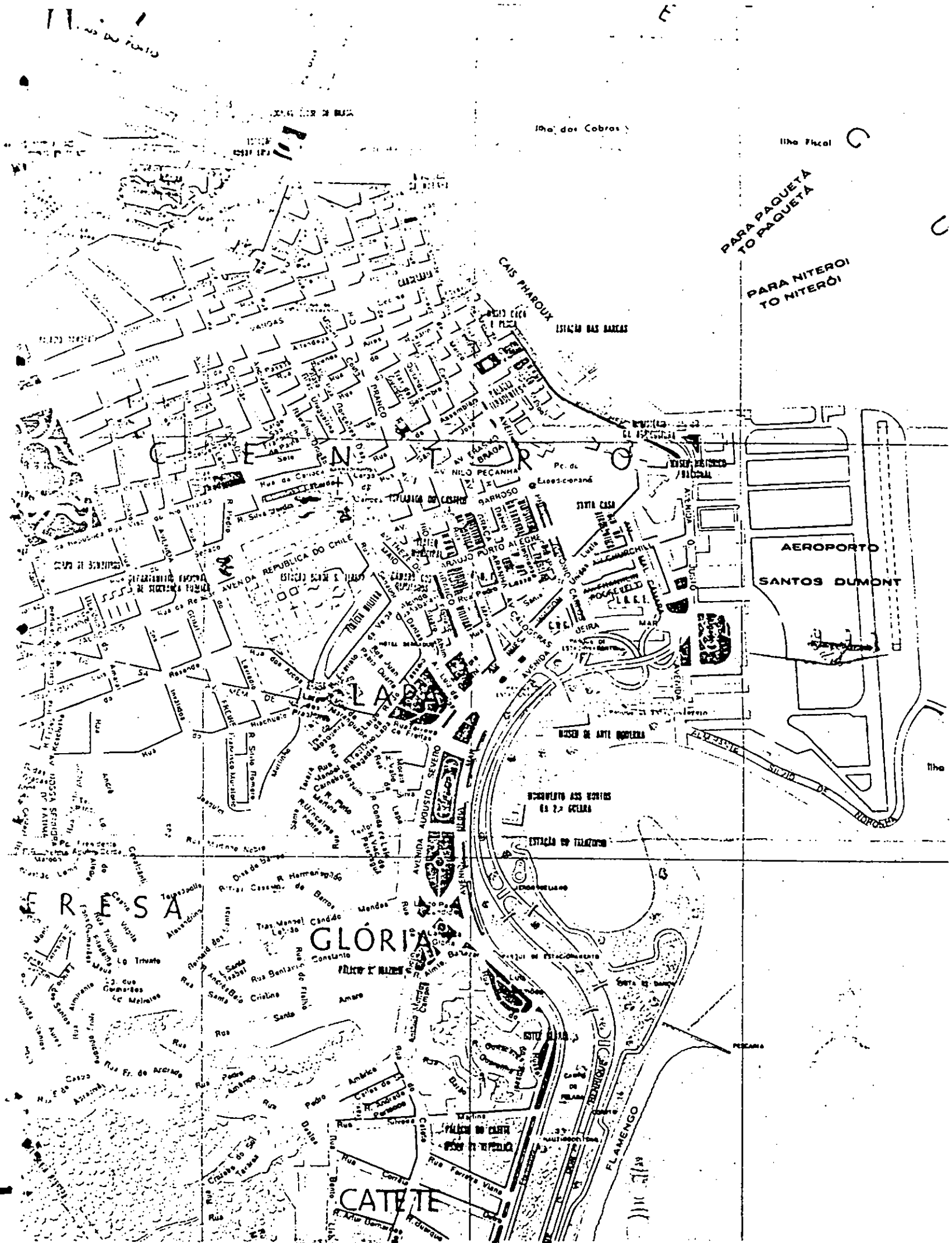
Praia da Lapa

Praia da Glória

QUADRA DE ANABARÁ

1969/1972





PARA PAQUETA
TO PAQUETA

PARA NITEROI
TO NITEROI

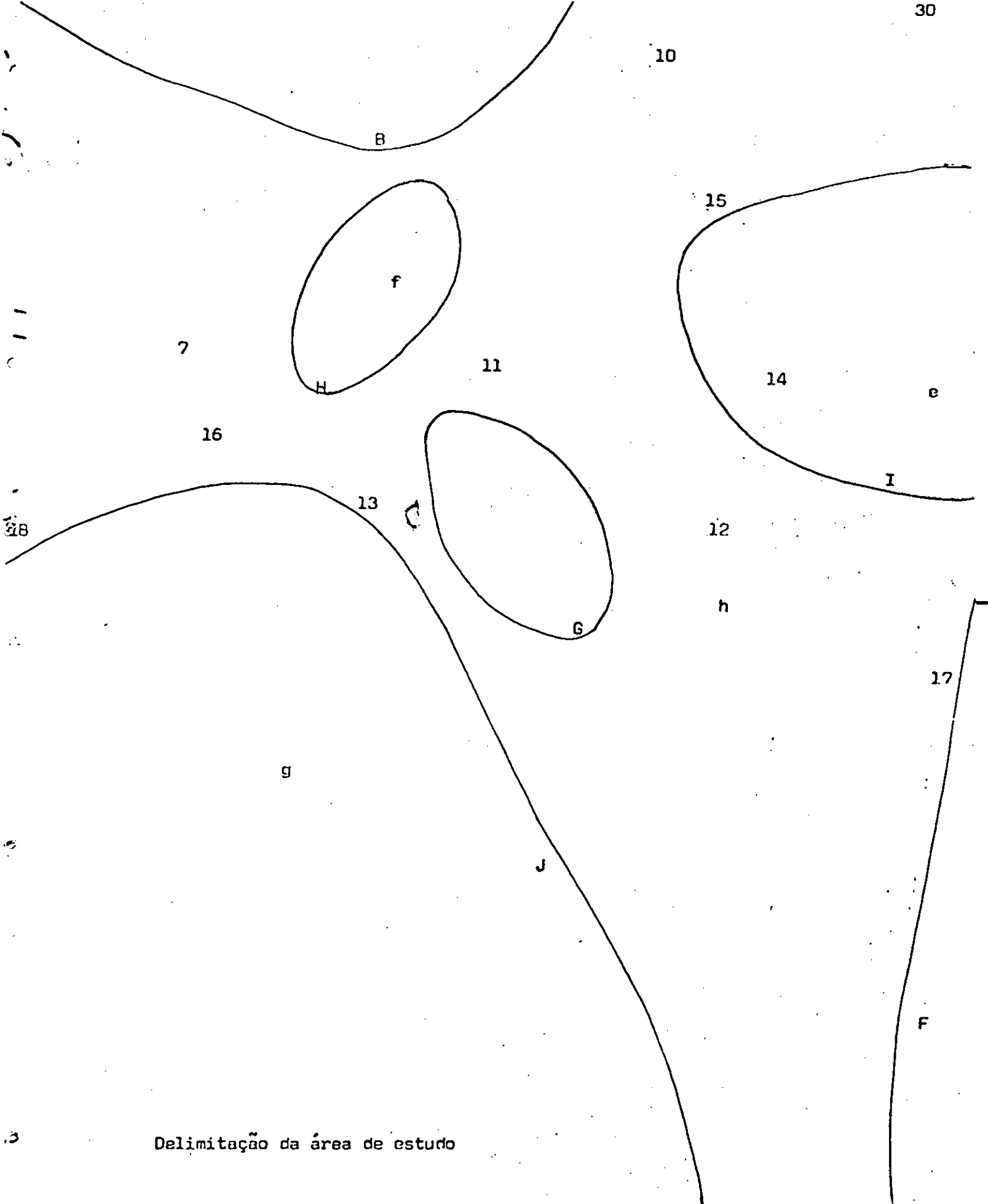
AEROPORTO

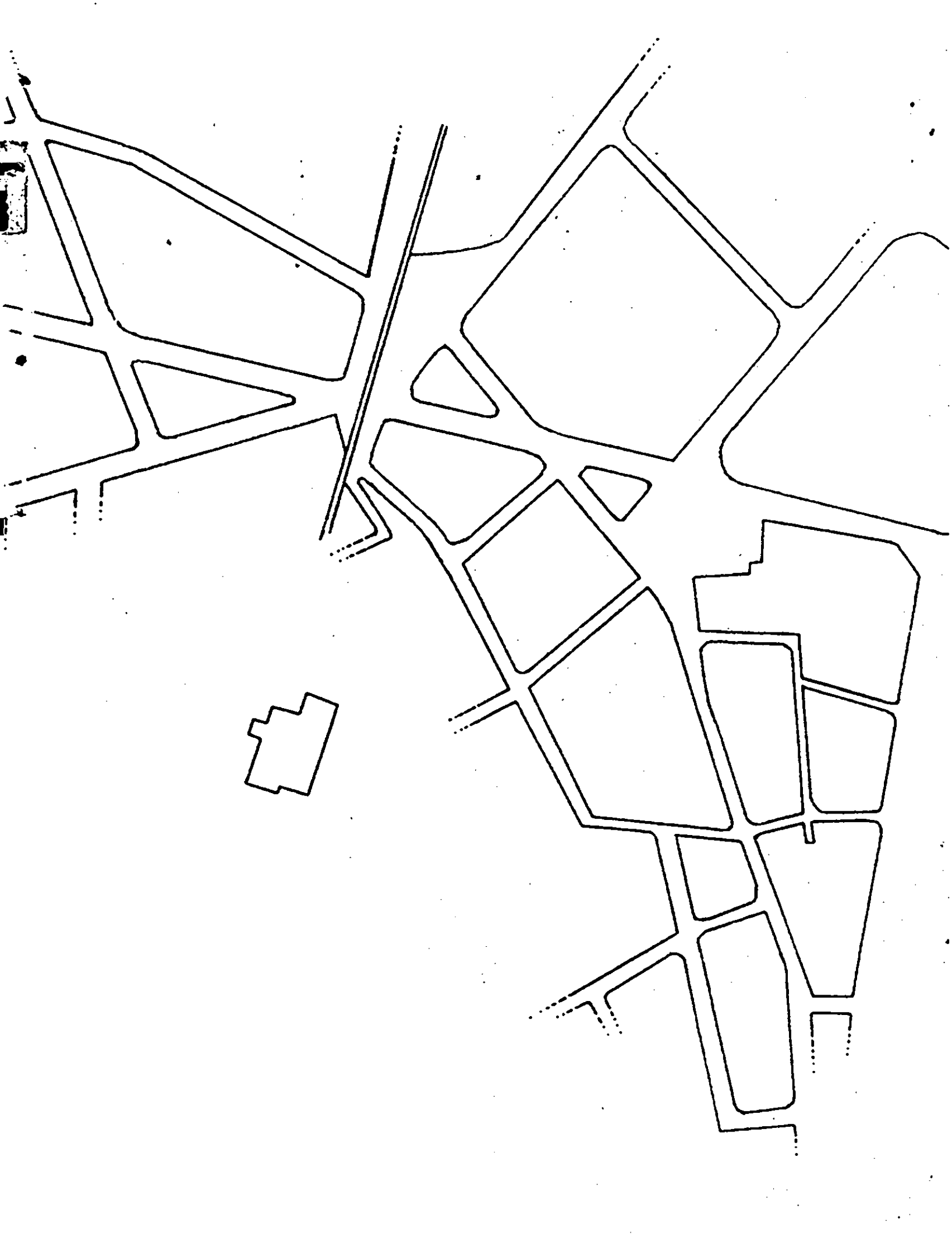
SANTOS DUMONT

GLÓRIA

CATETE

FLAMENGO





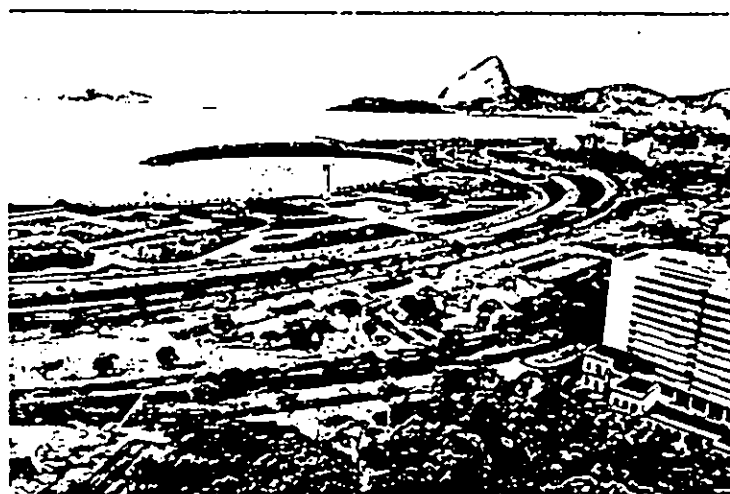
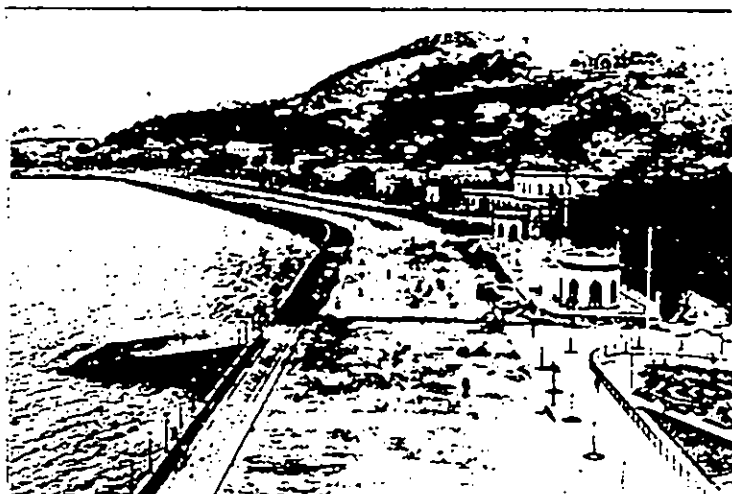
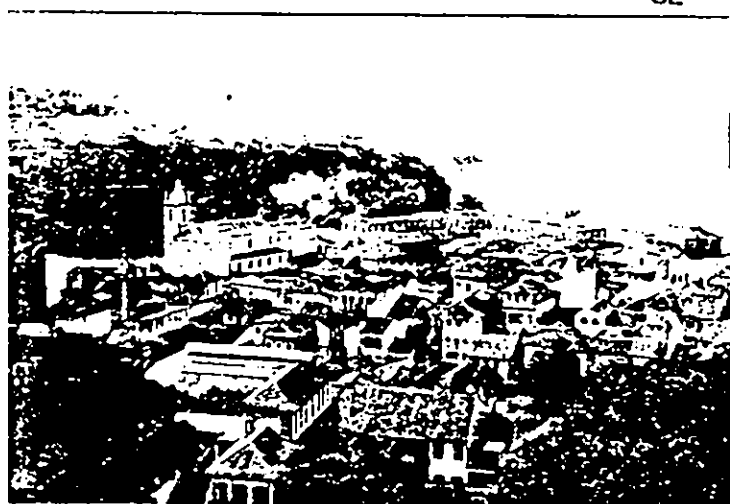
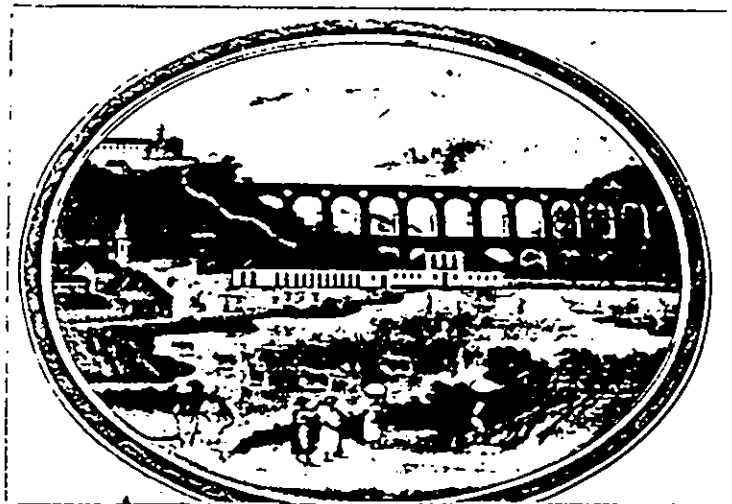
O Rio é dividido em 35 circunscrições fiscais, para efeitos censitários, que não correspondem aos bairros. Um bairro é um sub-sistema dentro do sistema cidade dotado de certa individualidade. "Um bairro é caracterizado, ao mesmo tempo, por certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por sua função." (J. Tricart) Acrescenta-se ao bairro carioca um 4º fator de caracterização: a topografia.

A Lapa desenvolveu-se na única passagem para o sul, entre o morro de Sta. Tereza (J) e o mar (F). Em mapa de 1567, já aparecia o caminho da Carioca, que ligava o centro à Carioca (Flamengo), uma simples picada, desdobrando-se depois, no trecho em que passava na Lapa atual, no caminho do Desterro (10), que ligava o largo da Ajuda (em frente ao antigo convento da Ajuda, atual Cinelândia) à ermida do Desterro (construída onde se ergue atualmente o convento de Sta. Tereza-g) e no caminho das Mangueiras (11), que chegava ao atual largo da Lapa (12), de onde se ganhava a praia, e daí o outeiro da Glória etc.

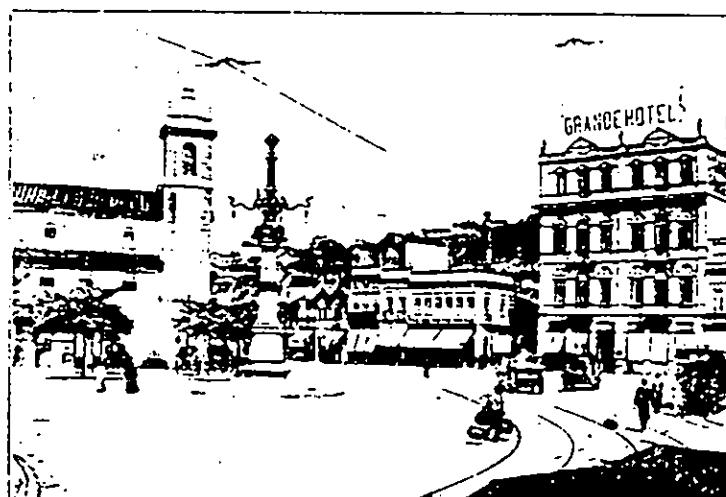
O caminho do Desterro (que deu origem à rua Evaristo da Veiga) costeava o morro de Sto. Antônio (B - antigo morro do Carmo, pois se destinava a sítio para a construção do convento dos carmelitas, os quais acabaram preferindo o local onde se erguia a ermida de N. S. do Ó, na atual praça 15 de Novembro), evitando os alagadiços das margens da lagoa do Boqueirão da Ajuda (I - a única entre as das redondezas que se comunicava com o mar) e a lagoa do Desterro (H), que ficava entre os morros de Sto. Antônio e Sta. Tereza (E - antigo morro do Desterro, em função da ermida consagrada a Virgem Maria sob esta invocação), e que foi depois aterrada para a construção, no local, dos Arcos da Carioca (f). O caminho subia o morro por uma picada (ao pé da qual ficava um cruzeiro de pedra indicando a casa de Deus acima) que deu origem à ladeira de Sta. Tereza (13).

O caminho das Mangueiras (que deu origem à atual R. Visconde de Maranguape) assim se chamou pois passava na chácara das Mangueiras logradouro repleto dessas árvores. Costeava o morro das Mangueiras (G), contraforte de Sta. Tereza desmontado para o aterro da lagoa do Boqueirão, onde foi construído o Passeio Público (e) e traçadas as ruas do Passeio (14 - um caminho que vinha da Ajuda e foi continuado sobre o aterro) e das Belas Noites (15 - atual R. das Marrecas).

As ruas podem ser lidas como índices de uma direção, que responde a condições do terreno e a direções de ruas existentes anteriormente. Na trama de arruamentos, detecta-se símbolos de



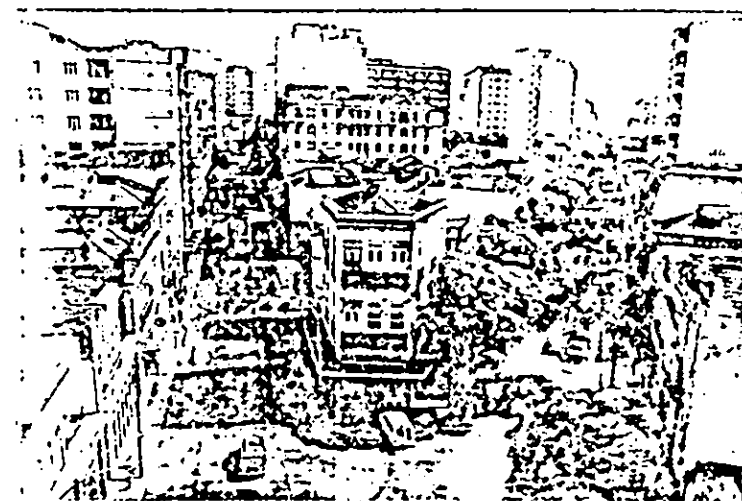
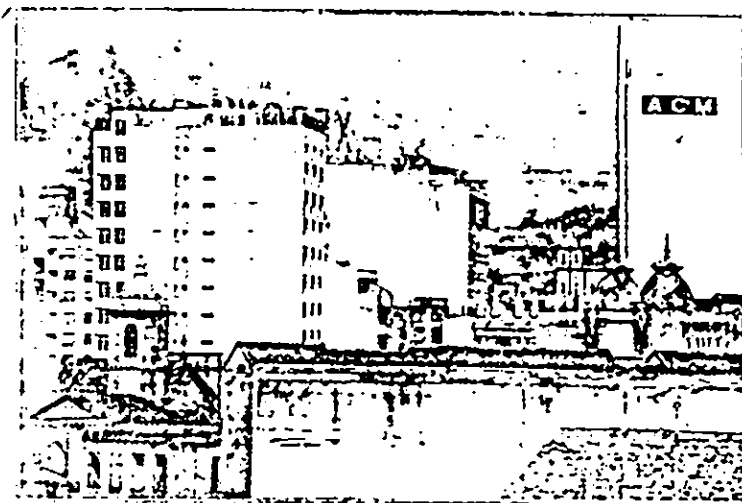
uma cultura (ocidental: medieval, renascentista, moderna), assim como na numeração das casas (que no Japão é feita segundo a sucessão temporal das construções). O sentido ocidental da numeração em cidades litorâneas é determinado virando-se as costas para o mar (ou "mar original", que banha o 1º núcleo urbano): à esquerda estão os números ímpares e à direita os pares, que crescem segundo a sucessão especial das edificações. Mesmo a concepção dos aterros e desmontes pode ser encarada culturalmente: do aterro de alagadiços passa-se ao do Boqueirão e daí à Av. Beira-Mar e ao aterro do Flamengo. Quanto ao desmonte de Sto. Antônio, seu projeto é anterior ao do Castelo. A sua efetivação é dado



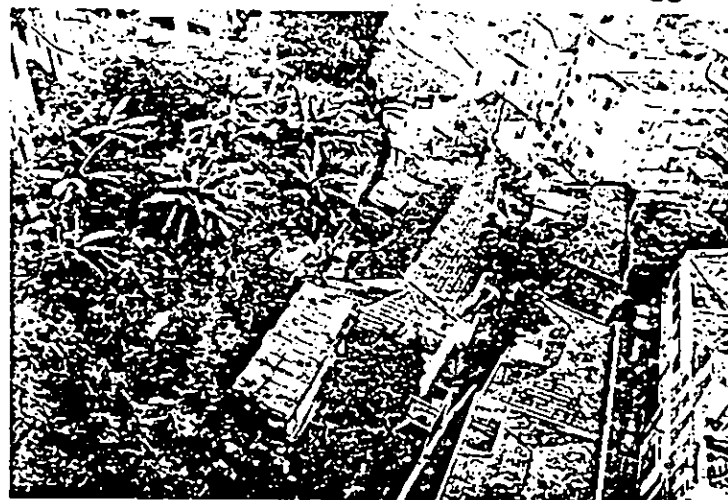
significativo na dilatação do centro, que sempre se desenvolve no plano.

O largo é uma interseção de direções, é um momento de decisão. Denota uma função de transbordo. As possibilidades de uma rua são dois sentidos. As possibilidades de um largo são os arranjos dos sentidos de todas as ruas (direções) que o atravessam ou nele desembocam. Dentro do sistema viário, respira-se no largo. Já a praça pode ser considerada a filha do largo que não gosta de trabalhar (ou não: a utilização da nomenclatura não é precisa): nela se desenvolve mais a função do lazer, sendo descendente direta do "campo" ou "terreiro" dos séculos XVII e XVIII. Há praças com características de largo e vice-versa.

As aberturas na trama urbanística, no século passado, davam-se normalmente em frente a templos religiosos, dada a sua importância na vida social da época. Tecnicamente, o largo da Lapa poderia ter nascido ao pé dos Arcos, partindo dele as ruas Evaristo da Veiga, Visconde de Maranguape e Riachuelo (16 - antiga estrada de Mata Cavalos). Tal não se deu por causa da edificação da igreja da Lapa (h) começada a construir em meados do século XVIII. (Antes disso, o movimento nessa área talvez não justificasse a caracterização de um largo - a estrada era de matar cavalos, como o nome indica, e a saída pelo sul fazia-se pela praia.)



Da Lapa parte-se para o centro (R. do Passeio e Evaristo da Veiga), para o sul (Augusto Severo - 17 - antiga praia de Areias de Espanha e praia da Lapa, quando o bairro passou a ser assim denominado), e R. da Lapa, antiga da Lapa do Desterro, aberta em meados do século XVIII) e para o norte (R. Riechuelo, que ia beirando os morros até o Estácio, e Av. Mem de Sá (7), aberta por Pereira Passos, reta e arborizada). A partir dessas vias principais, a trama urbanística se completa com ruas secundárias em função da ocupação do terreno e comunicação com o morro de Sta. Tereza. Mantêm ainda calçamento de paralelepípedos e, dada a sua função segunda, algumas delas serão conservadas na nova urbanização.



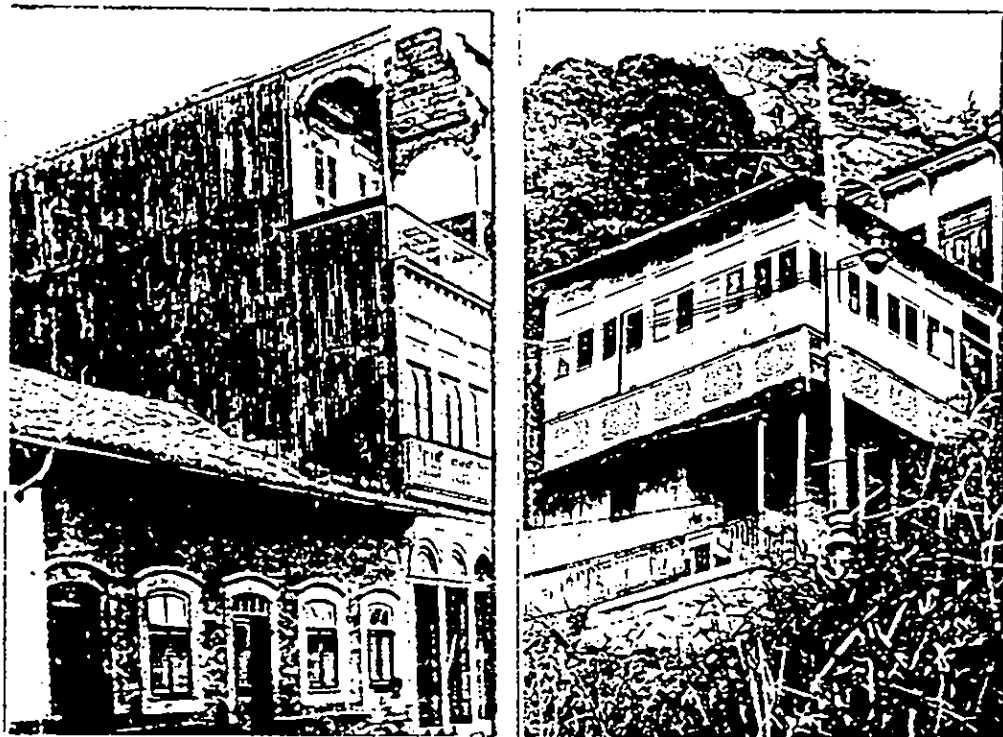
A Prossêmica estuda as significações que o espaço físico e temporal pode ganhar, segundo diversas culturas. Na determinação de um universo sensorial, atuam diversos elementos: odores, tactilidade, percepção do calor do corpo alheio, distância entre falantes etc, assim como a diferença entre as culturas monocrônicas, onde os indivíduos são levados a fazer uma coisa de cada vez (a alemã) e as policrônicas, onde há a co-presença de diversos projetos (a latina).

O estudo prossêmico distingue:

- a) configurações fixas - são determinadas, normalmente, por dados objetivos, que, por sua vez, são determinados por saberes culturais (por exemplo, planos urbanísticos)
- b) configurações semi-fixas - espaços que ganham significados a partir do uso (saber cultural de quem os usa)
- c) configurações informais - são codificados inconscientemente (distâncias públicas, sociais, pessoais e íntimas. As distâncias confidenciais nos países latinos são consideradas violações da "privacy" nos países anglo-saxões).

Os fatores étnicos, geográficos, econômicos etc, determinantes de uma cultura, são os mesmos determinantes da linguagem do espaço.

Segundo o fator topográfico definiu-se a formação do espaço no Rio de Janeiro. A dilatação da cidade estrangulava-se ao passar de uma enseada para outra ou de um a outro vale (morros da Glória - Sta. Tereza, Viúva - Mundo Novo, garganta de Humaitá). O fato de o terreno ser alagadiço e pantanoso determinou a valorização da terra conquistada, sendo os quarteirões conquistados divididos em terrenos de testada estreita que cresciam para os fundos (que continuavam pantanosos, até serem aterrados para a expansão do prédio). O movimento das ruas que contornavam ou subiam os morros pode ser notado nos patterns formados pelos telhados. Entre a 2ª metade do século XVIII e o fim do século XIX, dividiram-se as chácaras nos arredores da cidade, em iniciativas isoladas, quase sempre de particulares, ganhando a Lapa o desenho dos lotes que começou a perder com o início das demolições.

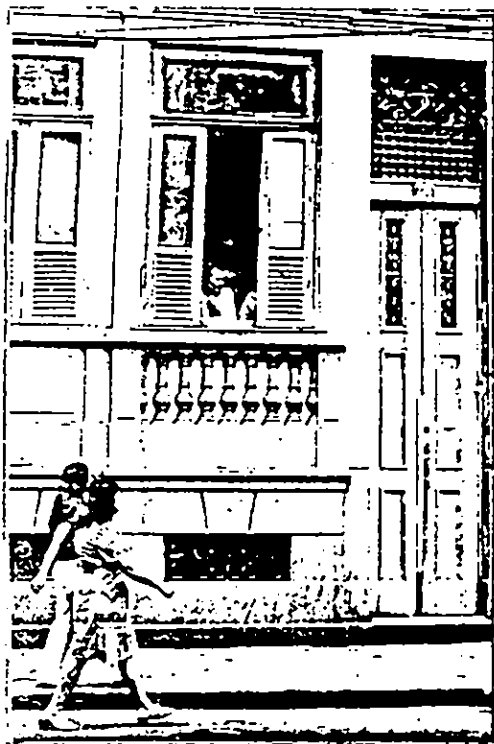


Uma construção arquitetônica é um signo de uma forma de habitar que promove a generalização de hábitos e resulta dela, num jogo contínuo de espelhos (diante de fenômenos de "trompe-l'oeil" posso me dispor para o uso, mesmo inexistindo a função sugerida). Apesar da possibilidade do emprego de elementos de acentuação qualitativa das funções do espaço, é uma configuração prossêmica semi-fixa. Tais elementos funcionam como índices degenerados e, com o correr do tempo, seus interpretantes originais tendem a se perder. Podem, inclusive, passar a ser lidos como índices de funções decorativas.

Segundo as possibilidades sintáticas numa construção, os elementos arquitetônicos dividem-se em:

- 1) signos de determinação planimétrica (que dão um limite horizontal inferior ao volume arquitetônico)
- 2) signos de união (entre elementos de determinação planimétrica postos em diferentes cotas, podendo ser elementos de união contínuos - rampas - ou em degraus - escadas)
- 3) signos de contenção lateral, auto-sustentadores - fixos e móveis - ou sustentando alguma coisa
- 4) signos de comunicação entre os elementos de contenção lateral
- 5) signos de cobertura, auto-sustentadores ou sustentados
- 6) signos autônomos de suporte, verticais, horizontais ou inclinados, e assim por diante (Ítalo Gamberini, cit. em "A Estrutura Ausente", Humberto Eco)

A maioria dos prédios antigos encontrados na Lapa foi construída entre 1890 e 1920. Substituindo o neoclassicismo trazido pela missão francesa (que pouco modificara a estrutura do prédio colonial), surge na 2ª metade do século XIX o ecletismo, produto internacional decorrente do choque produzido pela Revolução Industrial.

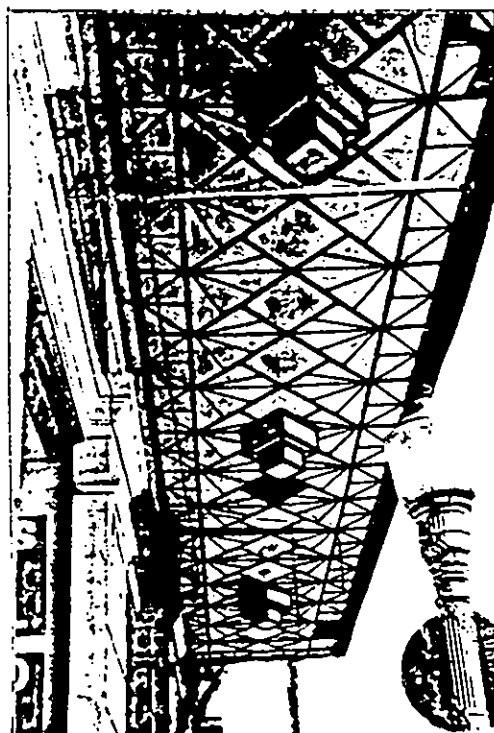


Importante fator das mudanças operadas nas construções foi a abolição da escravatura. Das propriedades urbanas, só persistiram vivas as pequenas ou médias, em que os escravos não ocupavam mais do que uma dependência nos fundos. E mudaram, sobretudo, as técnicas de construção. No início de 1800 passara-se da taipa às casas quase talhadas em pedra e começaram-se a construir as grandes casas de chácara. Em posturas de 1795 determinara-se o caráter das pequenas construções urbanas: sobrados ocupando todo o lote. Com a fragmentação dos terrenos das chácaras, suas casas diminuíram e ganharam características que norteariam futuramente (a partir da 1ª década deste século) algumas construções na periferia do centro (principalmente a ocupação não integral do lote).

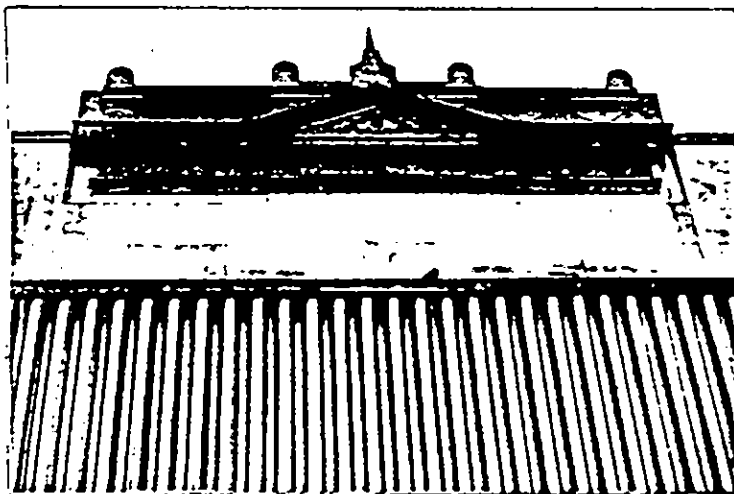
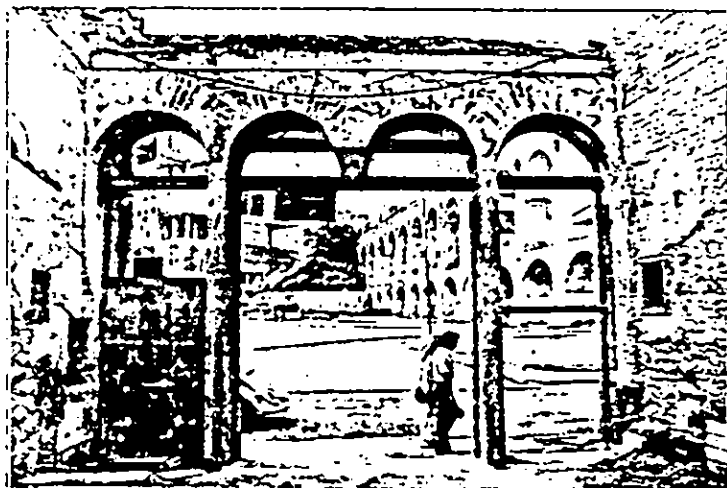
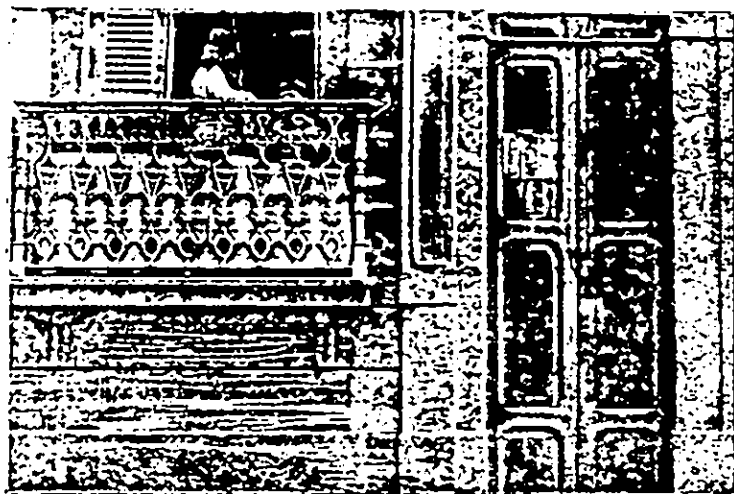
A planta do edifício pouco mudou. Nas casas de um pavimento (bastante raras), sala na frente, de onde partia um corredor ledeado de quartos, ficando nos fundos a cozinha, a despensa e o quarto de banhos (que já vinha se firmando mesmo nas casas mais modestas; os banheiros eram recobertos por folhas de flandres pintadas, substituídos depois por ferro fundido). Nas casas de 2 pavimentos, os quartos de dormir ficavam no 2º andar. Em posturas de 1903 o pé direito mínimo deste pavimento ficou fixado em 4,40m e o do 1º pavimento em 4m, assim como autorizaram-se porões habitáveis de 2m, elevando-se o piso do 1º pavimento para esta medida. Em 1892, o pé direito mínimo para o 1º, 2º e 3º pavimentos havia chegado ao absurdo de 5m. Uma casa de 3 andares tinha altura equivalente à de um prédio atual de 5 andares.



Com o fim da mão-de-obra escrava e as facilidades do comércio com a Europa impuseram-se novas técnicas de construção. O desenho da caixilharia de guilhotina, que havia substituído as antigas gelosias de treliça, cedeu lugar aos vidros inteiros das esquadrias de abrir à francesa. A mão-de-obra especializada estrangeira era pródiga em estuques na decoração das fachadas, madeiras cuidadosamente recortadas etc. As vigas, frisos e soalhos de pinho de Riga eram mais baratos e aparelhados que a madeira nativa. Importavam-se azulejos, papéis de parede, mobílias e lustres, lavatórios e vasos sanitários floridos etc. A indústria nacional colaborava com pouca coisa, e de desenho estrangeiro, em



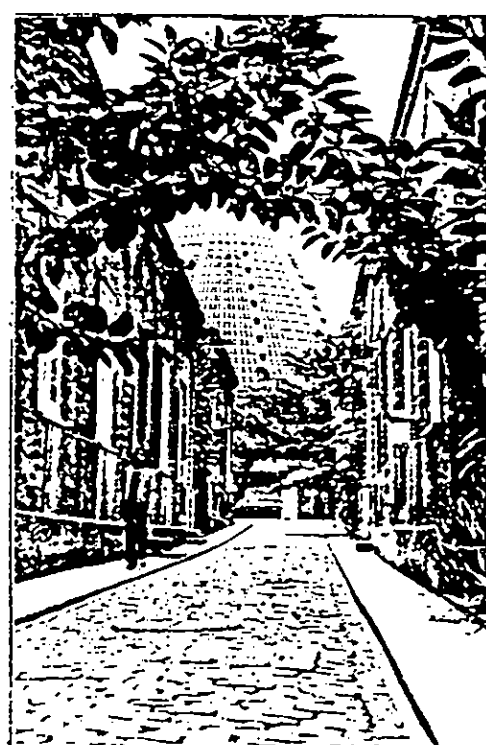
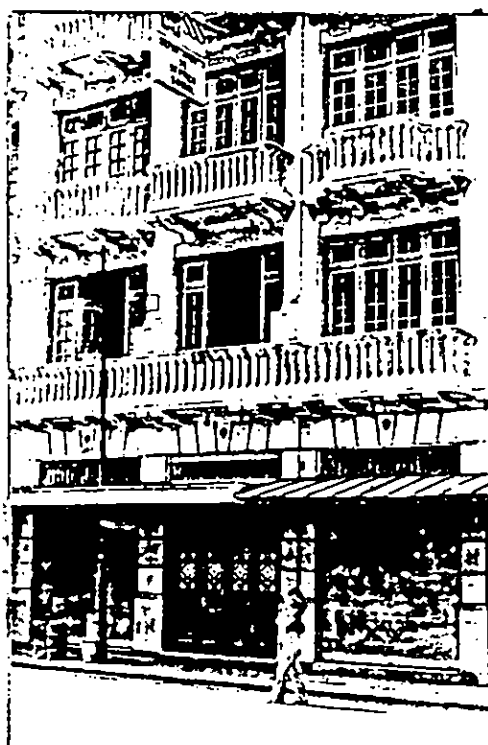
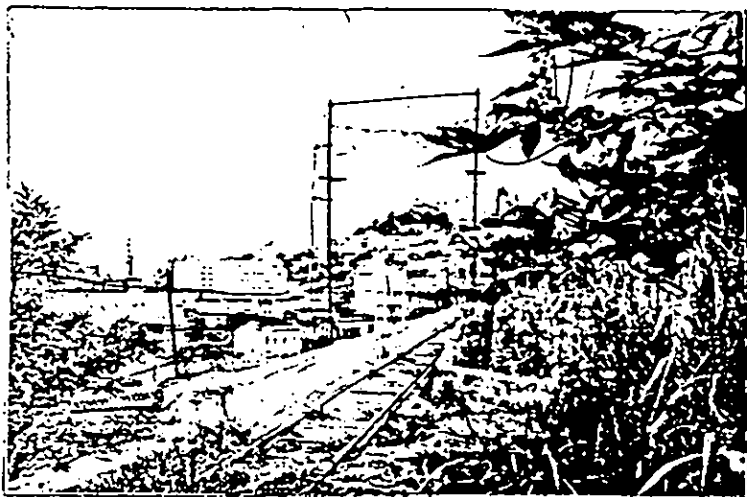
grande parte. Da fundição da R. dos Arcos saíam as "ferrone-las", já usadas nas sacadas do período colonial. As grelhas de ferro trabalhado eram empregadas nos frisos dos entablamentos visando a saída do ar quente, operação que se repetia nos porões elevados (impedindo, nestes, a entrada de gatos). Utilizava-se também o ferro nas sacadas e estruturação de marquises. Aliado ao vidro, já era encontrado nas claraboias, elemento de iluminação das casas compridas e grudadas umas nas outras. A partir do começo deste século, porém, as concepções de ferro e vidro tornam-se mais ousadas, apoiadas numa tecnologia mais desenvolvida.



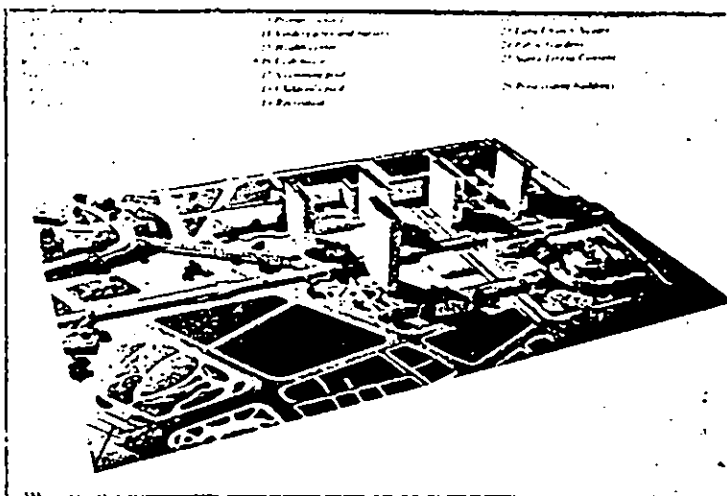
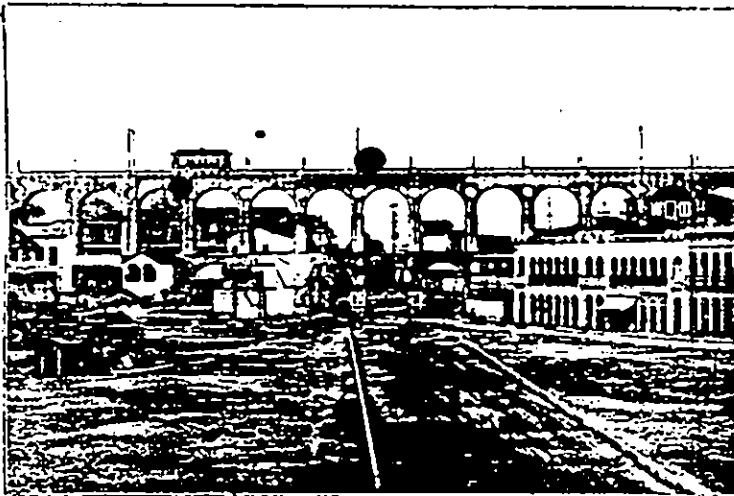
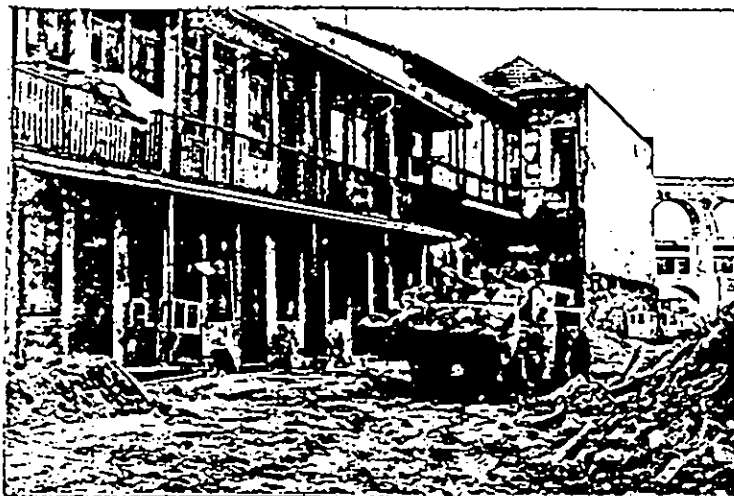
O tempo passa e sua ação sobre as obras arquitetônicas também deve ser considerada fato significativo. Uma casa fica marcada pelo uso como o fica um chinelo velho. É vista como "decadente", "uma casa vivida" etc: são índices do correr dos anos sobre índices de toda uma época, sendo estes últimos visíveis para quem tem a chave da história da arquitetura no Rio de Janeiro ou no ocidente.

Uma construção pode sofrer mudanças sintáticas em que entrem o elemento volitivo em vários níveis: desde uma simples pintura até a sua demolição (na qual o que se transforma são os espaços internos, que passam a um só).

Os elementos arquitetônicos se modificam quando os hábitos se modificam. A sacada acima foi tampada em função dos comprimentos das saias que subiram. Pelas portas da casa que teve o seu interior demolido já não passam mais pessoas, mas carros, e para tal duas entradas foram transformadas em uma. A ampliação da Mesbla na R. das Marrecas aproveitou a estrutura das antigas fachadas, e as portas que ganharam autonomia a partir de demolições, ganham nova função na estruturação de uma cerca.



Ao nível das mudanças pragmáticas, a construção é conservada, mas usada para outro fim que não o primeiro a que se destinava. Para isso concorre o esvaziamento de funções primeiras. O aqueduto, como tal, tornou-se obsoleto com o moderno abastecimento de água da cidade, sendo transformado em suporte para a linha de bondes de Sta. Tereza. Como característica da zona 3, vemos a mansão colonial transformada em casa de cômodos e pequenas indústrias se alojam nos sobrados. Como característica da zona 1, o antigo hotel vira sede do Departamento de Serviço Social e a antiga vila militar passa a alojar a Escola Superior de Desenho Industrial.

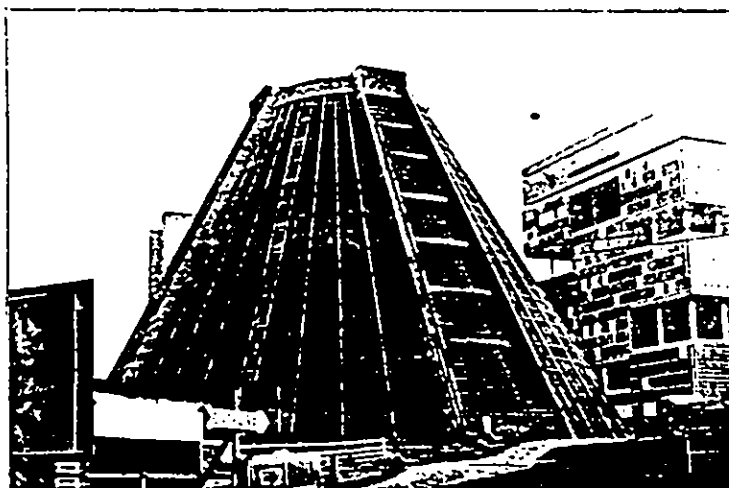
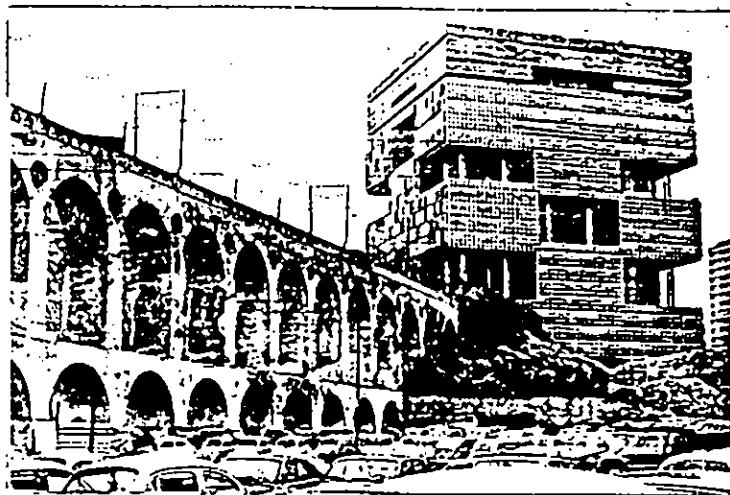


As construções modernas são o fruto da evolução das técnicas de construção (o emprego do concreto possibilita construções em altura) assim como das concepções urbanísticas e arquitetônicas.

As modificações introduzidas com a Reforma Passos respeitavam, sob certos aspectos, o desenvolvimento que determinara as construções urbanas da época. A Av. Central é um agigantamento de uma rua do século passado, cordeada e nivelada. As novas concepções se cristalizaram com a vinda ao Brasil de Le Corbusier, na década de 30, e defendem espaços abertos e construções em altura (é de Reidi o 1º projeto de urbanização para a esplanada que viria a surgir com o desmonte do morro de Sto. Antônio).

As vilas, primeiras habitações coletivas, surgiram por volta de 1860. Era o princípio da revolução do espaço de morar, que era dividido prototipicamente e iterado na horizontal. E o 1º prédio de apartamentos do Rio foi construído em 1878, na R. General Glicério. o 3º surgiu na Lapa, do lado esquerdo da R. Riachuelo, no terreno posterior ao do Hospital do Carmo, quase no encontro da R. do Lavradio com a Riachuelo (já demolido). Era destinado à ocupação pela classe mais pobre.

Graças às estruturas mais fortes, as divisões de espaço homogeneizadas puderam ser iteradas mais vezes na vertical, dando surgimento ao prédio moderno, que tem proporções de cidades.



A substituição dos prédios velhos por novos, assim como a ocupação da esplanada de Sto. Antônio por prédios gigantescos, vem sendo feita em ritmo de Brasil grande. Nesta, estão em fase de acabamento a nova Catedral Metropolitana, a sede da Petrobrás (que comporta 8000 pessoas trabalhando), a sede do Banco Nacional de Habitação e, em breve, serão começadas as obras de duas unidades de 55 andares cada, destinadas à sede da Companhia Siderúrgica Nacional. Todos esses prédios (com exceção da catedral, claro) são aparelhados com sistemas perfeitos de comunicação interna. Quanto à comunicação com o exterior, na hora do rush, só o tempo nos dirá se o sistema viário em fase de ampliação será ou não suficiente.



Segundo critérios adotados pelo Censo de 1950 para a determinação da zona urbana do Rio de Janeiro, esta se define pela presença de melhoramentos tais como: abastecimento de água, iluminação pública e domiciliária, rede de esgotos sanitários e pluviais, remoção de lixo público e domiciliário, pavimentação dos logradouros públicos. Caracteriza-se também pela presença do mobiliário urbano (bancas de jornal, telefones públicos, cestas de lixo etc) e da sinalização de trânsito.

Em 1792, o visitante inglês John Barrow gaba os passeios de laje de pedra, um requinte mesmo na Inglaterra.

A partir de 1763 começou a iluminação pública, com cardeiros a óleo de peixe (são também desta época os oratórios iluminados que ficavam no exterior das casas). Entre 1854 e 1905 implantou-se a iluminação a gás. Neste último ano começou a utilização do arco voltaico. O lampadário do largo da Lapa e os lâmpões que o circundam foram instalados por Pereira Passos, que também começou o calçamento dos passeios com pedras portuguesas, procedeu ao asfaltamento de diversos logradouros (lgo. da Lapa inclusive), abaulou os leitos das ruas com sarjetas laterais (ao invés do caimento para o centro da rua colonial) etc. A iluminação elétrica com arco voltaico foi depois substituída por lâmpadas incandescentes, e posteriormente por lâmpadas a vapor de mercúrio e fluorescentes.

O 1º meio de transporte no Rio de Janeiro foi o cavalo, ou besta ou jumento e, depois, com a abertura precária de caminhos, o carro de boi - cujas rodas resistentes de madeira aguentavam trancos e solavancos - e as andas, redes e palanquins, onde os senhores eram levados suspensos por 2 ou 4 escravos.

Com a melhoria do sistema viário surgiram os coches, carruagens, traquitanas, seges, tálburis e outros veículos de 2 ou 4 rodas puxados por um ou mais animais de tração. Eram particulares ou de aluguel e seus nomes variavam segundo estruturas sintáticas diferentes. Havia 2 cocheiras de seges na R. de Matacavalos.

O 1º veículo coletivo a aparecer foi a diligência, em 1817. A 1ª linha ia do centro à Quinta da Boa Vista e tinha por objetivo "proporcionar uma condução cômoda às pessoas que quisessem ter a honra de beijar a augusta mão de sua alteza".

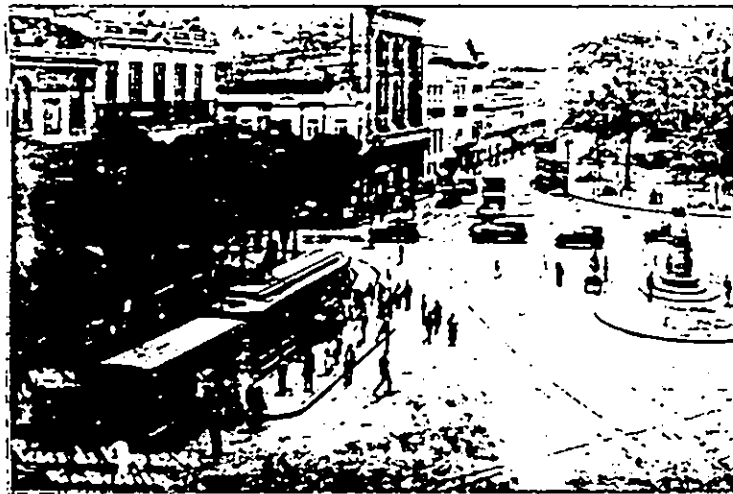
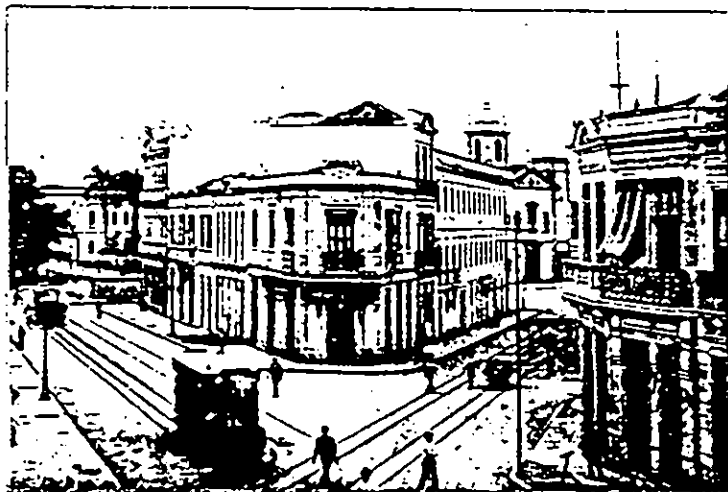
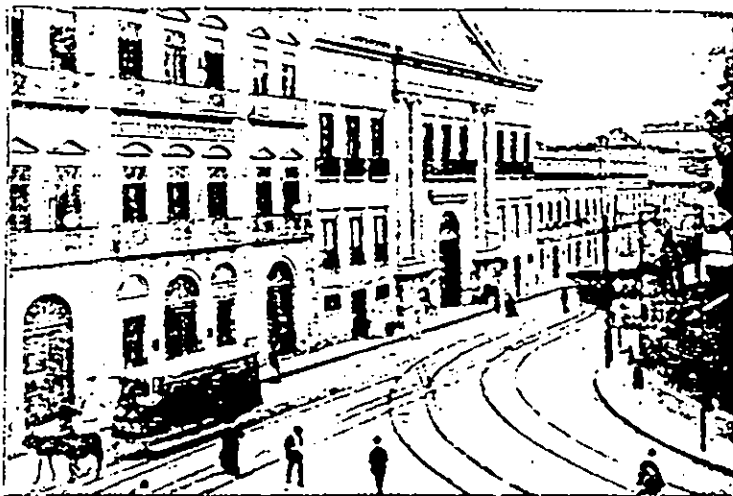
Em 1838 foi inaugurada a 1ª linha de ônibus de tração animal. Os carros eram vermelhos e amarelos e tinham 2 bancos longitudinais que comportavam 24 passageiros. O sinal pedindo a parada era dado por que recebia as passagens, que, para isto, puxava uma correia ligada ao braço do cocheiro. 3 das 5 linhas passavam pela Lapa.

Em 1842 surgiram as gôndolas. Havia 5 linhas para 5 bairros, e, à noite, eram penduradas lanternas de 5 cores nos veículos, conforme os destinos. A linha da Glória passava pela Lapa.

Todos estes coletivos pararam de circular por não poderam concorrer com o bonde puxado a burro, cuja 1ª linha, que ia do largo do Rossio (praça Tiradentes) ao alto da Boa Vista, foi inaugurado em 1859, parando de circular em 1856 por motivo de falência da companhia.

A 2ª linha passou a funcionar em 1858, depois de sua concessão ter passado por diversas mãos, dada a dificuldade de levar o projeto avante (havia o fantasma do 1º fracasso e as senhoras achavam "imperdoável deslize de polidez misturar pessoas de hábitos educados com gente do povo"). Unia a R. do Ouvidor ao largo do Machado, sendo os veículos do tipo fechado (somente a partir de 1870 é que os carros fechados foram sendo substituídos por abertos, mais de acordo com o clima daqui).

Os bondes foram assim chamados pois foram emitidos cupons com o desenho do veículo pela companhia, os quais funcionavam como passagens (as moedas de níquel só foram aparecer no Brasil em 1872). Eram chamados bonds (títulos emitidos por empresa, pelos

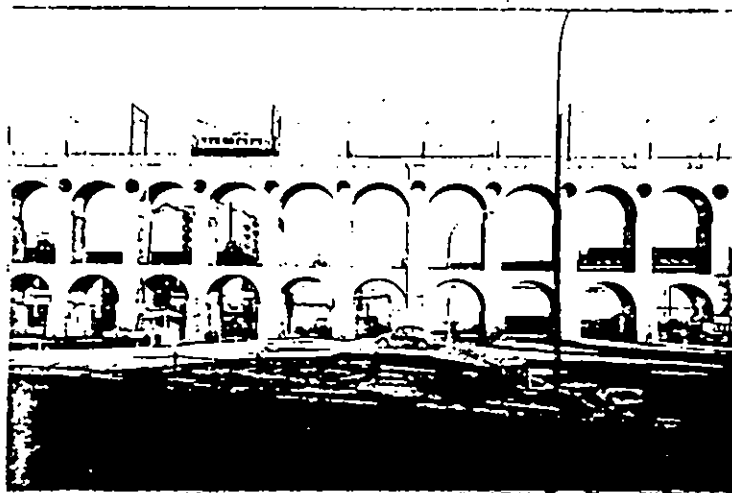


quais se firma um compromisso de cumprir certas obrigações ou de pagar certa quantia). Os nomes usados antes eram: trem, carro americano, vaca de leite (alusão aos guizos usados pelos animais), jabotis (alusão à forma abaulada do telhado).

O 1º bonde elétrico circulou em 1892, com linha passando pela R. do Passeio, cais da Lapa até a R. 2 de Dezembro. E em 1907, todas as companhias se unificaram sob a The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company, firma canadense de energia elétrica, que procedeu à uniformização das bitolas.

No começo deste século, havia bondes especiais enfeitados para casamentos e batizados (era chiquíssimo casar de bonde), bonde para enfermos atacados de doença contagiosa, bonde mortuário ou papa-defunto, bonde-ceroula, forrado de capas brancas amarradas nos balaústres para as temporadas líricas, bonde-assistência e o careadura ou taioaba, que custava mais barato. Este meio de transporte foi fator determinante no crescimento da cidade: graças a ele é que se pôde morar longe do centro.

Na Lapa havia linhas duplas de bondes (ida e volta) na R. Riachuelo, na Av. Mem de Sá (continuando ao lado do Passeio e dobrando para o sul), no cais da Lapa (atual Augusto Severo) e na R. do Passeio, e linhas singelas (ida ou volta) nas ruas Evaristo da Veiga, Visc. de Maranguape e da Lapa e na R. do Lavradio. Havia



no largo um abrigo de borde, e, à função largo-transbordo acumulava-se a função terminal de borde-transbordo.

"Desde que os bordes acabaram isso tudo acabou também. Olhe, todas as linhas terminavam no Passeio, na Lapa, era um movimento bem grande. Acabaram com os bondes, acabaram com tudo também." (Seu Joaquim, garçon do Castelo da Feira; O Globo, 9/3/70)

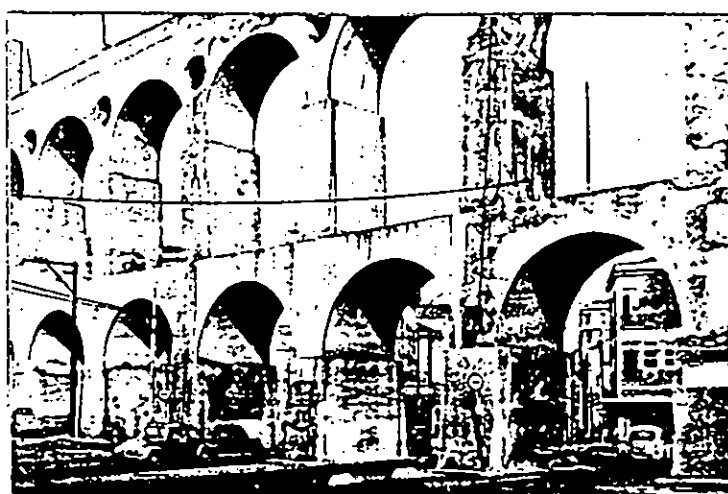
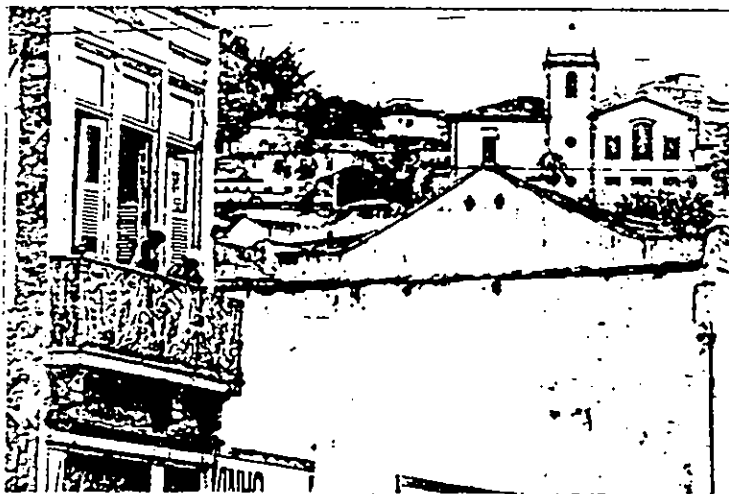
A concepção do trem elevado (que chegou a ser proposto para o Rio de Janeiro em 1889 pela Empresa de Obras Públicas) ou do metrô (que está sendo implantado aqui) vem diretamente da do bonde.

O automóvel diferencia-se do bonde pela possibilidade de variação de trajeto. O 1º automóvel particular do Rio era movido a vapor. Surgiu em 1895, e o 1º de motor a explosão em 1900 (atualmente no Rio, segundo dados de 1968, para cada 21,67 pessoas há 1 automóvel). O 1º auto-ônibus é de 1908, com terminal de linha no Passeio Público. Em 1923 surgiu a Empresa Nacional Auto-Viação Ltda (cujos carros, pelo elevado número de desastres, receberam o apelido de auto-virações) e em 1928 surgiu o ônibus de 2 andares, ou chopp-duplo, que tinha uma linha passando pela Lapa. O ônibus foi se firmando, e, atualmente, só uma linha de bonde subsiste: a de Sta. Tereza, que está com seu trajeto sobre os Arcos temporariamente suspenso, até que fique pronta sua nova estação ao lado do prédio da Petrobrás. "Tudo nesta vida é passageiro, menos o condutor e o motarreiro."



"A noite era difícil conseguir cadeira num café. O largo, quase intransitável, fervilhava. Os cabarés, cheios. O vozeiro era ouvido à distância - todo mundo bebendo e cantando, feliz. Uma beleza!"

(Brito Broca, por volta de 1930)

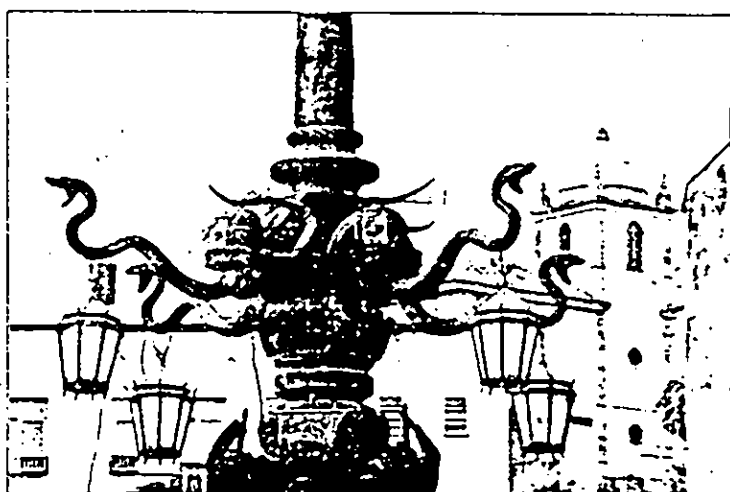
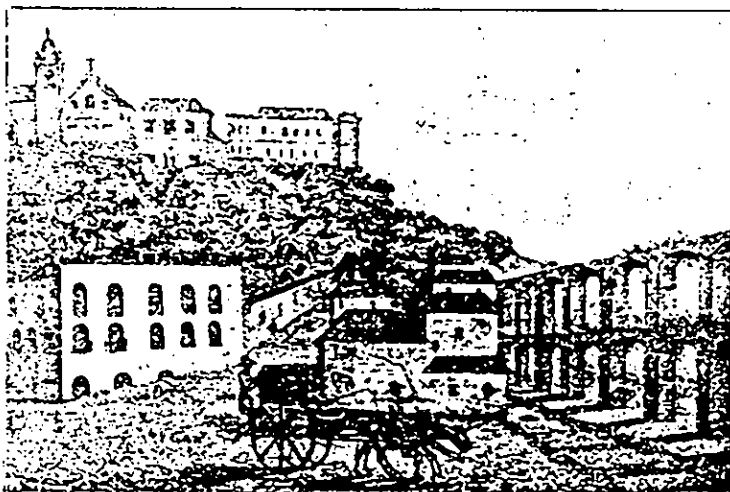


A grande Lapa extravasava os limites físicos do bairro expandindo-se irregularmente, até os lugares que os tentáculos do estado de espírito Lapa alcançavam. Em direção ao sul ia até o largo da Glória (fins de noite na taberna da Glória) ou um pouco além, até a esquina da R. do Catete com a R. Sto. Amaro (onde ficava o Sto. Amaro 26, prostíbulo fino). A leste alcançava a praça João Pessoa, formada pela confluência da Av. Mem de Sá, R. do Resende e R. dos Inválidos. Em direção ao norte era mais difícil a expansão, mas, com algumas ressalvas, ia até o Assyrius, nos subterrâneos do teatro Municipal, em época em que este não era mais frequentado por famílias elegantes.

As verdadeiras balizas do Bairro podem ser encontradas no convento de Sta. Tereza, que colocava sob sua tutela as construções e ruas que insistiam na continuação da subida do morro, no Passeio Público, limite de respeitabilidade, como Sta. Tereza, e um pouco a leste dos Arcos da Carioca.

Atualmente se estabelecem outras referências: as novas construções na esplanada de Sto. Antônio. E há a grande referência sonora: o relógio da Mesbla.

CONVENTO DE SANTA TEREZA



Jacinta Aires, espírito profundamente religioso, sujeito a visões e êxtase nos moldes dos de Sta. Tereza de Ávila, morava na R. de Matacavalos, por onde passava todos os dias quando ia assistir aos atos religiosos celebrados pelos frades barbadinhos italianos no morro do Desterro. Impressionava-a a solidão da chácara da Bica (aproximadamente onde é hoje a R. Francisco Muratori (18), a qual decidiu comprar para nela recolher-se com sua irmã Francisca e levar vida de monja. Edificarem ali as duas uma pequena ermida consagrada ao Menino-Deus (demolida no fim do século XIX e reconstruída).

Jacinta (que havia mudado seu nome para Jacinta de S. José) ambicionava dotar o Rio de um convento de carmelitas sob a ordem de Sta. Tereza de Jesus, o que em 1748, quando já eram 12 as recolhidas a seu redor, começou a providenciar com a ajuda de Gomes Freire de Andrade, o Conde de Bobadela, último governador do Rio de Janeiro (em 1763 foi elevado a capital do Vice-Reinado).

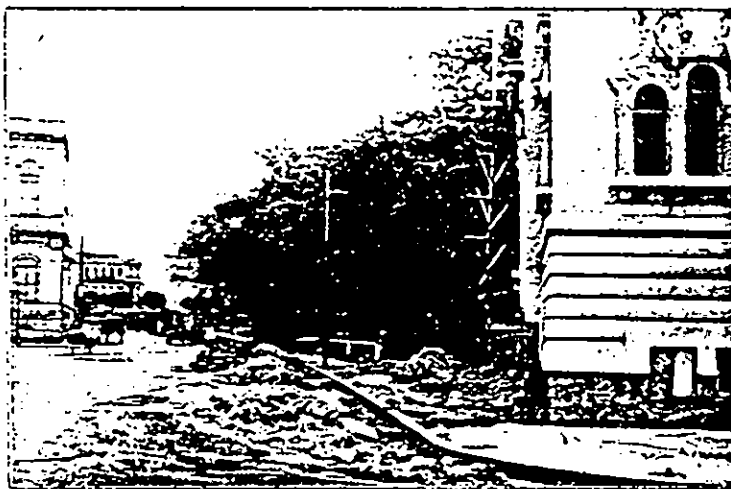
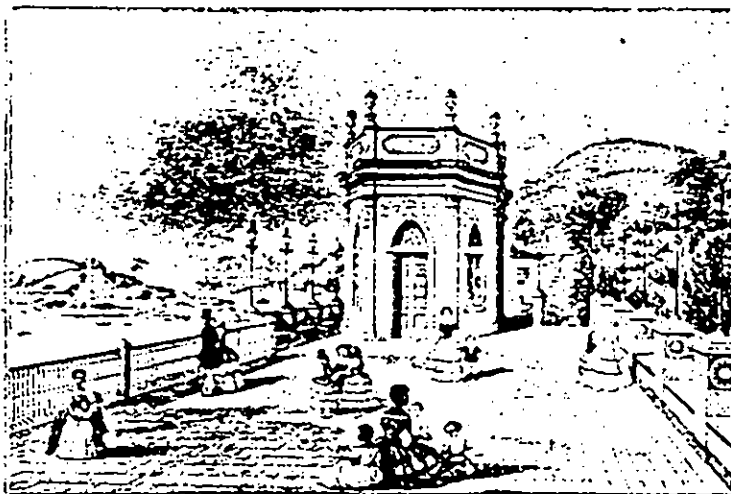
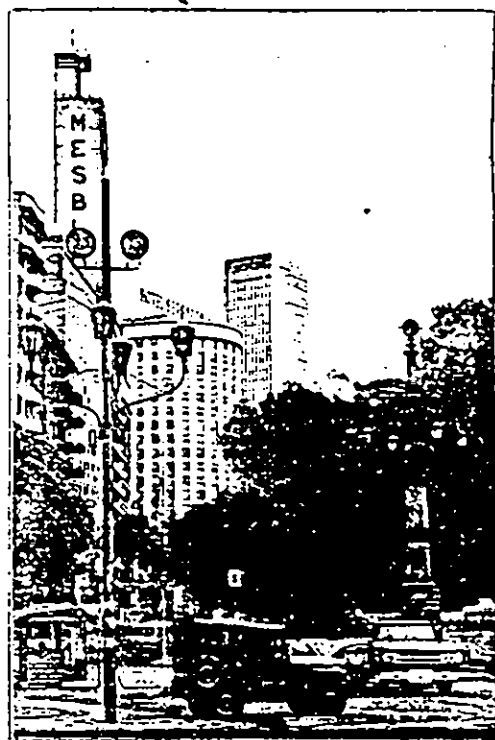
Foi escolhido para a edificação do convento o local da ermida do Desterro, construída no século XVII por Antônio Gomes do Desterro juntamente com um abrigo para romeiros e moradia para o ermitão. Foi o 1º foco de vida social na região da Lapa por ser centro de peregrinações (a imagem era reputada como milagrosa). E, 1751 foi lançada a pedra fundamental da nova casa religiosa.

O bispo do Desterro, autoridade eclesiástica máxima da cidade, embora apreciasse a devoção das recolhidas e assistisse às posseções de Jacinta, não aprovava estes seus exageros místicos e considerava a regra da santa de Ávila demasiado severa para o clima tropical. Começou a fazer pressão para que fosse adotada a regra de Sta. Clara (a mesma das freiras da Ajuda), mais branda.

Mas Jacinta não se dobrou ante tal dúvida de sua sinceridade espiritual. Partiu para Portugal e lá conseguiu o beneplácito da Coroa. Mas só depois de sua morte e da de Gomes Freire, protetor das recolhidas (que no testamento deixou para as "suas filhas" a chácara das Mangueiras) é que estas puderam receber os votos religiosos.

A ocupação do morro de Sta. Tereza por residências começou a se dar no fim do século passado, basicamente por alemães e em curiosas circunstâncias. A febre amarela só seria extirpada do Rio no começo do século XX, com Osvaldo Cruz. Como o maior número de contágios se dava entre estrangeiros, pois os nativos da terra já se encontravam razoavelmente imunizados, a única medida profilática possível era a fuga da várzea ao entardecer (local e horário em que atacavam os mosquitos), e assim o morro foi ocupado pela colônia alemã.

PASSEIO PÚBLICO



O Passeio Público foi construído sobre o aterro da lagoa do Boqueirão no governo de Luís de Vasconcelos e Souza (1779-1790), segundo projeto de Mestre Valentin de Fonseca, a quem se deve a 1ª fundição do Rio, montada para o fabrico dos elementos decorativos e de grades do parque. Foi inaugurado em 1783.

No seu traçado original, era cortado por vias retilíneas, no estilo de jardins renascentistas, e seu chafariz era usado para o abastecimento de embarcações que fundeavam ao largo. Subia-se por 4 escadas ao terraço, de onde se desfrutava a bela vista da baía. A fonte dos amores ficava no meio das duas escadas centrais; caía

uma cascata sobre 2 jacarés entrelaçados, fundidos em ferro, assim como um coqueiro de 4m de altura (que o vento despedaçou em pouco tempo), pássaros e 4 pés de ananás (nos 4 ângulos do terraço), todos pintados em cores naturais. O terraço era lajeado com pedra-mármore e possuía assentos laterais e dois pavilhões octogonais envidraçados. O do lado direito tinha a estátua de Apolo tocando a lira e o teto forrado de penas de pássaros imitando flores, trabalho executado por Xavier dos Pássaros, 1º taxidermista da colônia. O do lado esquerdo tinha a estátua de Mercúrio com o caduceu e foi decorado com conchas por Xavier das Conchas (o trabalho com conchas era chamado "arte catarinense" e era utilizado em fontes de chácaras). Os pavilhões, que foram destruídos pela violência das marés, eram enfeitados com 8 telas ovais de Leandro Joaquim, pintor da Escola Fluminense: vistas da cidade no pavilhão de Apolo e de indústrias da colônia no de Mercúrio (oficinas de minerar ouro e diamantes, usinas de açúcar etc).

Sir George Stauton, visitante de 1792, conta-nos de famílias que à noite lá ceavam em gabinetes reservados, ouvindo música e assistindo a espetáculos de fogos de artifício.

Fazem parte do projeto urbanístico do Passeio as ruas do Passeio e das Belas Noites. Com a colocação do chafariz das Marrecas na R. Evaristo da Veiga, onde ela desembocava, passou a ter essa nova denominação a rua das Belas Noites. O chafariz foi retirado em 1902, para a ampliação do quartel da polícia, conservando-se 2 das 5 marrecas no Museu da Cidade e as estátuas de Eco e Narciso no Jardim Botânico.

Em 1835 o muro do Passeio cedeu lugar às grades de ferro, retiradas em 1922, mas recolocadas recentemente. Em 1862 foram terminadas as reformas, feitas segundo projeto do arquiteto e botânico frances Glazieu (o mesmo autor do projeto do parque da praça da República, também no estilo dos jardins românticos e que encheu o lugar de pavões, cotias e saracuras, transferidas com a retirada das grades). Tendo sido nomeado diretor da instituição, construiu um chalé em estilo alpino suíço, onde passou a habitar.

Em 1894 quase perdeu parte de sua área num projeto de alargamento da R. do Passeio e em 1904 Pereira Passos ali construiu um aquário -amostra da fauna da baía (demolido em 1938).

Por volta de 1905, à esquerda de quem entra pela R. do Passeio, existiu um "chopp-berrante", onde funcionou ao ar livre o primeiro cinematógrafo do Rio de Janeiro. Entre 1909 e 1914, com uma entrada

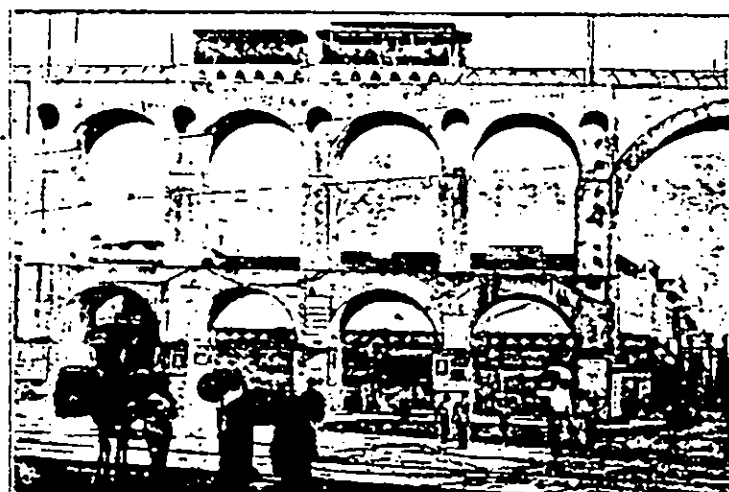
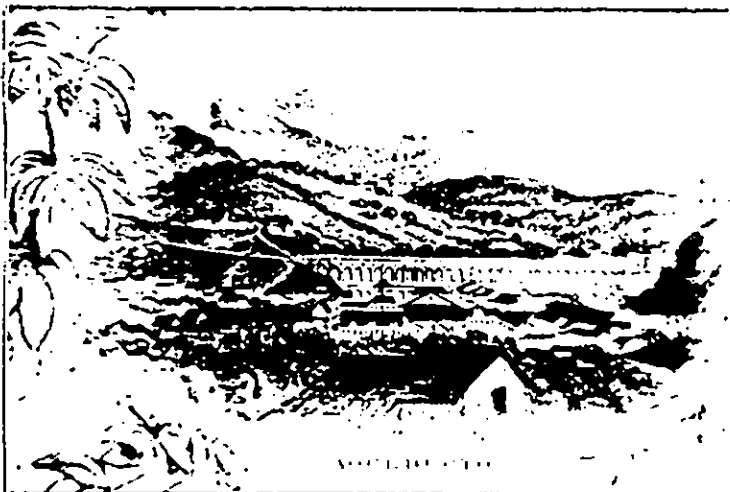
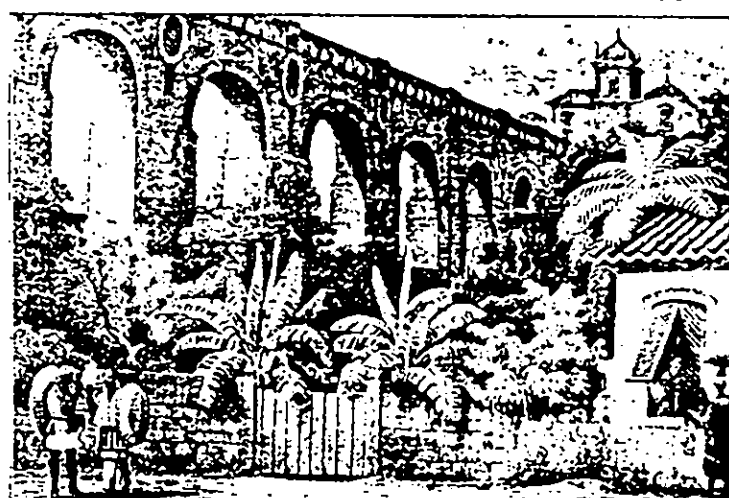
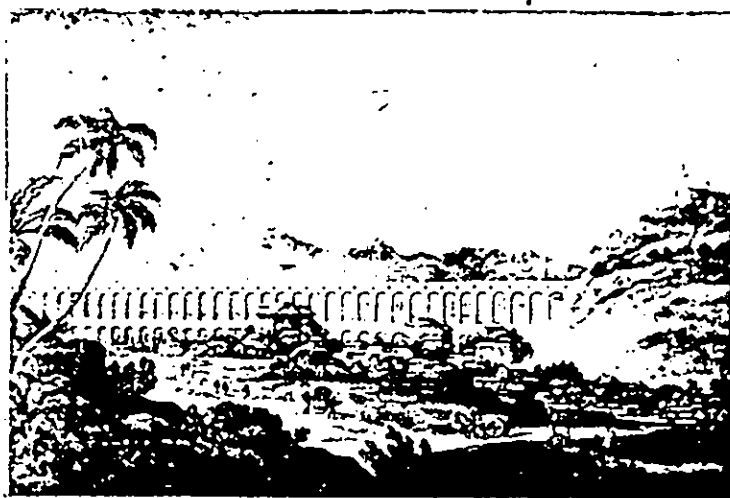
pela R. Teixeira de Freitas, funcionou o Teatrinho do Passeio, ponto de reunião, nos sábados e domingos, de famílias modestas. Apresentava show de variedades, com cançonetistas, cômicos, mágicos e maxixeiras.

Em 1920, substituindo o velho terraço, foi levantado pelo prefeito Carlos Sampaio o Cassino Beira-Mar, com teatro e cabaré. Em 1927, antes de abrir seu cinema na R. do Passeio, a Metro lá inaugurou seus lançamentos de gala, à moda de Hollywood. Em 1935 foi cenário do cine-revista Cidade-Mulher. Veio abaixo depois da demolição do aquário, que ficava atrás dele.

Lá se instalaram, neste século, todos os gatos da redondeza, que eram alimentados por pessoas como as pombas da Cinelândia. Nas vésperas de carnaval muita gente ia lá procurando-os para a confecção de tamborins. Recentemente foram retirados pela Saúde Pública, sob a alegação de podarem ser um centro difusor de um eventual surto de raiva.

O Passeio Público, construído para recreação das famílias, era fechado à noite, depois que estas se retiravam, para evitar sua invasão por tipos que pudessem depredá-lo. Foi um dos primeiros focos de vida social na Lapa. "Passeava-se na R. das Belas Noites como hoje se passeia na Av. Central" (Vieira Fazenda - princípio do século).

ARCOS DA CARIOCA

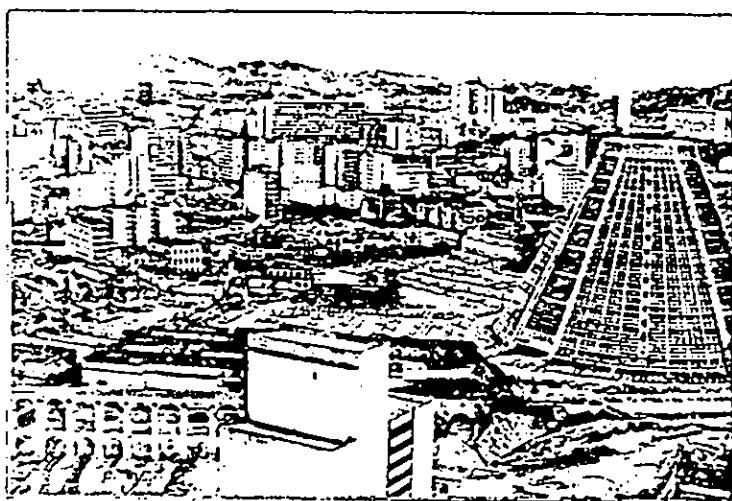
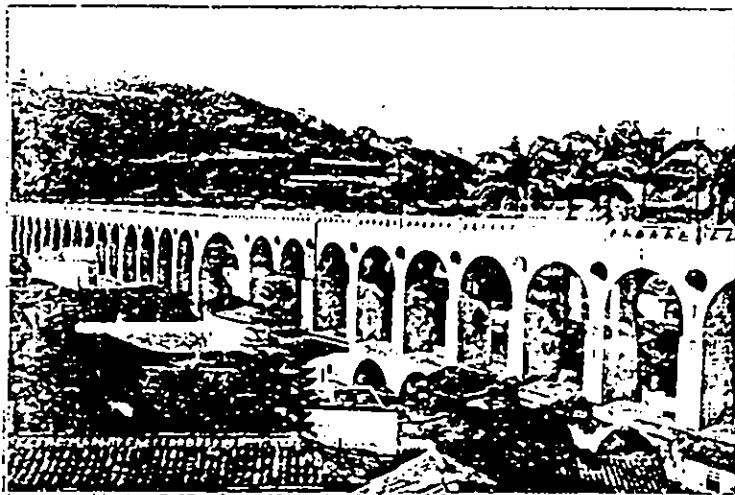


O problema do abastecimento de água da cidade foi solucionado com a canalização das águas do rio Carioca até o largo da Ajuda no fim do século XVII. Tal obra mostrou-se, em pouco tempo, insuficiente, sendo o problema resolvido por Aires de Saldanha, que terminou a construção do 1º aqueduto (Arcos Velhos da Carioca), que levava a água até o atual largo da Carioca, em 1723. A obra em pouco tempo arruinou-se, em consequência da falta de conservação e atos de vandalismo praticados por moradores dos arredores e escravos.

Sob o governo de Gomes Freire, José Fernandes de Pinto Alpoim (o mesmo autor do projeto de Sta. Tereza) construiu os Arcos Novos da Carioca, dando-lhes melhor direcionamento e acabamento (pedras ligadas por argamassa de cal e óleo de baleia). Até o governo do Conde de Resende (1790-1801) as águas do Carioca foram reforçadas com as de outros afluentes.

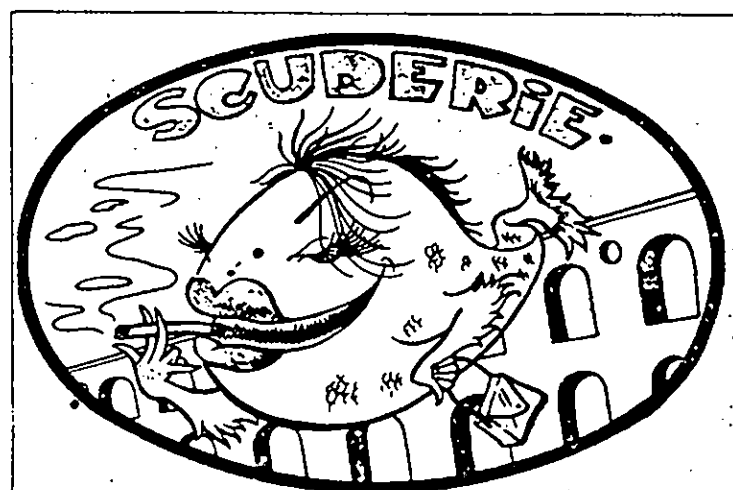
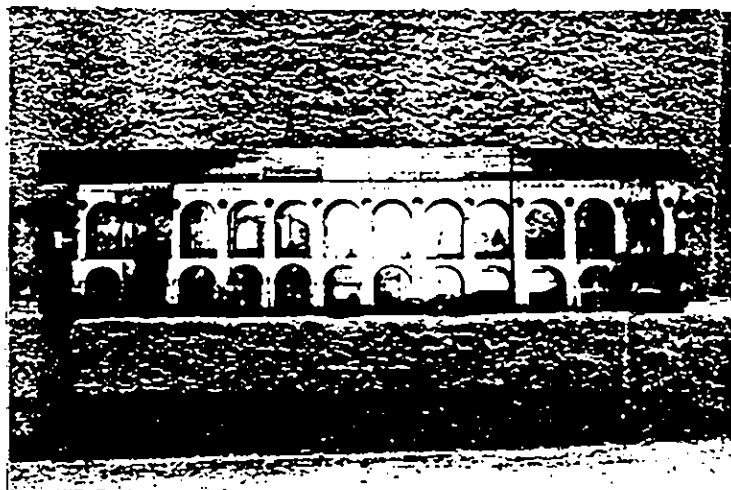
No século XIX, porém, este único abastecimento mostrou-se insuficiente, no suprimento de água da cidade que crescia, sendo feitas novas canalizações até o total desuso dos Arcos como aqueduto.

Em 1896 ganharam nova função com a eletrificação da linha de bondes de Sta. Tereza, que inaugurou, então, a passagem sobre os arcos. No entanto, a ordem inferior de arcos já era usada anteriormente para outro fim: construção de casas nos vãos, que só

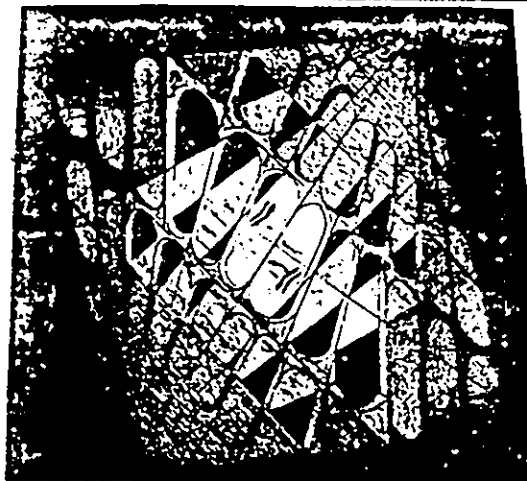
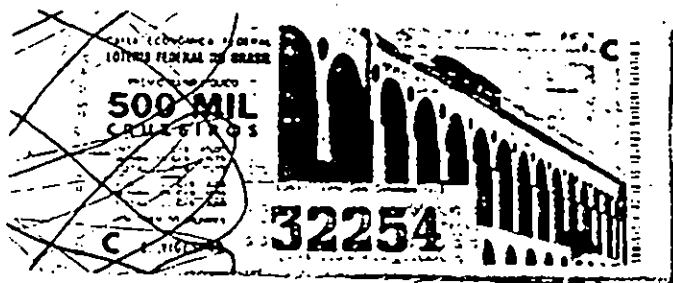


deixavam livres as passagens para a R. Riachuelo e R. dos Arcos (20), sendo utilizados os pegões localizados nestas passagens como suporte para a colocação de cartazes e avisos. Todos os vãos foram liberados quando Pereira Passos alargou a R. Evaristo da Veiga, em 1905. E em 1910 foi aberto o largo dos Arcos (21 - atual praça cardeal Câmara).

Em 1872 a City de Esgotos substituiu, na passagem da R. dos Arcos, dois pares destes por um só arco grande, operação repetida neste século na passagem da R. Riachuelo. A fisionomia original do monumento foi restaurada em 1966, mas, em compensação, a 3ª ordem de pequenos arcos em ogiva foi tampada. Pode-se, hoje em dia, ver seu desenho, que apareceu como efeito da ação da umidade. Suas proporções monumentais de outrora reduziram-se a quase nada, em face dos altos edifícios modernos.



A utilização dos Arcos como signo de Lapa ou Sta. Tereza ou Rio de Janeiro processa-se segundo associação de contiguidade. São metonímias visuais (ou não) falando-se em termos retóricos. Temos primeiramente o símbolo de uma série de reportagens publicadas na Última Hora. Depois o carro alegórico utilizado pela Portela em 1971 (enredo: Lapa em três tempos). O 3º é um dos painéis da representação da Esdi na Bienal Internacional de Desenho Industrial de 1970, o 4º um plástico de carro (Scuderie Piranha), o 5º o símbolo do 1º Destacamento de Polícia Militar (o destacamento localizado na praça Tiradentes usa a efígie do mesmo, etc) e o último a capa de um disco (Samba - Rio - Arcos).



No caso do bilhete de loteria federal, os Arcos são tomados por Brasil (para ilustração destes bilhetes são utilizados festas, monumentos, logradouros, acidentes geográficos, personalidades) e no 2º caso referência aos Arcos é feita no nível puramente sintático. Poderia ter sido feita a quaisquer outros arcos ou à abstração "seqüência de arcos plenos" (litografia de Aloísio Magalhães).

A LAPA

10

20

24

15

f 21

11

14

e

16

7

13

25

12

19

h

26

27

22

28

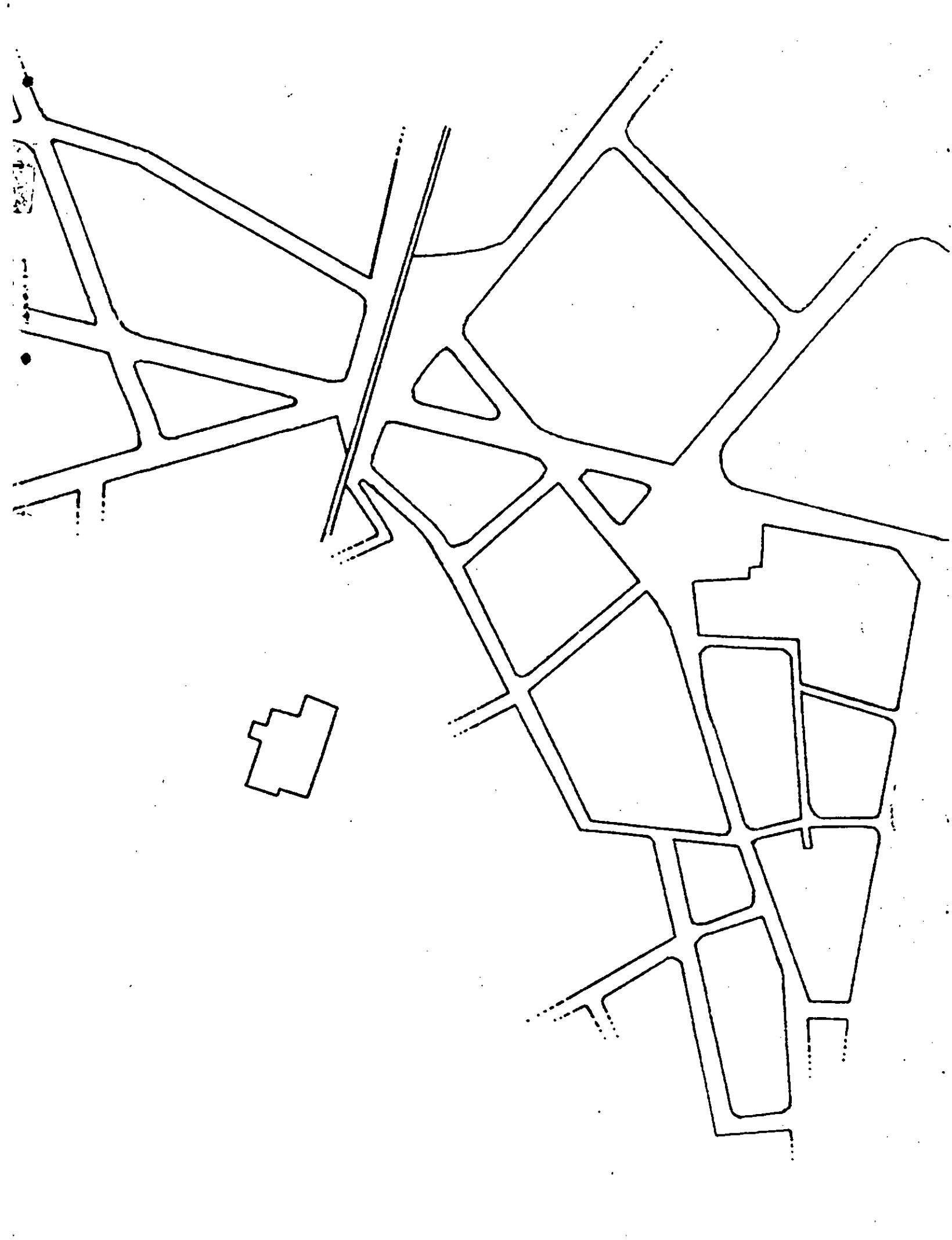
23

g

17

30

29



g

29

23

13

28 27

22

26

11

25

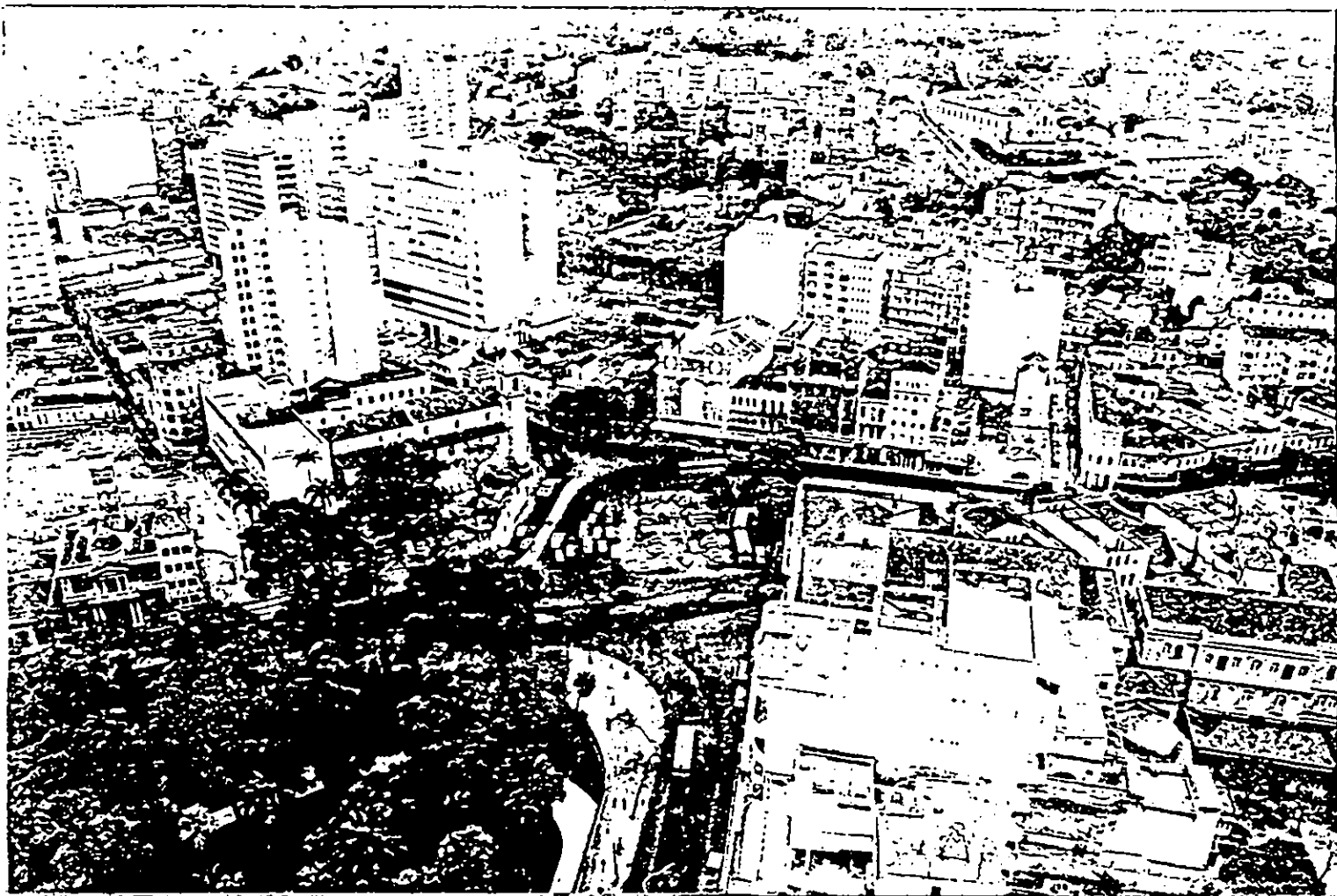
7

12

19

e

14



7) Av. Mem de Sá - aberta por Pereira Passos; por ela se alcançava Tijuca e São Cristóvão, através das ruas Frei Caneca, Salvador de Sá e Estácio de Sá. Entre a Visc. de Maranguape e o largo, no sobrado da leiteria Bol (eleite em 1945 a casa mais elegante da cidade) ficavam o cabaré Primor e a Clínica e Farmácia da Lapa. Onde mais tarde surgiria o restaurante Cristal foi inaugurado em 1909 o Francford, restaurante, ponto de encontro de escritores e atores. Na esquina com o largo ficava o café Imperial, conhecido por Sete-Portas ou Sete-Coroas. O quarteirão seguinte era repleto de cabarês: o Rex, o Royal Pigalle, o Casanova (no local de um antigo restaurante chamado Viena-Budapeste - o único cabaré ainda em funcionamento) e o Novo México (antigo Apolo), em baixo do qual ficava o Danúbio Azul (antigo Blaue Donau), restaurante que entre 1929 e 1940 possuía uma orquestra cigana típica internacional. Perto dos Arcos ficava o Café Irany, ponto preferido de bicheiros, marinheiros e descuidistas.

10) R. Evaristo da Veiga - antigo caminho do Desterro, denominado depois caminho dos Arcos (paralelo aos Arcos Velhos). Em 1742, os padres barbadinhos italianos, chamados popularmente barbonos, ocuparam o antigo Hospício (ebrigo) de Jerusalém e de N. S. das Oliveiras. Passou a ser chamada R. dos Barbonos até 1870, quando ganhou o nome que conserva até hoje. O antigo convento foi ocupado pelos carmelitas, entre 1808 e 1810 e a partir daí pela polícia.

g

13

16

24

23

7

f

20

25

11

21

10

12

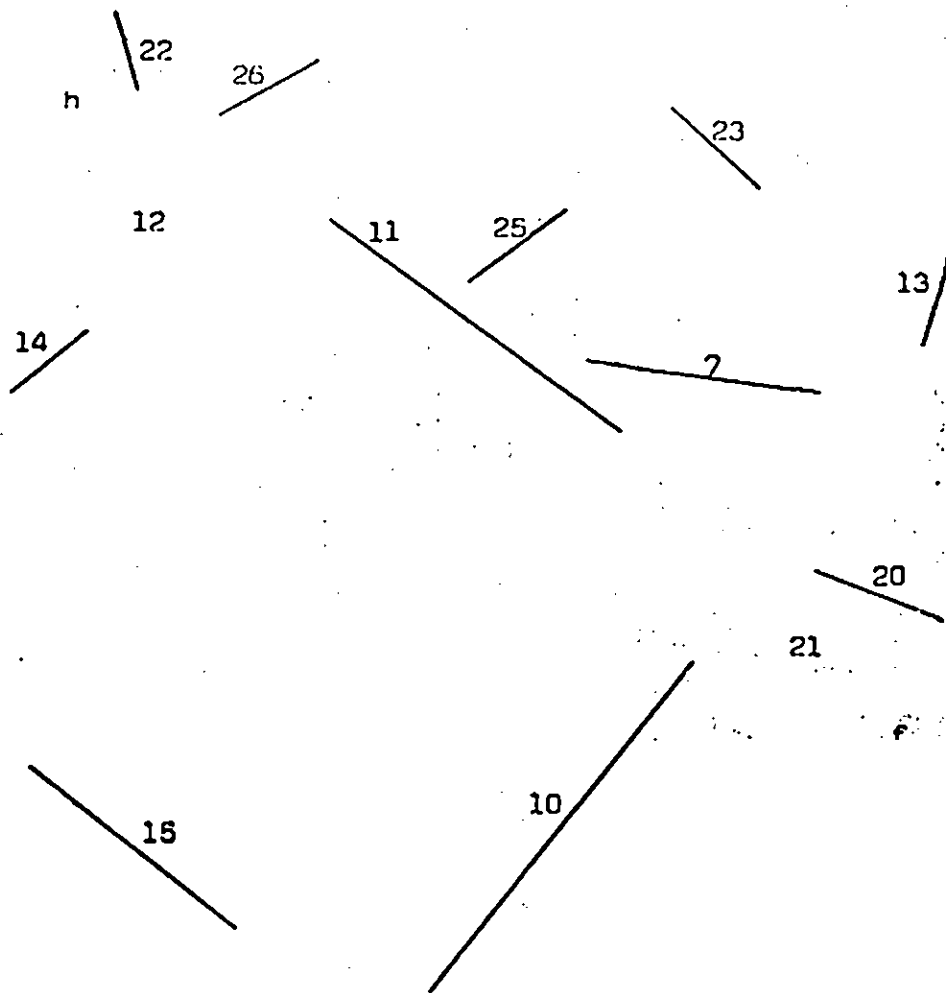
14

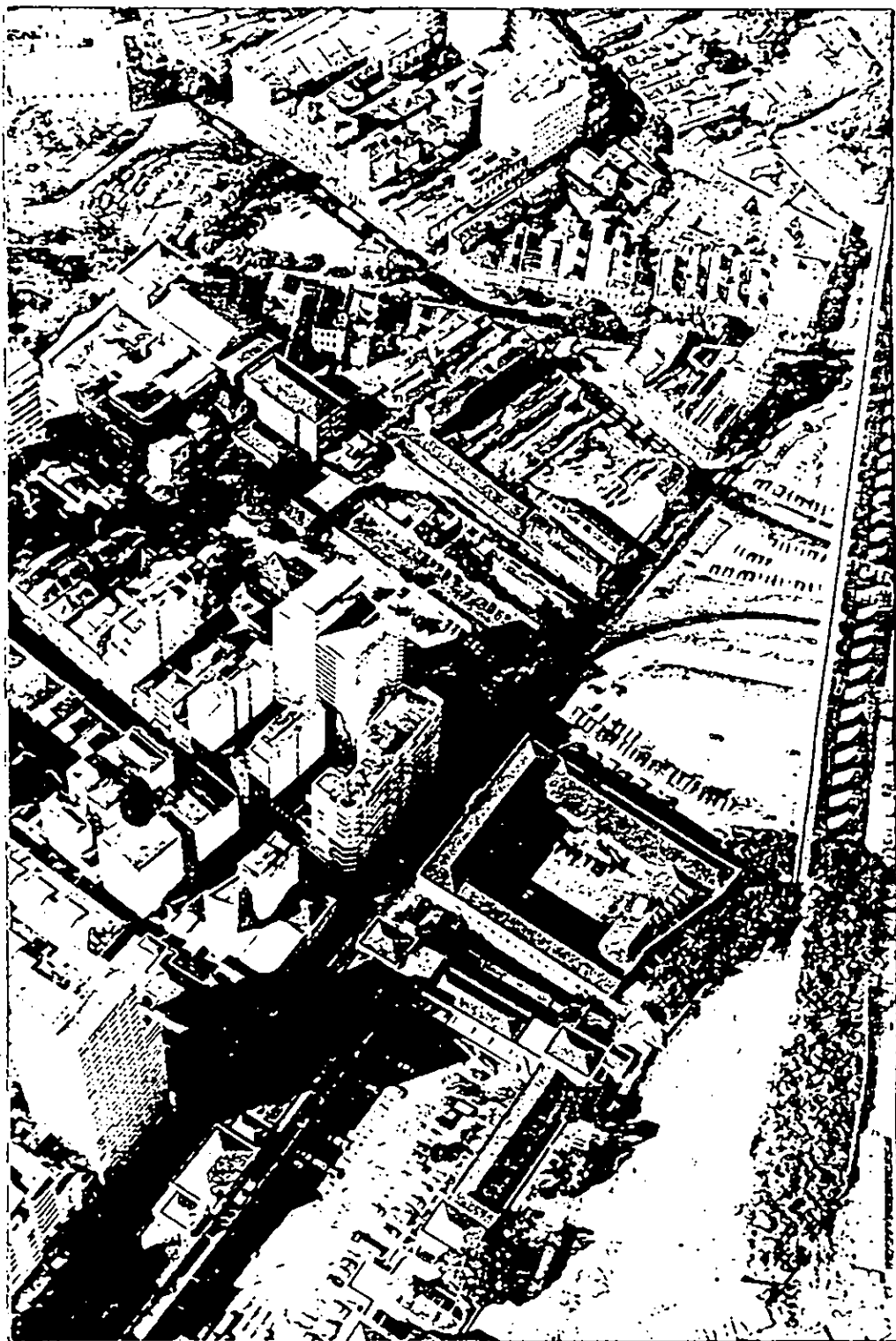


11) R. Visconde de Maranguape - antiga R. das Mangueiras, passou a ter o nome atual em 1871. Perto do largo, funcionou o Hotel Bragança, onde mais tarde seria construído o Hotel dos Estados, de 3 andares, em que se instalou, depois, a elegante sapataria Gato Preto. Ali ficavam também o Túnel da Lapa, a Gruta do Frade, o Chez Gaston (restaurante) e o clube carnavalesco Tenentes do Diabo, fundado em 1855. Perto dos Arcos ficava o Café Bahia e perto da travessa do Mosqueira o boteco Juca Pato.

12) largo da Lapa - antigo largo dos Formigões, nome dado por causa dos seminaristas que ali passavam com suas sotainas pretas, foi denominado, durante algum tempo, praça Isabel, a Redentora. Junto à igreja, no começo do século, havia um bebedouro de animais e posteriormente um mictório público. Funcionou no atual prédio da Sala Cecília Meireles o Grande Hotel da Lapa, preferido, sobretudo, por políticos mineiros. Sua reforma data de 1949, quando foi ali inaugurado o cine-teatro Colonial, que passou a sala de concertos recentemente. Ali se localizavam o Restaurante Capela e o Café Indígena (transformado em café em pé).

13) ladeira de Sta. Tereza - antiga ladeira do Desterro, foi aberta regularmente em 1792.





14) R. do Passeio - antigo caminho da Ilhargá da Ajuda, integrou-se no projeto urbanístico do Passeio Público. Antigamente ligava o largo da Lapa à R. de Sta. Luzia, mas com a abertura da Av. Central, ficou reduzida às suas atuais proporções. Na Imprensa Régia, que ficava na esquina com Marrecas, foi rodado o 1º jornal carioca, a Gazeta de Notícias. No atual prédio do Automóvel Clube funcionaram a Sociedade de Baile Assembléia Fluminense, o Cassino Fluminense (clube familiar dos bailes mais brilhantes do oitocentismo) e o Clube dos Diários, diluído no Automóvel Clube em 1924. A Escola de Música é do tempo de Pereira Passos (antes ali se erguia a Biblioteca Nacional). Nesta rua funcionaram os

29

30

23

22

27

17

28

26

h

19

12



clubes carnavalescos dos Fenianos, dos Democráticos e dos Carapicus. Na esquina com Marrecas ficava o Café Avenida, conhecido também por Cu da Mãe.

15) R. das Marrecas - a antiga R. das Belas Noites foi aberta para facilitar o acesso ao Passeio Público. Passou a ser assim chamada em função do chafariz das Marrecas, obra de Mestre Valentim colocada no trecho da Evaristo da Veiga em que desembocava. Em 1888 foi denominada André Rebouças, e no ano seguinte Barão do Ladário. Readquiriu o nome original em 1917, perdendo-o, temporariamente, na década de 40 (Juan Pablo Duarte). O 5º

Distrito Policial ali se localizava. Nela fica, atualmente, a Agência de Correios da Lapa.

16) R. Riachuelo - chamava-se caminho da Bica, pois ali se localizava a chácara da Bica, depois o 1º recolhimento das terézias. Por ela vinha o gado de São Cristóvão para o matedouro, na praia de Sta. Luzia. Por ser extremamente barrancosa (foi aberta no sopé do morro) passou a ser chamada estrada de Matacavalos, nome que perdeu em 1865, quando, em comemoração da vitória do Riachuelo, passou a ser assim denominada. No século XIX partia desta rua um plano inclinado que ia até o largo dos Guimarães em Sta. Tereza (1º processo mecânico de transporte coletivo instalado no Rio).

17) Av. Augusto Severo - originou-se de um caminho que acompanhava a praia da Lapa (antiga praia de Areias de Espanha). No fim do século XVIII já existia uma emurada e no século XIX passou a ser denominada cais da Lapa. O nome de Augusto Severo é deste século.

19) R. Teixeira de Freitas - antigo beco do Campo dos Frades. Na esquina com Augusto Severo foi construído o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Silogeu Brasileiro) em 1904 (que se mudará em breve para a nova sede, ao lado, na Augusto Severo). No local do prédio em que até bem pouco tempo funcionou o Banco de Sanguê, existia uma casa de banhos, as Termas Cariocas.

20) R. dos Arcos - apareceu em 1805, como continuação da R. das Migueiras. Foi primeiramente chamada de R. Nova dos Arcos (a rua velha dos Arcos era a Evaristo da Veiga). Entre 1826 e 1836 ali funcionou um teatrinho. Em 1889 teve seu nome mudado para Francisco Belisário, e para R. dos Arcos em 1917. Ficavam nesta rua o restaurante Vila da Monções e o Hotel Cubanos.

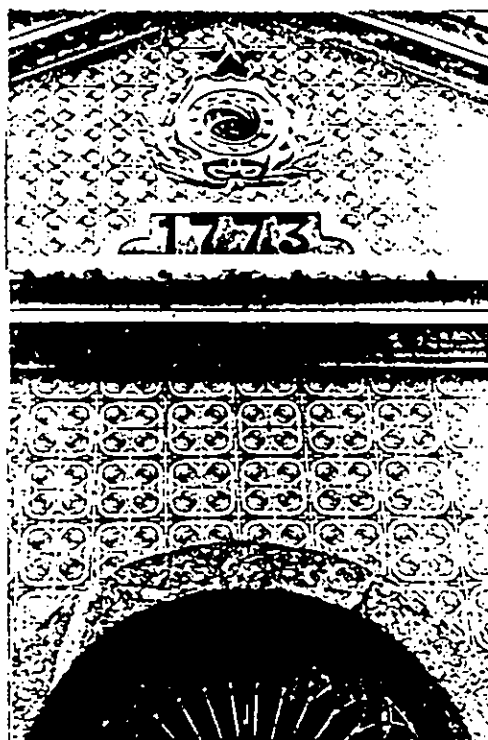
21) praça Cardeal Câmara - aberta em 1910, chamou-se primeiramente largo dos Arcos e depois largo dos Pracinhas.

22) R. da Lapa - com o nome de R. da Lapa do Desterro, foi aberta antes de 1769, através da chácara do Sisson. Tornou-se, juntamente com o cais da Lapa, escoadouro para o sul. Seu nome foi mudado para R. da Lapa em 1841. No princípio do século era preferida dos atores e boêmios. Ficavam nela o Colosso, o Naval Bar, o Café Bar Tietê (atualmente Casa Elias, de comestíveis), o Siri etc. No café na esquina com a R. Taylor eram sempre encontrados Sinhô e Francisco Alves. No encontro com a R. da Glória ficava o Hotel Guanabara, preferido por políticos, onde nasceu a candidatura de Epitácio Pessoa à presidência. A sede da ACM fica nesta rua.

- 23) R. Joaquim Silva - antiga R. de Sta. Tereza, talvez por ser o caminho mais direto entre a ladeira de Sta. Tereza e o cais da Lapa. Começou a ser aberta em 1770. Seu nome foi mudado para Dr. Joaquim Silva em 1885 e para Joaquim Silva em 1917. Nela se localizava um dos primeiros restaurantes da Lapa, o Castelo da Freira.
- 24) R. do Lavradio - sua abertura, durante o governo do Marquês do Lavradio (1770-1780), foi possibilitada pelo aterro do pantanal de Pedro Dias. A Câmara sugeriu o nome do Vice-rei para a nova rua. Este aceitou a homenagem com a condição da outra rua aberta na mesma região receber o nome de Senado.
- 25) travessa do Mosqueira - aberta entre a R. de Sta. Tereza e a R. das Mangueiras no começo do século XIX. Assim se chamou por ter nela residido o desembargador Mosqueira.
- 26) R. Teotônio Regadas - antigo beco do Império; de uma casa ali localizada saía o cortejo do Império do Espírito Santo da Lapa. Passou a Teotônio Regadas no fim do século XIX. Era chamada popularmente de beco da Alegria. Abrigou um dos primeiros cafés-concertos do Rio, o Alkasan-Parque, no começo deste século.
- 27) R. Morais e Vale - a antiga R. do Desterro mudou de nome no fim do século passado, pois um de seus moradores, casando-se, achou extremamente deselegante levar sua mulher para o Desterro. Como era pessoa influente, conseguiu a mudança para Morais e Vale, nome de um médico famoso, seu amigo, que morava na R. da Lapa. Manoel Bardeira morava no nº 57, em frente ao beco dos Carmelitas.
- 28) beco dos Carmelitas - foi aberto pelos carmelitas em terras de sua propriedade por volta de 1820.
- 29) R. Corde Lage - aberta em 1878 no antigo terreno da chácara Taylor pela Empresa de bordes de Copacabana - concorrente da Bothenical Garden - que precisaria de outra passagem para o sul para a colocação dos trilhos.
- 30) R. Taylor - aberta pelo almirante John Taylor no terreno de sua chácara, na 2ª metade do século XIX.

Na criação de topônimos, como pode-se comprovar, o povo adota critérios de contiguidade. A proximidade de dados, sejam eles acidentes geográficos, construções, pessoas etc, é determinante na denominação de ruas. Pode-se, no entanto, aventar a hipótese de uma exceção: a praia de Areias de Espanha que teria sido assim chamada segundo provável associação por similaridade.

Os nomes populares, com o desaparecimento de suas causas, podem dar margem a interpretações erradas. Como no princípio deste século, quando o nome Marrecas foi criticado por um jornalista que, não sabendo da existência do chafariz, e levando em conta o fato de a rua ser repleta de prostitutas e estas serem assim denominadas pelo vulgo, inferiu que a artéria era assim chamada por causa das "marrecas". Há também o caso do beco do Império (Império do Divino Espírito Santo), que teve seu nome mudado para Teotônio Regadas por exorcismo, depois da proclamação da república.



Existem 4 casas religiosas na Lapa: uma Assembléia de Deus e um templo da Igreja Brasileira (no mesmo sobrado em que anteriormente funcionou um prostíbulo), na R. Joaquim Silva, e 2 templos católicos: a igreja de N. S. do Carmo da Lapa e a capela do Divino Espírito Santo, colados, no princípio da R. da Lapa.

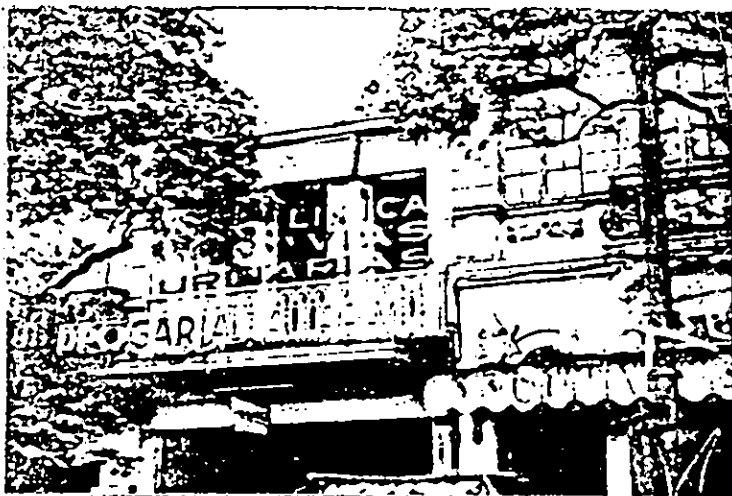
No Rio colonial havia 3 capelas do Divino: uma em Mata Porcos (no atual largo do Estácio), outra em Santana (no local da atual estação Pedro II) e a 3ª no largo da Lapa, esquina com o beco do Império (sendo o último Império o único construído com pedra e cal). Surgida em 1773, era administrada pela irmandade do Divino, que promovia festas do sábado de aleluia até a 3ª feira, nas quais era coroado um imperador durante a procissão. A última vez que esta procissão saiu, já neste século, foi na década de 40. A construção da capela atual data do século XIX.

Em 1751 o padre missionário Ângelo de Siqueira começou a construção de uma igreja e um seminário sob a invocação de N. S. da Lapa. Com a sua morte suspendeu-se a construção: uma das suas torres não chegou a ser terminada, datando o acabamento de azulejos de 1836.

Com a vinda da família real para o Brasil os carmelitas tiveram de ceder seu convento na atual praça 15 de novembro para o alojamento de D. Maria e Louca, sendo transferidos para o convento dos barbones na atual Evaristo da Veiga em 1808 (os barbadinhos foram mudados para a casa dos romeiros do outeiro da Glória) e para a igreja da Lapa em 1810, quando começaram-se as obras do prédio do seminário. No convento dos carmelitas, incendiado em 1958 e reconstruído depois, funcionou entre 1906 e 1968 a Escola Carmelitana Sto. Alberto.



O bairro da "Botica preciosa e tesouro da Lapa (para a cura dos males do espírito e do corpo graças a orações)", segundo o padre Ângelo Siqueira, se perde no século XVIII. E a mudança de zona residencial de pessoas mais abastadas a zona de prostituição, diversão e habitação de pessoas da classe pobre começou na 1ª década deste século (a partir de 1910, o novo estado de coisas foi se firmando), e faz parte da caracterização do Rio de Janeiro como grande centro urbano do século XX.



A prostituição na cidade nasceu como instituição extremamente organizada. Segundo os 2 sentidos de saída do centro, colocaram-se os 2 focos maiores: o Margue e a Lapa, que serviam, grosseiramente falando, respectivamente ao norte e ao sul.

Os frequentadores do Margue, de menor poder aquisitivo, eram servidos de maneira mais objetiva. As construções ao rez do chão e com janelas em toda a extensão da fachada funcionavam como vitrines, e, sem muitos preâmbulos, escolhia-se a mulher e procedia-se ao ato sexual.

Na Lapa já era diferente. Havia até um estabelecimento, a Clínica da Lapa, pioneiro, no Rio, da profilaxia de doenças venéreas. Nos áureos tempos (1930-1938) funcionava dia e noite, aplicando lavagens de permanganato e injeções de penicilina, numa média de uma a cada duas horas (no Estado Novo, porém, foi proibido o letreiro "Clínica das vias urinárias", assim como foi retirado o cartaz "Aplicam-se lavagens").

A Lapa, como o Margue, tinha suas faixas de preço. Os puteiros mais caros ficavam na Corde Lage e eram finamente decorados ao gosto "art nouveau" (jardins de inverno com cadeiras brancas de ferro trabalhado, vitrais coloridos etc). Os preços médios eram encontrados em quase todos os lugares: beco dos Carmelitas, Morais e Vale, Marrecas, Teotônio Regadas, Joaquim Silva, R. da Lapa. Os mais baratos eram os da R. dos Arcos e do Lavradio. O mais caro prostíbulo da cidade entre 30 e 40 era o Mére Louise, que ficava junto ao forte de Copacabana, no antigo local da TV Rio

Havia também a divisão por áreas ou lugares, segundo a origem ou quaisquer outros dados caracterizantes: as mulatas eram encontradas na R. Morais e Vale, as paulistas do vale do Paraíba num chateau da Joaquim Silva e nesta mesma rua as polacas; as campistas se instalaram num sobrado da Mem de Sá, e as francesas no beco dos Carmelitas, cujas moradoras eram chamadas pelo poeta Herêncio as carmelitas desnudas, em contraposição às carmelitas descalças.

A caracterização da prostituta como pólvora ou francesa deu-se, principalmente, em função de um fator. No começo do século, enquanto era forte a moeda do Brasil, a da França e a de alguns países da Europa central não o eram. Elas vinham então fazer a vida. As casas de francesas eram as mais procuradas, havendo motivo para isso: fora o fascínio exercido por Paris como Capital do prazer, eram as únicas que não tinham preconceito contra "bouchée".

Grandes mulheres passaram pela Lapa: Arlete, ex-étoile francesa, que acabou viciando-se em cocaína; Boneca, inspiradora de um samba de Assis Valente ("Boneca era linda. Sou mulher e mulher não gosta de achar outra bonita. Mas boneca foi a pequena mais bacana que apareceu na Lapa" - Laura); Laura do Camisa Preta, Jean Harlow (louríssima), Helena Modelo ("se chamava Helena Modelo porque também foi modelo das Belas Artes; Helena Modelo era tão bonita que permaneceu na prostituição até morrer. Muito embora tenha morrido velha;" - Mme. Satan); Alexandrina (portuguesa de cabelos ruivos que matou o amante e cumpriu pena); Leonor Camarão, Ceci (grande amor de Noel Rosa, inspiradora de "Dama do Cabaré", "Pra que mentir", "Último Desejo"); Nininha, Lili das Jóias (assassinada), Judith Mignon (a maior da Bancada Mineira, Rosalina Chupeta, Betsabé, Beatriz Cabeludinha, Violeta Xexêu etc.

Pensões: Foram famosas a Pension Georgette, o Palais de Fleurs, na Teotônio Regadas, a Pensão Imperial, esquina de Conde Lage com Taylor, cujo porteiro se vestia com smoking e as mulheres com vestidos compridos de soirée, a de Mme. Janette, a de Mme. Aída, a de Alice Cavalo de Pau, a de Mme. Suzana, a de Dodô, que cronometrava o tempo que a "mercadoria" gastava com cada fregues, a da Amália etc.

O lenocínio era uma das fontes de renda do malandro (as outras eram o jogo e a venda de proteção). O câften comia ou de tarde ou no fim da noite, pois no resto do tempo as meninas tinham de trabalhar. (Havia, porém, casos de mulheres que pagavam aos homens simplesmente por terem medo de dormir sozinhas.) Quando o bife com fritas da Capela, o melhor da cidade, custava 1200 réis, um gigolô médio recebia por dia por volta de 50000.

"Malandro naquele tempo não queria dizer exatamente o que quer dizer hoje. Malandro era quem acompanhava as serenatas e frequentava os botequins e cabarês e não corria de briga mesmo quando era contra a polícia. E não entregava o outro. E respeitava o outro. E cada um usava a sua navalha cuja melhor era a susca que custava 1500 réis." (Mme. Satan) Apelido de navalha era pastorinha,



sola, aduana, aço etc, e de revólver era Smith, máquina, berro, fogareiro e assim por diante.

Vários malandros se tornaram famosos na Lapa (malandro ou bamba, bem-som, porreta, picardo, cobra): Meia Noite (não merecia a fama de valente, pois fez umas 6 mortes e todas pelas costas" - Mme. Satan) e que acabou morto também pelas costas na porta do Brasil Dourado; Sete-Coroas, Rato Chorão (levava surras monumentais da amante, mas ai de quem se atrevesse a rir), Mme Satan (homossexual respeitadíssimo pelas bichas que, quando estava preso, lhe levavam presentes nos dias de visita), Brancura, Saturnino

(assassinado no Margue, quando tentava ganhar novos territórios), Joãozinho da Lapa (filho de um general que ocupou alto posto no governo Vargas), Miguelzinho (campeão sul-americano de capoeira), Camisa Preta ("Não foi assassino nem covarde e encarou quantas brigas apareceram. Reinou na Saúde e no largo da Estiva e na praça Mauá. Era um rei da malandragem e merece a fama que deixou" - Mme. Satan), Tinguá (que só usava a máquina e dizia que a mão era prá acariciar mulher), China Chapinha, Edgard, Álvaro Passeado, Paulo da Zazá etc. Alguns malandros eram capangas de políticos (Irineu Machado, Metelo Júnior, Nicanor do Nascimento etc), os quais lhes davam a devida proteção judicial.

Os elementos da indumentária do malandro eram: calça boquinha de panamá ou flanela, camisa de seda palha (dizia-se que as navalhas perdiam o fio quando passavam na seda), com botões de brilhante (punhos e peito rendado ou monograma dourado no peito), sapato carrapeta ou chinelo charlot (cara-de-gato), gravata de tussot branca ou multicolor, paletó, cintado, chapéu do Chile ou Panamá, lenço de seda no pescoço, bengalão nodoso e dedos cheios de anéis. Alguns exibiam em lugares públicos orelhas ou pênis de seus contendores.

No carteado jogava-se ronda, sete-e-meio, vinte-e-um, monte-inglês etc. Faziam-se mesas em quaisquer lugares, mas os clubes carnavalescos eram os maiores centros de jogo (campista, roleta, bacará). Os salões de bilhar estavam sempre cheios (Paulista era o grande jogador da Lapa). E tinha também o jogo da chapinha, para enganar otários: embaixo de uma das 3 chapinhas de cerveja era escondida uma bola de cera. O percebeiro tinha que descobrir qual (normalmente estava embaixo da unha do malandro).

As brigas frequentes aconteciam por causa de mulheres, ou porque um cliente criava caso na hora de pagar em algum estabelecimento que comprasse proteção, ou quando elementos alienígenas tentavam se impor de maneira afrontante. "Com os filhinhos de papai rico dava-se o seguinte fenômeno. Eles chegavam na Lapa para um divertimento e começavam a beber e então reclamavam de tudo () Então alguns deles começavam a comentar que aquela fama de que na Lapa tinha malandro valente era bafo de boca. Evidente. Eles gritavam e a gente ajeitava a situação. E eles não entendiam porque não sabiam como se fossem senhores porque o sucesso do botequim era exatamente o que o botequim faturava. Podiam dizer palavras como quisessem contente que deixassem o dinheiro. Mas alguns chegavam ao ponto de complicar a convivência e então levavam lições inesquecíveis" (Mme. Satan)



As maiores densidades de casas de diversão no Rio entre 1910 e 1950 eram encontradas na Lapa, na Cinelândia e arredores, e na praça Tiradentes. Na Lapa imperava o cabaré, diferente do dancing (escola de dança) de além-Cinelândia e do inferninho, que começou a nascer em Copacabana apenas no fim da década de 40 (com pouca luz, ao contrário do cabaré, onde tinha importância o fator exibição).

O 1º dancing da cidade ficava na R. do Ouvidor e surgiu no princípio da década de 30. Logo o fenômeno proliferou, estendendo-se desde a praça Tiradentes (o 7 de Setembro, o dancing



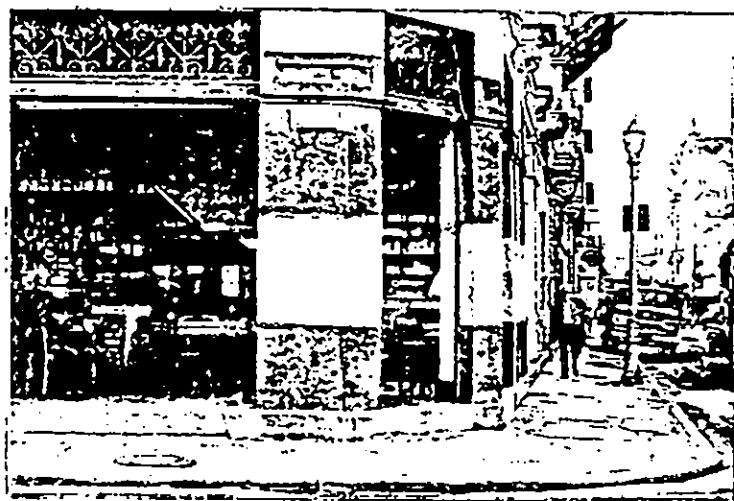
do Jabor etc) até o princípio da Av. Rio Branco (o Avenida, onde está atualmente o novo Assyrius). Era procurado, no início, por pessoas que não sabiam dançar, mas depois a frequência se diversificou.

O cabaré pode ser considerado um desenvolvimento do café-concerto, cujas primeiras manifestações deram-se no começo do século. Uma das primeiras manifestações do fenômeno foi o Alkasar-Parque, na R. Teotônio Regadas, onde se apresentava Farusca, lançadora do maxixe de parafuso e precursora do samba de gafieira. Entre 1922 e 1930 existiram o café-cantante da Mariazinha e o da Catita, onde se organizavam grandes rodas de samba.

Na Lapa a maior concentração de cabarés era encontrada no cruzamento da Visconde de Maranguape e Mem de Sá, entre o largo e a Evaristo da Veiga, um "sub-largo". Lá se encontra o último remanescente da espécie: o Casanova, a casa de D. Maria, onde se apresenta atualmente o show (ou hora-de-arte, ou fic de festa, ou ato variado) de travestis: "Deu a louca no cabaré".

Entre os frequentadores da Lapa, destacam-se Sinhê, Francisco Alves, Ismael Silva, Mano Bide (o inventor do tamborim) e outros. Pelas orquestras que animavam os restaurantes e cabarés, os ritmos nacionais mais tocados eram o maxixe e o samba-canção. Entre os estrangeiros, o que mais marcou época foi o tango. O cabaré foi o último reduto do tango, que não possibilitava a conversa ao pé do ouvido, desejável na escola de dança.

Tanto o cabaré como o dancing tinham suas mulheres. As do dancing levavam freqüentes e recebiam uma porcentagem sobre o que estes gastassem depois de certa quantia. No dancing, o que interessava era o movimento de danças; no cabaré o de bebidas. Bebia-se vinho,



cerveja ou ponche (ou cheirava-se uma pitada de cocaína).

Alguns estabelecimentos ficavam abertos 24 horas por dia e o resto fechava bem tarde. O dancing parava de funcionar às 2.00 horas, os prostíbulos entre 1.00 e 4.00 e os cabarês e cafés-restaurantes depois disto. Na hora em que paravam de trabalhar, as prostitutas iam jantar ou continuar atividades no cabaré. As da Corde Lage e Sto. Amaro buscavam o antigo Assyrius, mais fino, enquanto as outras iam para a Lapa. O nascer do dia era, muitas vezes, na praia das Virtudes, praia do Caju ou Mercado Municipal. E de dia a Lapa se movimentava com a vida dos restaurantes baratos.

Sempre foi procurada por intelectuais, artistas e jornalistas. Portinari, Jaime Ovalle e Manoel Bandeira lá moraram, e eram frequentadores assíduos Dante Milano, Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Henrique Porgetti etc. Em época posterior Odylo Costa Filho, Raimundo Magalhães Júnior, Lúcio Rangel, Luís Martins (que por causa de sua novela "Lapa" foi perseguido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda da ditadura Vargas), João Lyra Filho, Peregrino Júnior etc. E em fins da década de 40: Lúcio Cardoso, Marcos Konder Reis, Athos Bulcão etc, que frequentavam o Túnel da Lapa o "49". E aí acabou o encanto.

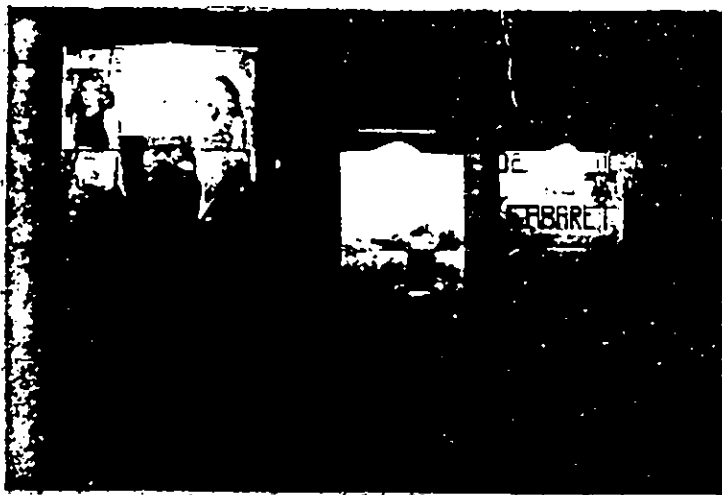


Na época da 2ª guerra mundial, o general Etchegoyen moveu violenta campanha contra a prostituição, fechando o Margue e a Conde Lage. A Lapa foi invadida por marinheiros americanos cheios de dólares, os quais atraíram mundanas, aventureiros, ladrões, pinguístas. "Eles arrasaram com o bom nome da Lapa, e depois, quem podia com eles?" (Boi-leão de chácara do Novo México). Após 1950 começou o fechamento sistemático dos prostíbulo, que se transferiam mais para o sul. Começaram, então, as demolições e as construções modernas.

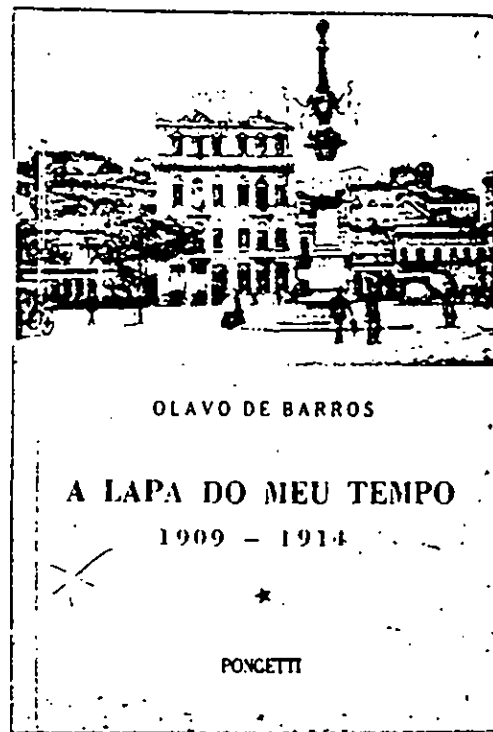
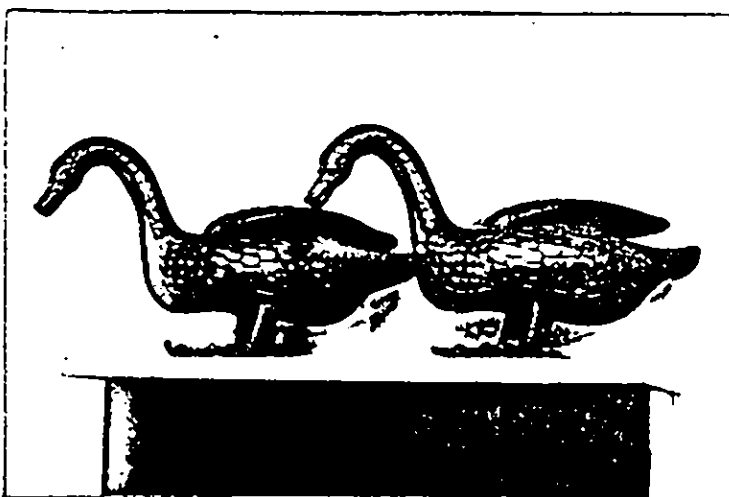
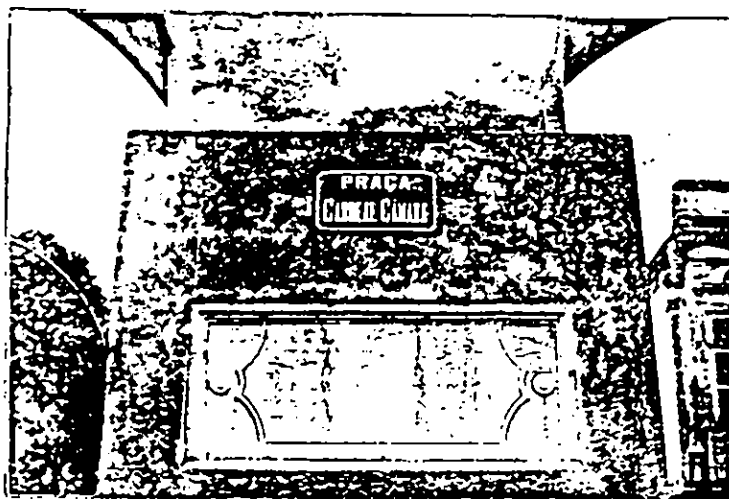
O trotoir atual, localizado principalmente depois dos Arcos (confluência de Mem de Sá com Lavradio) seria o mesmo de Copacabara ou Ipanema, não fosse o fato da grande quantidade de travestis. Não há mais prostíbulo: faz-se o contato na rua e aluga-se um quarto em algum hotel barato das redondezas.



O largo, por ser local de estação de borde, sempre tinha movimento constante. Funcionavam como hall o restaurante Capela e o Café e restaurante Indígena, procurado por comunistas e integralistas (Agildo Barata, Simões Lopes, San Thiago Dantas, Plínio Salgado, Carlos Lacerda, Jorge Amado, entre outros). Podia-se estar nestes lugares sem entrar propriamente na Lapa. A Capela só fechou suas portas 2 vezes, desde a sua fundação: no dia do término da 2ª grande guerra e definitivamente em 1970. O Indígena, para sobreviver, transformou-se em café em pé. No seu sobrado funciona ainda o mesmo bilhar, mas suas luzes não são suficientemente fortes para concorrer com as da Sala Cecília Meireles.



No Novo México, nos anos 30, o travesti já se apresentava em público. O cabaretier anunciava "Será homem? Será mulher? Palmas para ele, palmas para ela!" e vinha a dúvida, linda envolta em plumas. Mas o show inteiro só com travestis, só depois de ter virgado em Copacabana é que chegou à Lapa. O pioneiro foi o mesmo Casanova que apresenta atualmente o "Deu a louca no cabaré", (a música tema é a mesma do filme "Cabaret"). Graças à reportagem "O último cabaré" publicada no segundo semestre deste ano no Dia, é que o Casanova começou a encher, invadido por curiosos.



Com o começo das demolições finais para o início das obras da nova urbanização do bairro, este passou a ocupar espaço nos jornais (de 1968 até hoje).

São símbolos da Lapa textos e músicas que falem dela, assim como signos históricos: a placa da construção dos Arcos, 2 das marrecas da forte de Valentim atualmente no Museu da Cidade ou um quiosque de venda de flores colocado no Passeio Público (os quiosques, surgidos em 1870 foram retirados por Pereira Passos, por serem considerados elementos poluidores da paisagem urbana - vendiam no início livros, postais e jornais, e depois cachaça, comidas e

bilhetes de loteria e de jogo de bicho). Estes objetos, descontextualizados, no espaço e/ou no tempo, ganham novo caráter.

"Como a esfinge de Emerson, o símbolo pode dizer ao homem: De teu olho eu sou um olhar." (130) As diversas interpretações possíveis de um símbolo são determinadas pelo repertório dos intérpretes. Há equívocos tais como a "História da Lapa" de Wilson Batista e Jorge de Castro, gravada por Nelson Golçalves, no qual a torre inacabada da Lapa do Oesterro é confundida com a torre destruída da Lapa dos Mercadores.

Músicas que falam na Lapa

A mais antiga composição que fala na Lapa é uma paródia pornográfica da modinha "A Cabocla de Caxangá", denominada "A Cabocla da Lapa", composta por Lili Leitão. O estribilo faz referência ao cassetete, recém adotado então pela polícia civil: "Seu guarda não seja mau/ Levante um pouco o seu pau". Há ainda:

"Dama do Cabaré": samba de Noel Rosa de 1936, gravado por Orlando Silva.

"Foi num cabaré da Lapa/ Que eu conheci você/ Fumando cigarro... entornando champagne no seu soirée ()"

"Camisa Amarela": samba de Ary Barroso de 1939, gravado por Aracy de Almeida.

"() Foi por aí cambaleando/ Se acabando/ Num cordão/ Com um reco-reco na mão/ Mais tarde o encontrei num cefê zurrapa/ Do largo da Lapa/ Folião de raça/ Bebendo o 5º gole de cachaça ()"

"Largo da Lapa": samba de Marino Pinto e Wilson Batista de 1943, gravado por Carlos Galhardo.

"Foi na Lapa que eu nasci/ Foi na Lapa que aprendi a ler/ Foi na Lapa que eu cresci/ E na Lapa quero morrer/ A Lapa/ Também tem sua igreja/ Pra que todo mundo veja/ Onde eu fui batizado/ A Lapa/ Onde já não há conflito/ Fica no 5º distrito/ Onde eu fui criado/ Um samba/ Um sorriso de mulher/ Bate-papos num café/ Eis aí a Lapa"

"A Lapa": samba de Herivelto Martins e Benedito Lacerda para o carnaval de 1950, gravado por Francisco Alves.

"A Lapa está voltando a ser a Lapa/ A Lapa, confirmando a tradição / A Lapa é o ponto maior do mapa/ Do distrito federal/ Salve a Lapa / O bairro das 4 letras/ Até um rei conheceu/ Onde tanto malandro viveu/ Onde tanto malandro morreu/ Enquanto a cidade dorme/ A Lapa fica acordada/ Acalentando/ Quem vive de madrugada"

"História da Lapa": samba de Wilson Batista e Jorge de Castro de 1958, gravado por Nelson Gonçalves.

"Lapa dos capoeiras/ Miguelzinho, Camisa Preta/ Meia Noite 'e Edgard/ Lapa minha boêmia/ A lua só vai prá casa/ Depois do sol raiar/ Falta uma torre na igreja/ Vou lhe contar, meu irmão/ Foi na briga de Floriano/ Foi um tiro de canhão/ E nesse dia/ A Lapa vadia/ Teve a sua glória/ Deixou o nome na história"

"Eu não posso ouvir falar": João da Gente

"Tem uma zona/ Que eu não posso ouvir falar/ Na Lapa... Na Lapa...
() Não quero mais teu amor/ Com razão eu me zinguei/ Não me invoques, por favor/ Porque a farra já deixei/ Nessa zona que falei/ Oh, quanta recordação/ Dos bons tempos que na Lapa/ Era teu meu coração"

"Lapa": samba de Nivaldo Lima, Bráz Marques e Hélio Verri, gravado por Danilo Augusto.

"Passe na Lapa chauffeur/ Eu quero ver aquela mulher/ Eu quero ver até onde ela chegou/ Depois que o nosso amor terminou/ Quero confirmar/ Se é verdade ou não/ O que disseram/ A respeito daquela mulher"



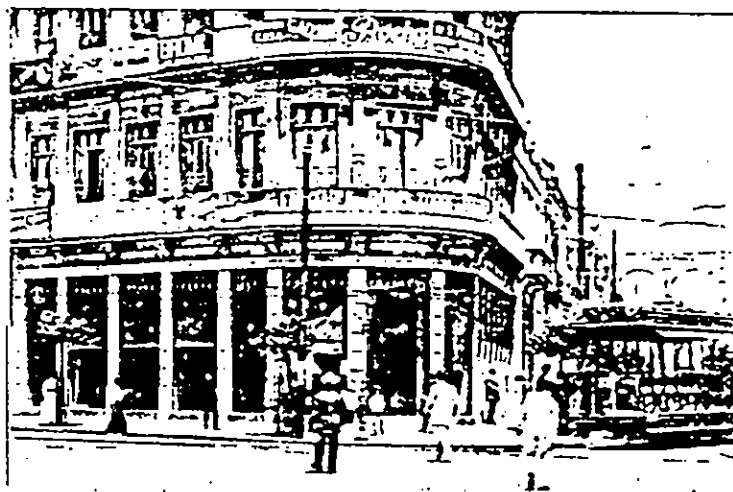
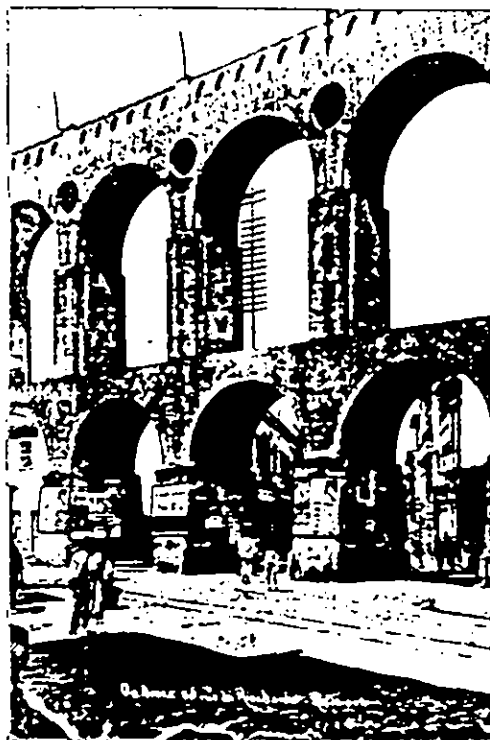
Agrupamentos de pessoas podem ser lidos como índices - de situações ou funções.

A maior parte das pessoas encontradas hoje na Lapa é de gente passando. De dia o bairro ainda é procurado por causa dos restaurantes baratos, mas a noite se esvaziou (antigamente as ruas eram iluminadas com fieiras de lâmpadas). O Casanova fecha mais tarde só na 6ª e no sábado, dias de show.



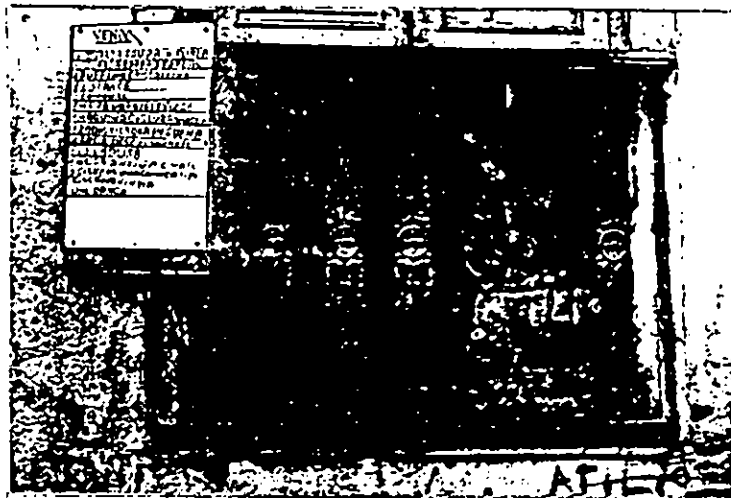
A densidade populacional não chegou a diminuir muito com as demolições, pois surgiram as construções em altura. Diminuiu, isto sim, o número de pessoas que demandavam a Lapa.

LETREIROS E SIMILARES

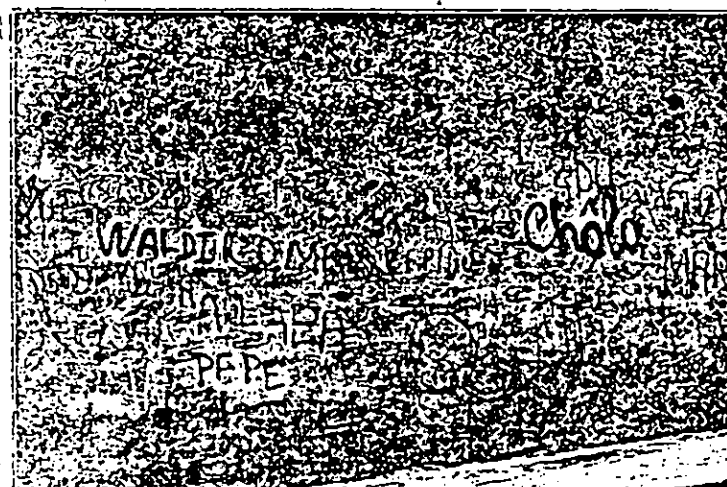
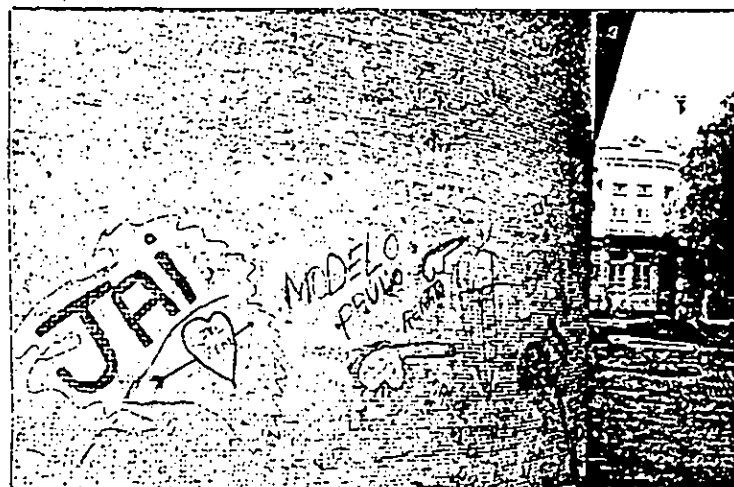
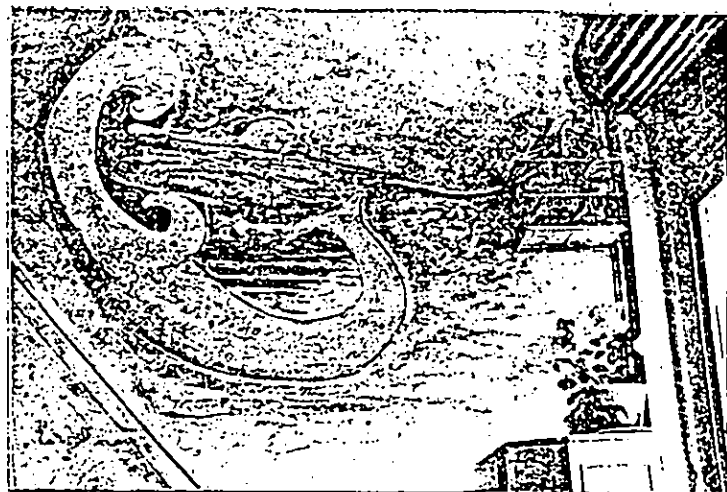
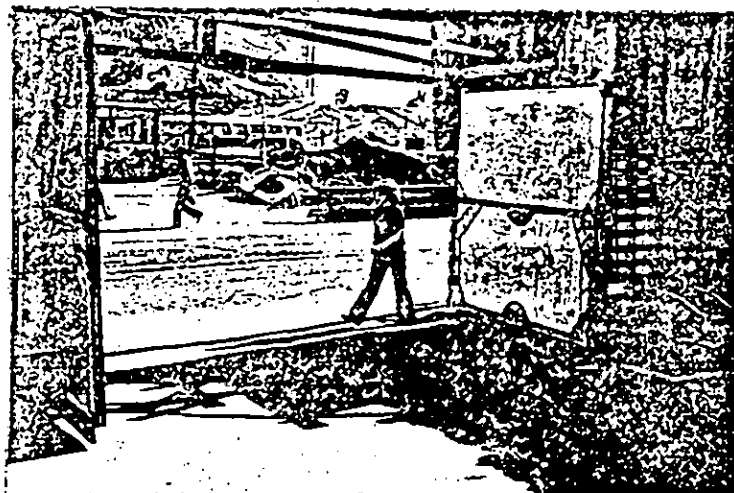


Letreiros e outros signos visuais tem características de similaridade e/ou contiguidade com o objeto representado. Podem ser ícones, índices ou símbolos (em que podem estar envolvidos ícones e/ou índices).

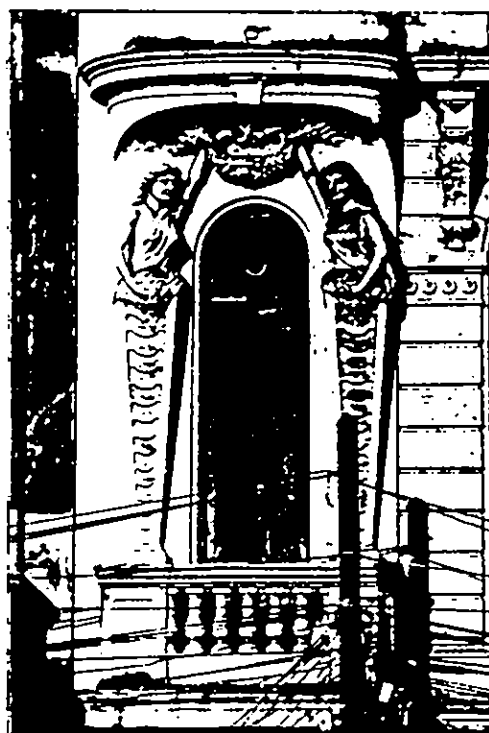
Acima, um suporte de colocação já desaparecido (abrigo de bonde), um suporte em vias de desaparecimento (sacadas) e um suporte ainda existente mas não mais usado (pegões dos Arcos).



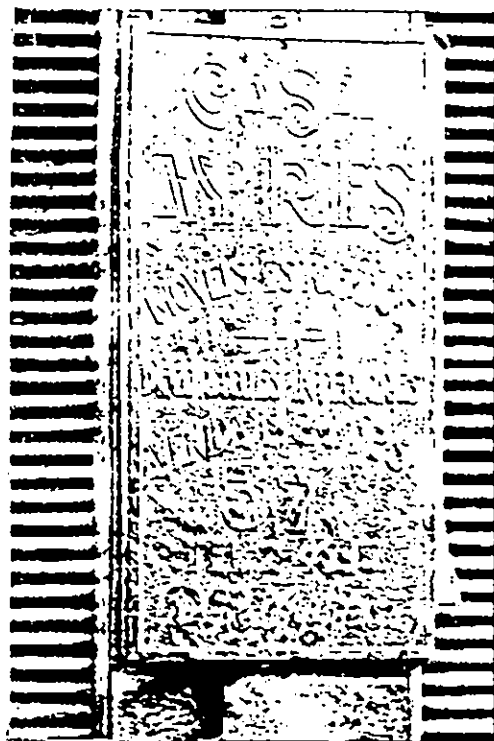
Existem graus crescentes de complexidade nas possibilidades de colocação de um signo visual, determinados pelas intenções do signo, ou teor do comprometimento com um corpo social. Os rabiscos de um "grafitti" são pura caligrafia, podendo dar-se em qualquer lugar, podendo não ter outra função que não ser uma caligrafia. O aviso dependurado na sacada e o letreiro tradicional necessitam de proximidades físicas com seus objetos para que funcionem, sendo 2 índices com 2 teores de comprometimento. Já os enfeites de estuques de uma fachada tem função decorativa, mas se relacionam com um estilo arquitetônico. E o espaço em que diversos out-doors se sucedem se relaciona com um sistema econômico.



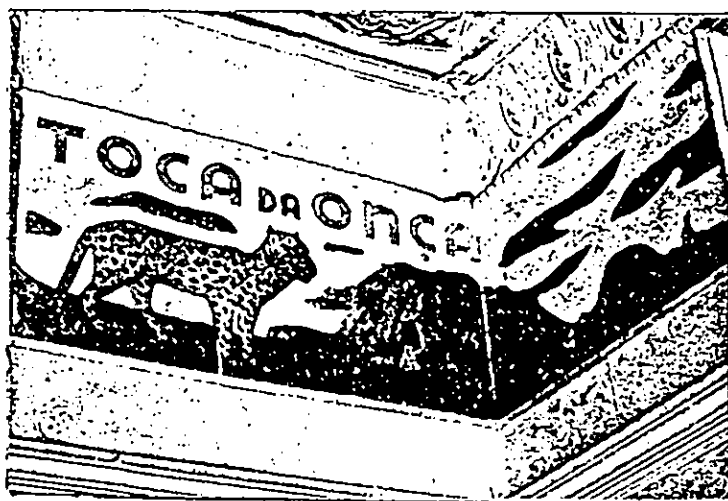
Um ícone representa seu objeto em virtude de alguma semelhança que tenha com ele, que pode ser, inclusive, uma figura abstrata de geometria, como uma linha, um plano etc. O "grafitti", mesmo aquele em que entrem palavras, enquanto caligráfico, é icônico.



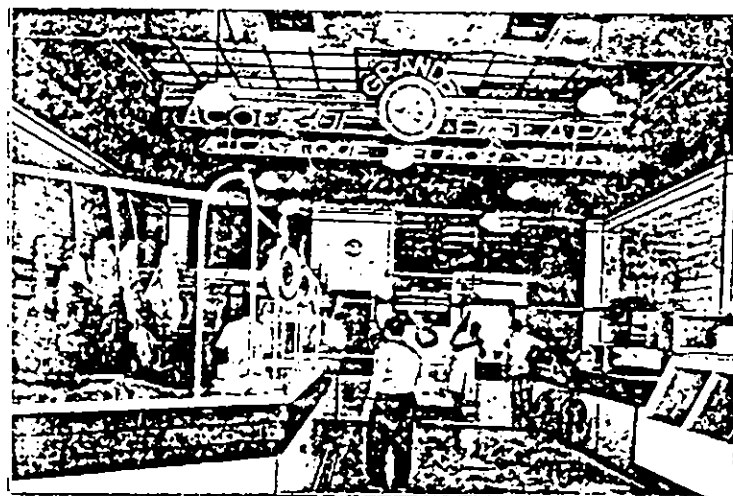
O art-nouveau é construído sobre similaridades vegetais. Os ornamentos respondem às vesticais e horizontais das portas, janelas e outros elementos encontrados nos signos exteriores de contenção lateral e cobertura do edifício.



Um letreiro é um índice, porém na sua sintaxe interna, entram em jogo elementos icônicos, tais como desenho das letras, ocupação do campo, utilização ou não de elustração. Com um conhecimento prévio dos estilos de letreiros, uma pessoa que não saiba a idade da Lapa, pode determiná-la, grosseiramente, a partir destes.



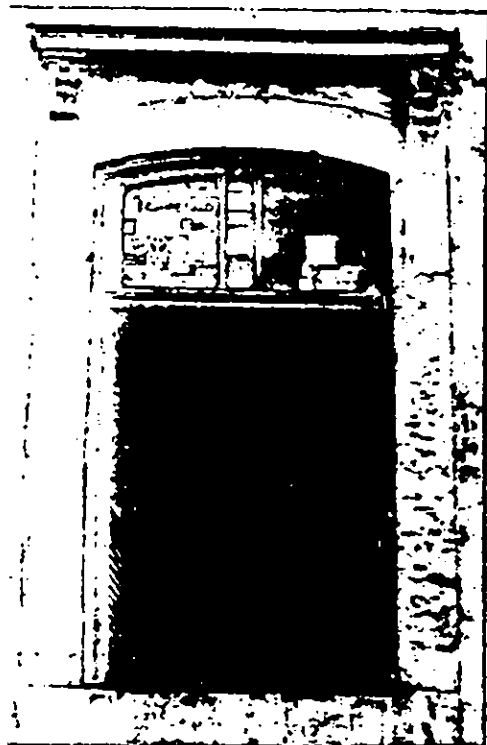
Um ícone pode acentuar apenas o nome do estabelecimento, independente do que lá seja feito ou vendido. Convenções simbólicas iconográficas garantem a leitura do signo. No caso da Toca da Onça, há a repetição visual de todo o signo. No letreiro do Novo México o sombrero compõe uma metonímia visual e na Tinturaria Francesa, um objeto, o espelho rococó, se coloca como signo de francesidade



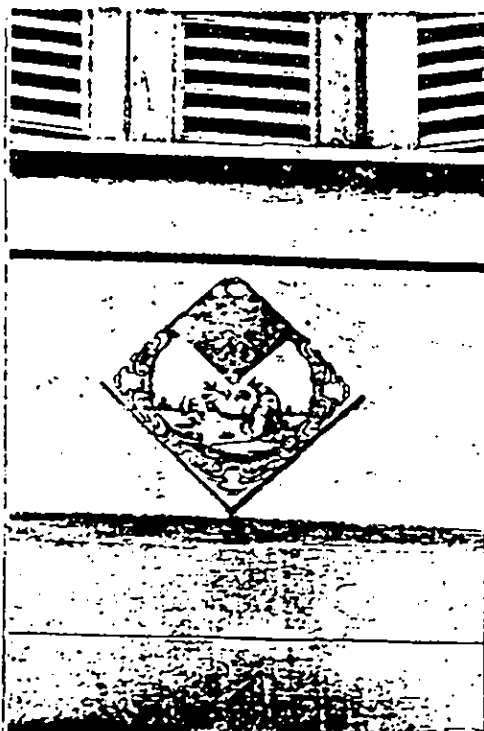
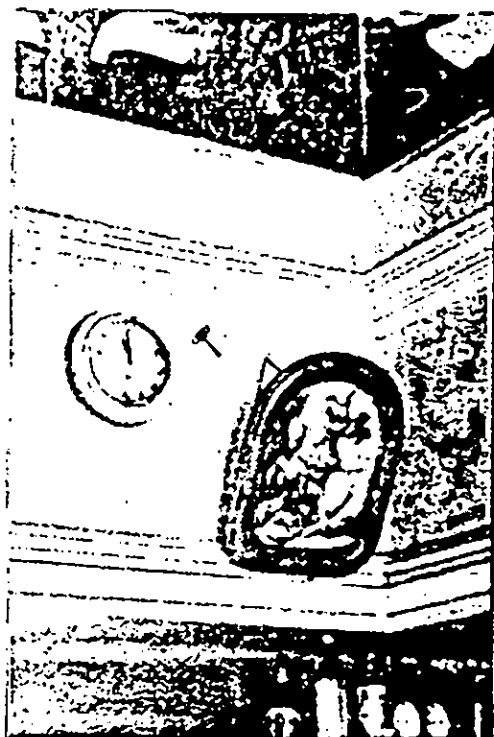
A função do estabelecimento também pode ser acentuada por ícones em diversos níveis. O esplendor de coroas de abacaxi numa informação gratuita numa case que vende frutas; o porco por açougue e o leque multi-colorido por tinturaria; a composição com elementos de demolição da porta da loja que faz armários embutidos e decorações; os caracteres árabes no letreiro do restaurante árabe e os caracteres góticos por religiosidade.



O mesmo raciocínio da página anterior em manifestações mais explícitas pode ser visto nos 2 ícones de chave, no letreiro entalhado na bandeira da porta (vende-se o trabalho de entalhar) e no preu cortado ao meio que serve de suporte à informação (como o letreiro está colocado sobre aquilo, trabalha-se sobre aquilo).



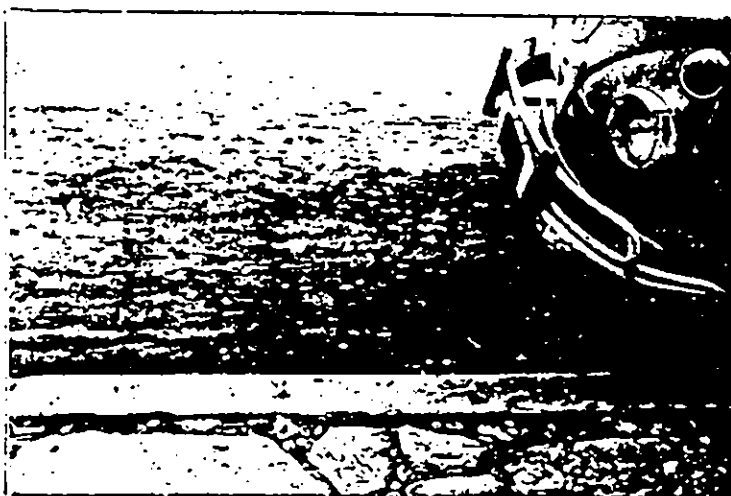
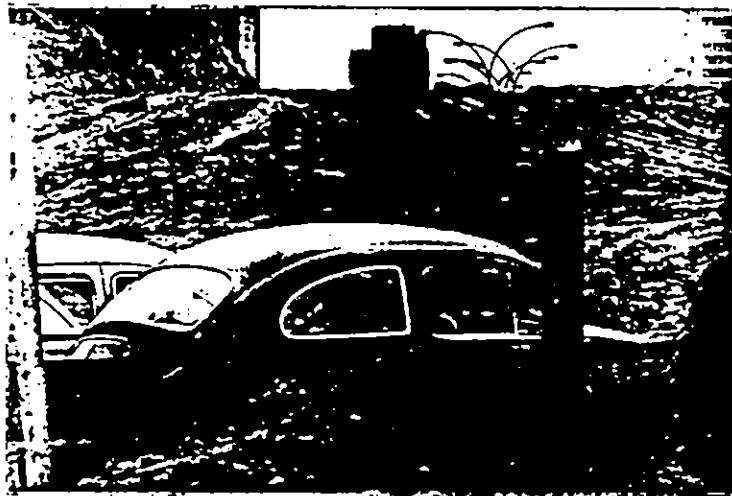
Temos acima 3 exemplos de configurações icônicas. Na 1ª detecta-se a intenção de exibição da coleção de auto-adesivos (seu dono, para apreciá-la, tem de sair de casa). Na 2ª, a colocação dos cartazes é tão aleatória quanto na 1ª, mas entra em jogo uma função indicial ("Temos todos estes cigarros"). Na 3ª é um símbolo da instituição "Escola de chauffeurs Internacional". A arrumação dos diversos quadros se reporta à distribuição de objetos numa parede de uma casa burguesa do início deste século.



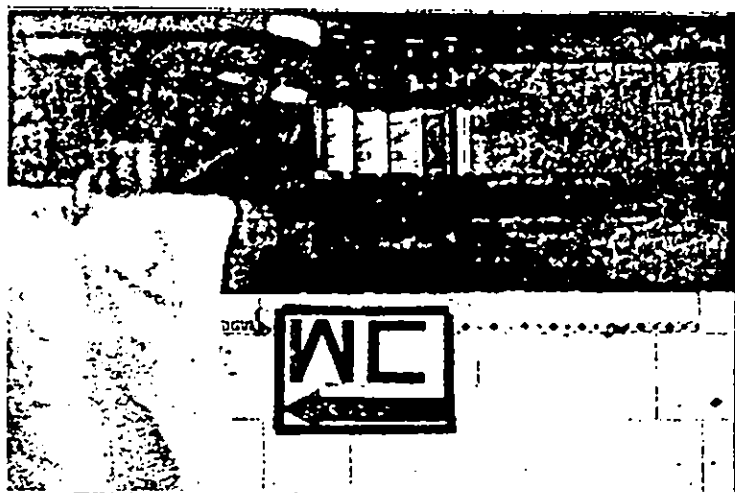
Ícones lidos segundo convenções iconográficas simbólicas que determinam que o santo seja X ou Y. O oratório iluminado da porta do edifício reporta-se aos nichos iluminados a óleo de peixe que existiram no Rio durante o período compreendido entre 1600 a 1900.



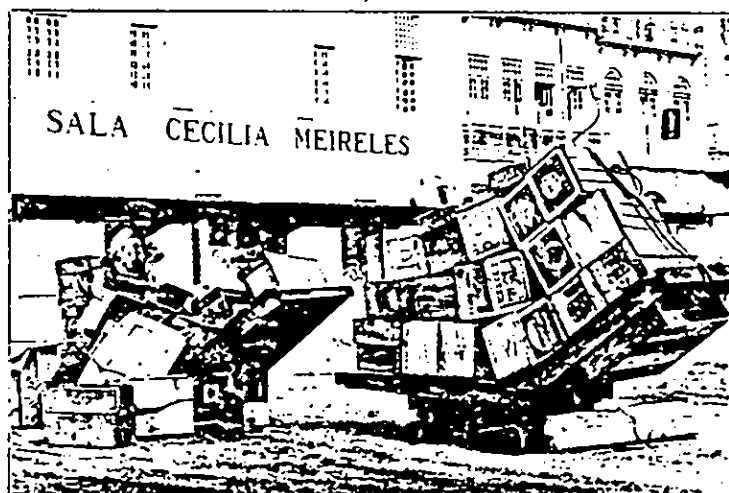
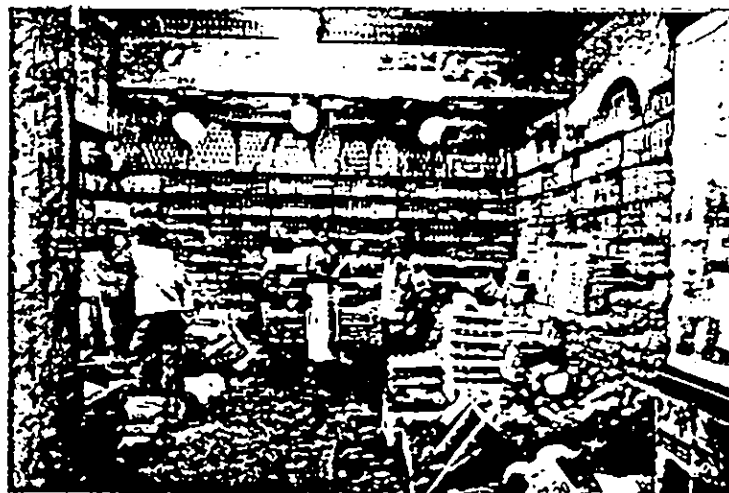
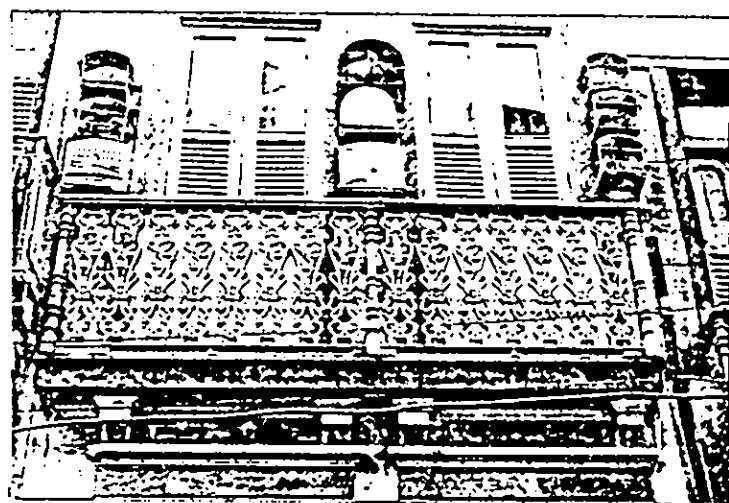
Símbolos icônicos que representam, respectivamente, uma instituição, uma comemoração, uma religião. Têm forças sógnicas diretamente proporcionais à amplitude da generalização no objeto representado.



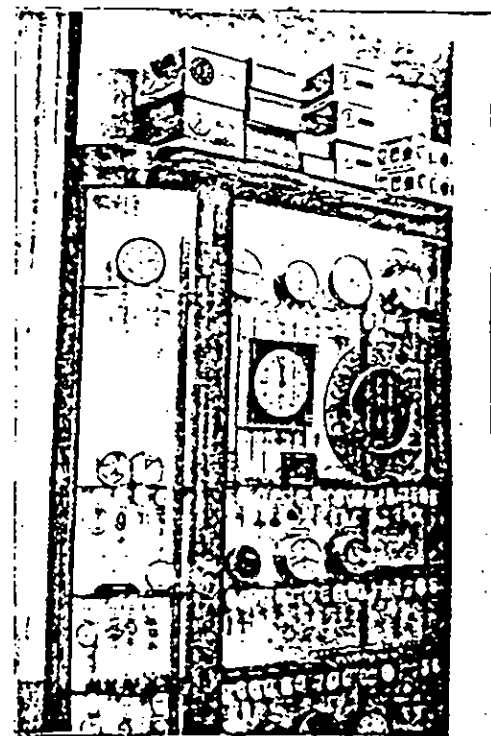
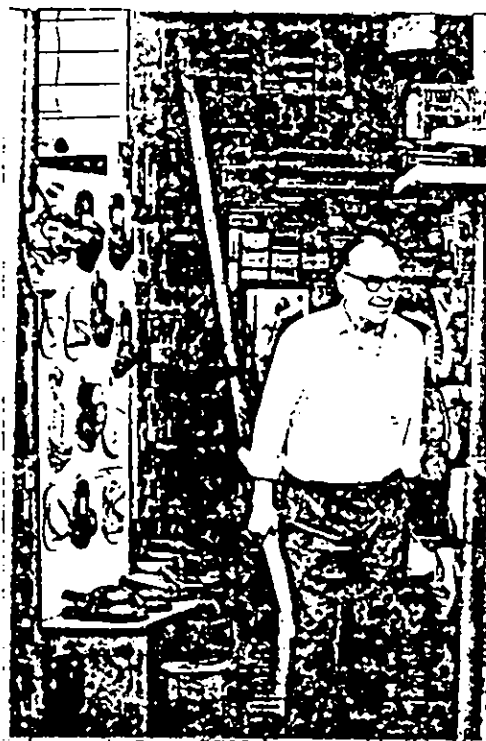
Um índice representa seu objeto em virtude de uma efetiva conexão física com ele. A cera escorrida indica que ali foram queimadas velas. O aparecimento do trilho de borde no asfalto indica seu antigo trajeto. Assim como as marcas deixadas no barro são índices da passagem de trator e as chapinhas de garrafa presas no asfalto são índices da existência anterior, neste local, de um estabelecimento que vendia bebidas.



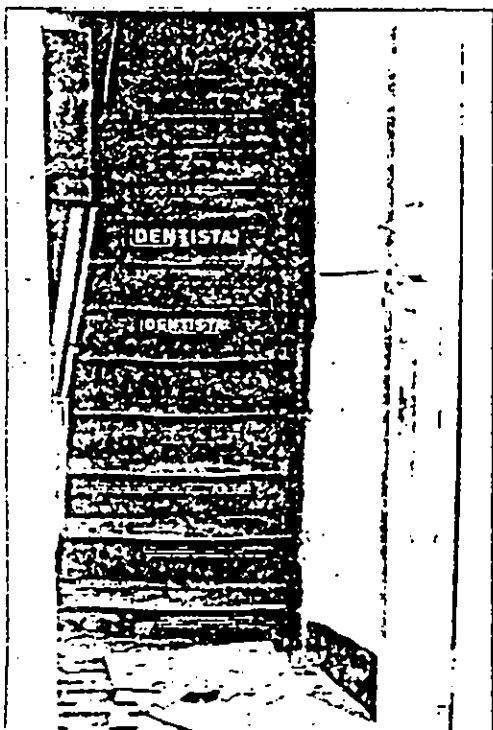
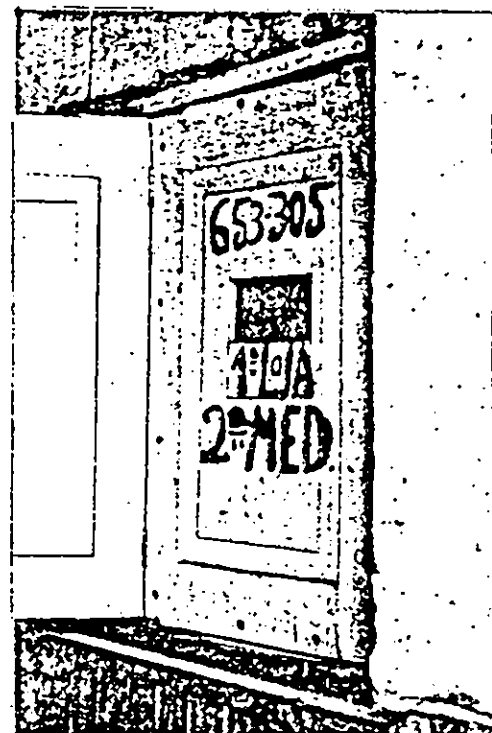
Uma seta é um índice de um sentido que independe de sua utilização correta na transmissão da informação "Tal lugar é ali". Pode ser acentuada, como no caso do WC, em que é conferido o mesmo sentido da seta à informação verbal pelos diferentes espaços entre as letras e os elementos laterais da moldura; pode funcionar dentro de um ícone (a placa "Clínica da Lapa mudou-se (setinhas) Av. Mem de Sá é um ícone da mudança para a Mem de Sá) ou pode funcionar como um ícone (a mão indicando desenhada e a chave, que por características sintáticas se assemelha a uma seta).



A resposta de objetos a dados arquitetônicos pode ser lida como índice destes (o sentido vertical das portas determinando a arrumação das bananas e gaiolas). Assim como a estruturação das prateleiras da Casa Elias e a forma do carrinho do burro-sem-rabo são indicadas pelo arranjo dos objetos num e noutro caso (assim como o tipo de empilhamento indica a forma dos objetos).



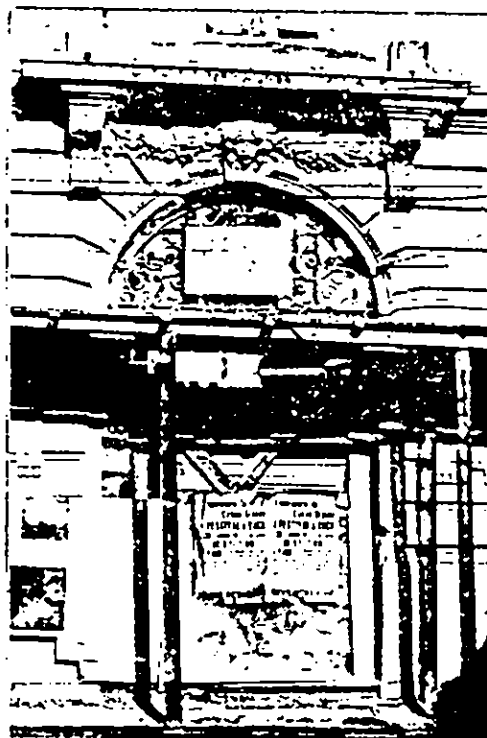
Na 1ª foto, a única indicação de que naquele recinto funciona uma loja de antiguidades são os objetos, que podem ser vistos por quem passa na rua. O mesmo raciocínio determina a estruturação de uma vitrine, cuja principal característica é o vidro que se interpõe entre o observador e os objetos.



Letreiros podem ser índices de dados sintáticos e pragmáticos na arquitetura e no sistema viário. No 1º caso estão os 3 letreiros superiores, respondendo respectivamente à marquise, ao acabamento superior da platibanda e ao espelho da porta do relógio de luz. Segundo o saber que determina que uma escada tem de ser utilizada de um certo modo, as 2 placas de Dentista vão ser obrigatoriamente vistas (para quem passa na rua são índices de que por aquela escada chega-se a um dentista). O letreiro perpendicular à direção da rua e o paralelo à mesma destinam-se respectivamente à leitura de quem vem pelo mesmo passeio e passeio oposto à sapataria. Assim como no último exemplo onde, para não dificultar a leitura de quem anda no passeio contíguo, toda a altura da porta não é usada.



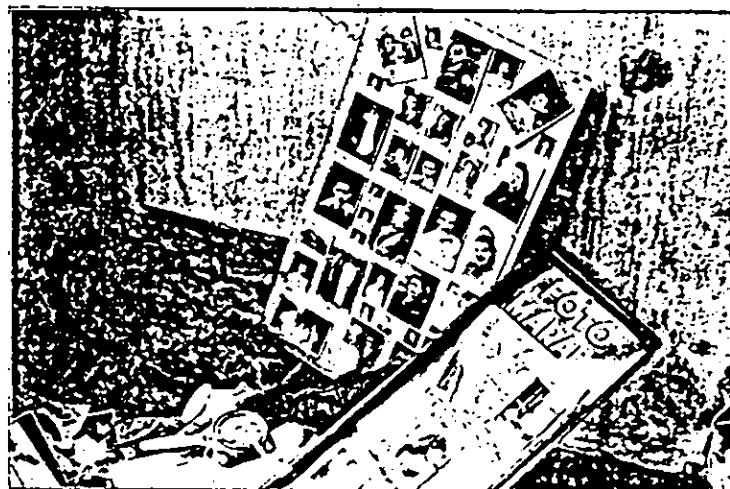
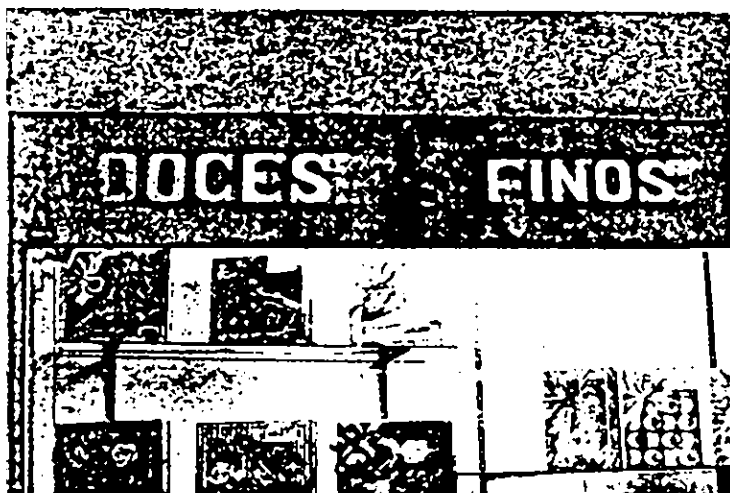
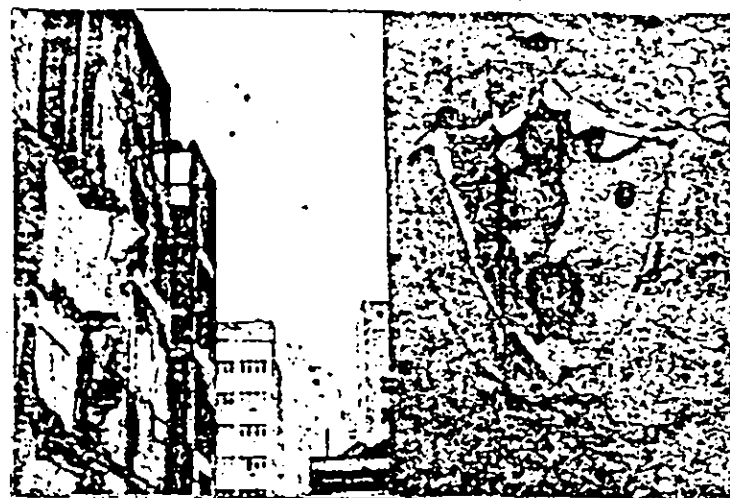
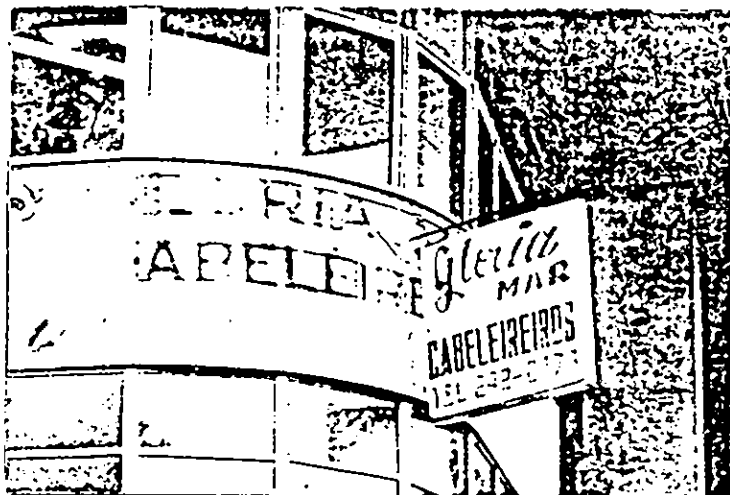
Índices degenerados são aqueles que não tem uma conexão existencial com o objeto representado. Os exemplos acima, por colocação contígua aos objetos indicam a disponibilidade de uma casa a ser alugada, a venda de compressores, curiosidades etc, e luso-brasileiridade do dono do estabelecimento e que aquela casa hospedou pessoas que vieram para o Congresso Eucarístico.



E como indicadores da transformação que vem sofrendo a Lapa, são encontradas informações de demolições e decorrentes destas, e o desuso ou mudança de contexto de ícones e índices.

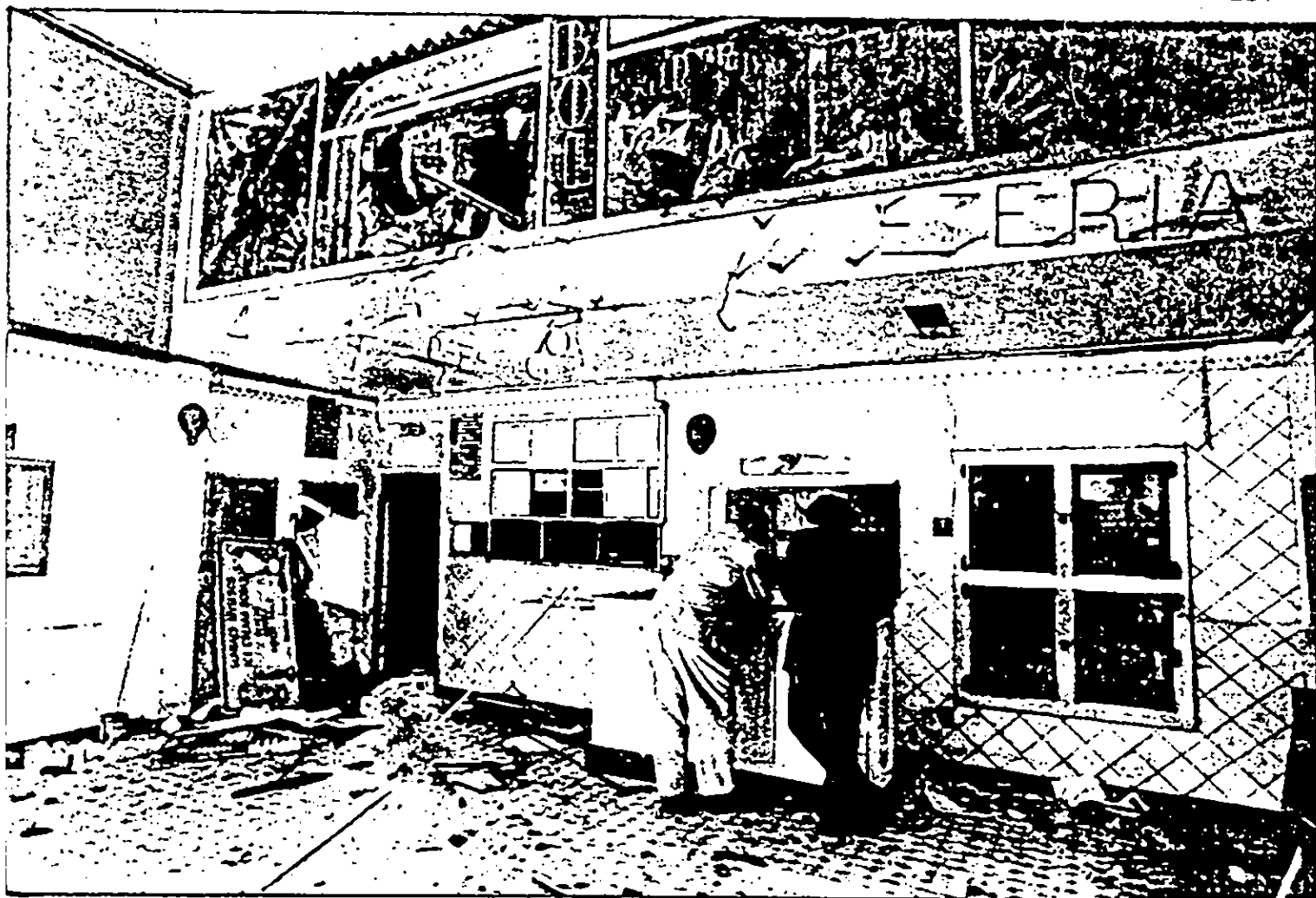


Segundo o tipo de construção sintática verbal de uma pichação, ou do dado a que ela se refere, esta pode envelhecer ou não. Já vai distante no tempo a candidatura de Yara Vargas, perdendo o sentido a pichação, ao passo que a outra, mesmo tendo sido gerada por um contexto passado, se renova a cada ano no dia 26 de julho.



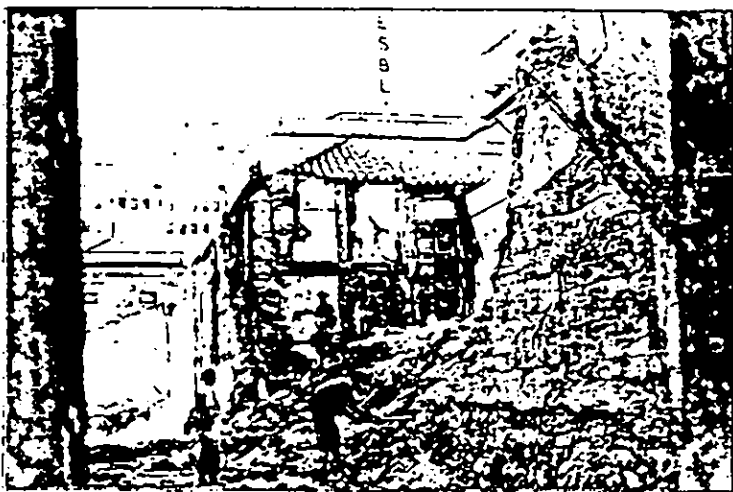
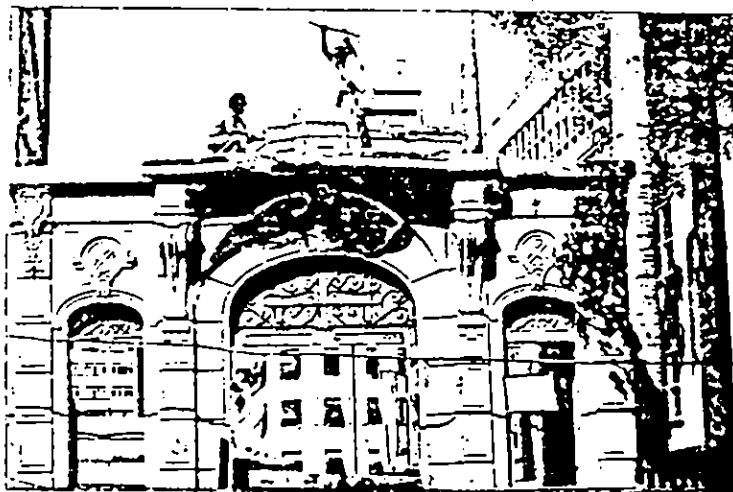
No 1º caso a retirada do antigo letreiro foi suprida por um novo, o que já não acontece no 2º exemplo, onde sucedeu à retirada do escudo dos Terentes do Diabo a demolição do prédio. No 3º caso o antigo letreiro sobreviveu à reforma, no mesmo local, enquanto que no 4º o quadro do antigo Capela foi transferido para as novas instalações. Nos 2 últimos exemplos há o desaparecimento das funções a que se referiam os índices icônicos.

DEMOLIÇÃO

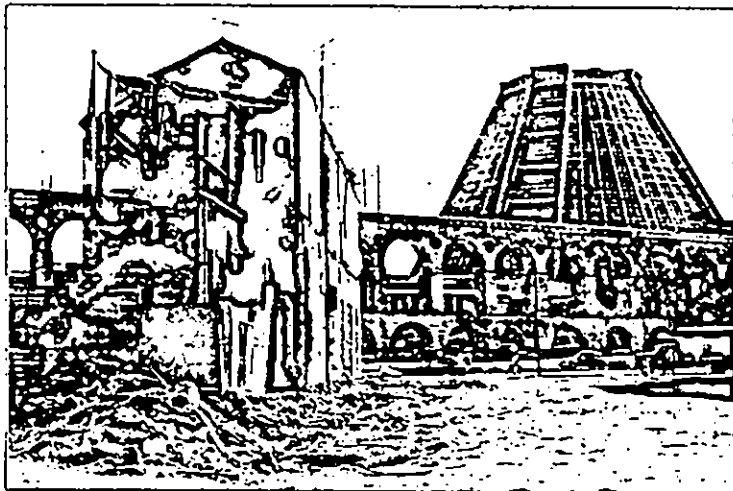
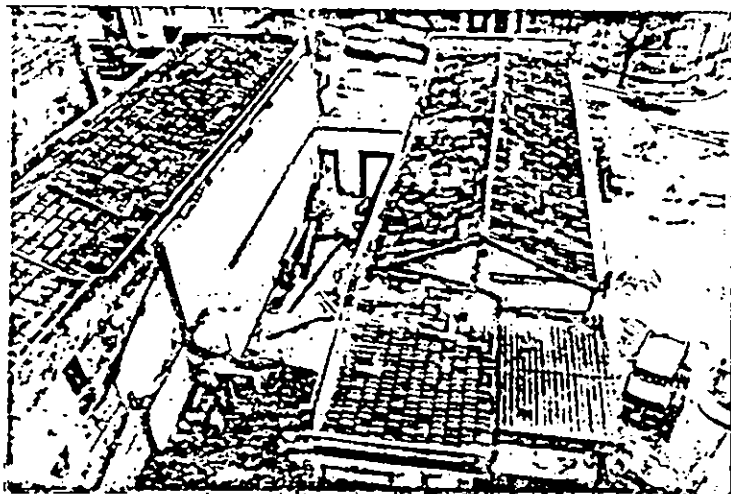


"Aí me deram a soltura e então eu fui embora da penitenciária a pé até a minha Lapa querida. Era 1962 e a Lapa já não era quase mais nada. Havia mais Lapa no meu peito do que naquelas ruas e prédios novos que iam subindo no lugar dos velhos. E eu me sentia cansado e inútil. Não podia fazer nada por aquela Lapa e aquela Lapa também não podia fazer nada pela minha pessoa. Então guardei a minha querida Lapa do meu tempo no meu peito."

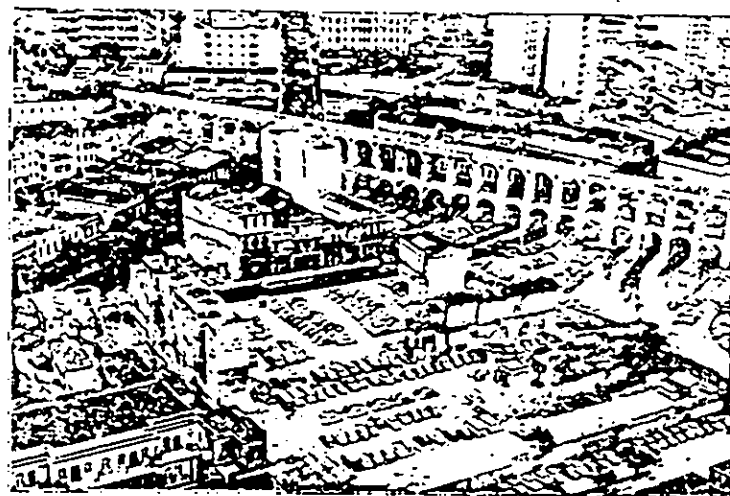
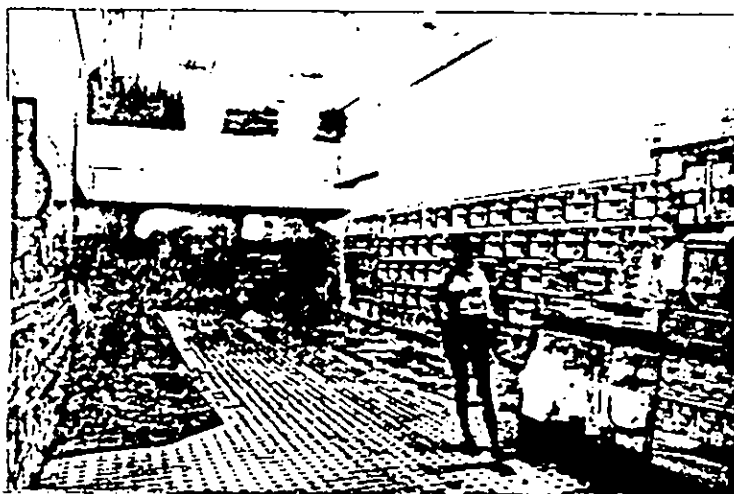
(Mme Satan)



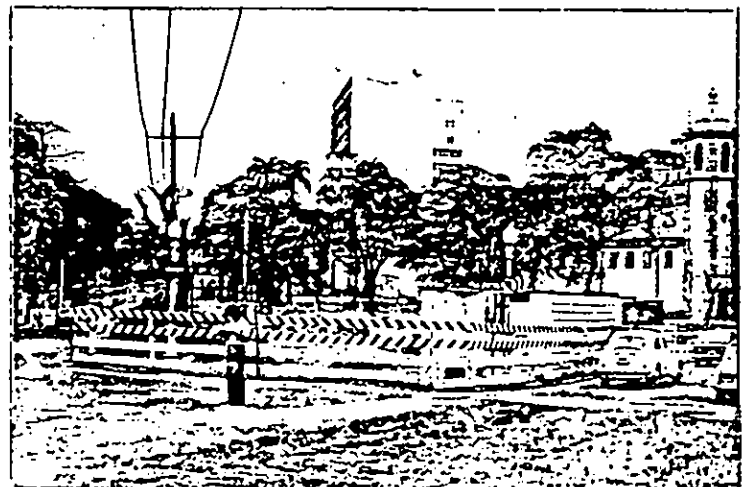
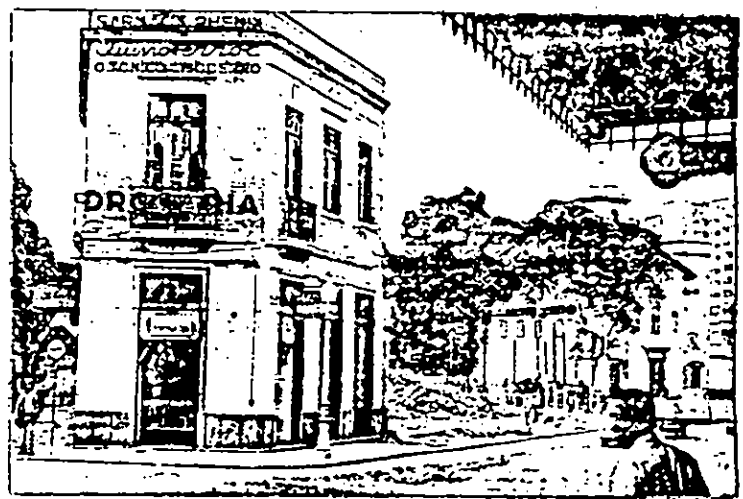
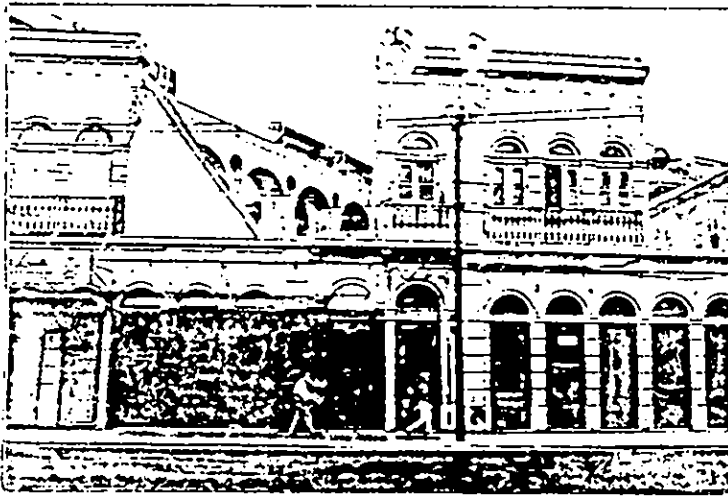
Devido à proximidade de pessoas morando e trabalhando, as demolições têm de ser feitas com o desmonte progressivo do edifício. A técnica construtiva deste é o determinante do caráter da demolição. Durante esta, o padrão arquitetônico vai aparecendo e desaparecendo até o surgimento de um único espaço. E quando as casas do lado não são também demolidas, permanecem nelas índices dos signos de contenção volumétrica dos cômodos e de todo o edifício.



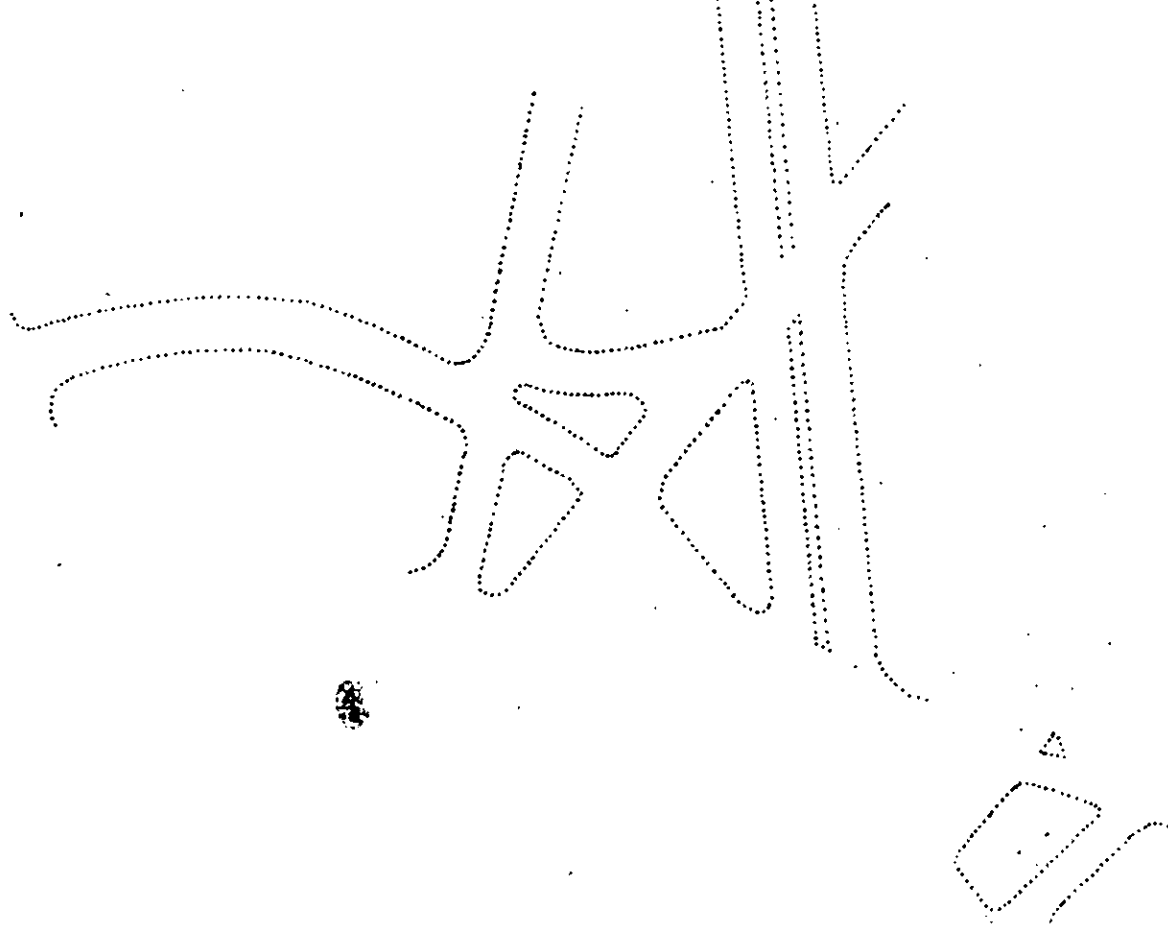
O espaço surgido com as primeiras demolições num quarteirão ainda corresponde ao volume total da casa. Vai perdendo essa característica com a continuação das obras, podendo, a partir daí, ser definidos 2 espaços: um positivo e um negativo, um envolvido e um envolvente.



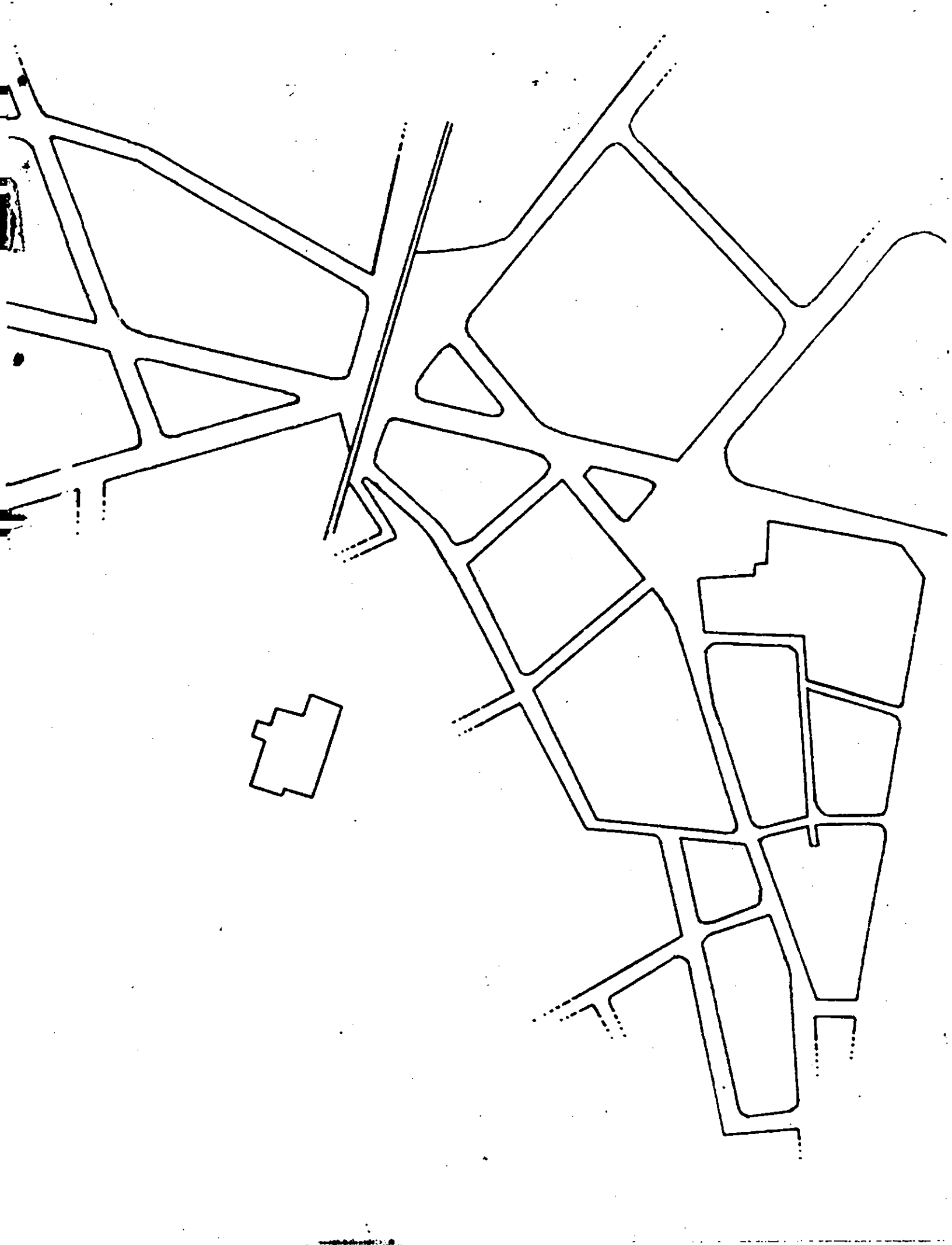
O espaço é normalmente reaproveitado para estacionamentos, enquanto o resto da mudança não vem. Mas há outros usos possíveis, pois o espaço passa a ser possibilidade de uso: o corredor de sobrados da antiga R. dos Arcos, por exemplo, foi substituído pelo corredor de out-doors.



E processa-se atualmente o aparecimento dos Arcos (a nova urbanização prevê jardins num círculo que tem o aqueduto como diâmetro). O largo da Lapa será transformado numa praça ajardinada que se estenderá até o local da antiga farmácia Fênix. Será nela instalado um chafariz proveniente da Gamboa, conservando-se o lampedário de Pereira Passos. O calçamento será de pedra portuguesa e a iluminação terá lâmpões fabricados hoje mais de feitiço antigo.



Novo plano urbanístico que começa agora a ser implantado



Bibliografia

"Semiótica e Filosofia" - C. S. Peirce
Ed. Cultrix - São Paulo - 1972

"Semiótica e Literatura - o signo verbal sob a influência do signo não-verbal" - Décio Pignatari
Tese de doutoramento do Departamento de Linguística e Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP - 1972

"Charles Peirce" - Thomas S. Knight
Washington Square Press, Inc. - Nova York - 1965

"Pequena Estética" - Max Bense
Ed. Perspectiva - col. Debates - São Paulo - 1971

"A estrutura ausente" - Humberto Eco
Ed. Perspectiva em convênio com Edições da USP - São Paulo - 1971

"Semiologia e urbanismo" - Françoise Choai
Arquitetura - revista do IAB, nº 78 - dez 1968

"Linguística e Comunicação" - Roman Jakobson
Ed. Cultrix - São Paulo - 1969

"Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro até o início do século XX" - Lysia Maria Cavalcanti Bernardes
Separata do Boletim Carioca de Geografia - Rio de Janeiro - 1959

"4 séculos de cultura"
- "4 séculos de arquitetura na cidade do Rio de Janeiro" - Paulo F. Santos
Editado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - ciclo de conferências comemorativas do 4º centenário

"Rio de Janeiro em seus 400 anos"
- "História do Rio de Janeiro do século XVI ao XIX" - Cláudio Bardy
- "Arquitetura contemporânea" - Lúcio Costa
- "A fisionomia das unidades urbanas" - Maria Terezinha Segadas Soares
Distribuidora Record - 1965

"Memórias para servir à história do Reino do Brasil" - Luís Gonçalves dos Santos (padre Perereca) 1825 - notas de Noronha Santos

Livraria Editora Zélio Valverde - Rio de Janeiro - 1942

"Aparência do Rio de Janeiro" - Gastão Cruls

Livraria José Olympio Editora - Rio de Janeiro - 1965

"O Convento do Carmo no Rio de Janeiro"

Aportamentos para a história da Província Carmelitana Fluminense"

"Memórias da cidade do Rio de Janeiro" - Vivaldo Coaracy

Livraria José Olympio Editora - Rio de Janeiro - 1965

"Templos Históricos do Rio de Janeiro" - Augusto Maurício

Gráfica Laemmert Ltda. - Rio de Janeiro

"Rio Antigo" - C. J. Dunlop

Ed. Rio Antigo Ltda. - Rio de Janeiro - 1963

"História das ruas do Rio de Janeiro" - Brasil Gerson

Livraria Brasileira Ed. - Rio de Janeiro - 1965

"Os meios de transporte do Rio Antigo" - Charles Dunlop

Grupo de Planejamento Gráfico, editores - Rio de Janeiro - 1973

"Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro" - José Vieira Fazenda
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

tomo 86 - vol. 140 - 1919

tomo 88 - vol. 142 - 1920

tomo 89 - vol. 143 - 1921

tomo 93 - vol. 147 - 1923

tomo 95 - vol. 149 - 1943 (2ª edição)

"Almanaque Laemmert" - 1915

"Guia Rex" - 1955 e 1970

"Memórias de Madame Satã" (conforme narração a Sylvan Paezzo)

Ed. Lickador - 1ª edição - 1972

"A Lapa do meu tempo - 1909-1914" - Olavo de Barros

Ed. Pongetti - 1968

Periódicos: consultados no Arquivo Almirante (AA) na Agência JB (AJB) e no Arquivo da Ed. Bloch (EB)

Correio da Manhã

~~30-6-71~~ (AJB)

~~30-12-69~~ (EB)

Diário de Notícias

~~20-7-73~~ (AJB)

Estado de São Paulo

~~20-8-72~~ (EB)

Guanabara em revista

nº 2 - 1966 - Revista do MIS - Gasparino Damata, Willian Prado e
Ary Vasconcelos (EB)

Jornal do Brasil

~~28-7-68~~ (AJB)

~~14-12-66~~ (AJB)

~~9-12-66~~ (AJB)

~~8-12-66~~ - João Antônio (AA)

~~3-10-72~~ (AA)

~~15-10-69~~ (AA)

~~11-9-69~~ (AA)

~~7-12-66~~ (AA)

~~3-10-72~~ (AA)

~~6-6-71~~ (EB)

O Cruzeiro

~~23-10-66~~ (AA)

O Dia

~~19-3-72~~ (AJB)

~~9/10-4-72~~ - Odorico Pires Pinto (AA)

~~4/5-7-71~~ - O.P.P. (AA)

~~12/13-4-70~~ (AA)

~~29/30-3-70~~ (AA)

~~7/8-4-68~~ - Pedro Anísio (AA)

O Globo

~~31-3-72~~ - Marques Rebelo (AA)

~~25-9-71~~ (AA)

~~15-9-69~~ (AA)

~~5-9-69~~ (AA)

~~10-8-66~~ (AA)

~~9-3-70~~ (EB)

~~20-5-68~~ (EB)

~~20-3-72~~ (EB)

O Jornal
19-10-69 (AA)
8-3-69 (AA)
31-10-65 (AA)

Última Hora
9-3-67 (AJB)
25-4-73 (EB)
7-7-72 e 11-7-72 - Olavo de Barros, Jorge Murad, Bucy Moreira e
Ataylor de Souza (EB)

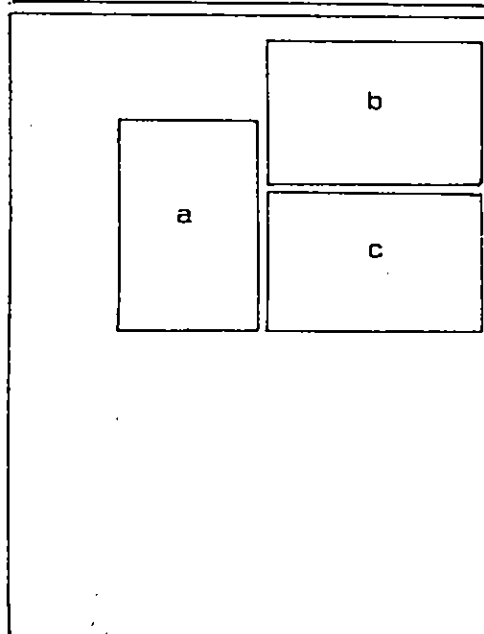
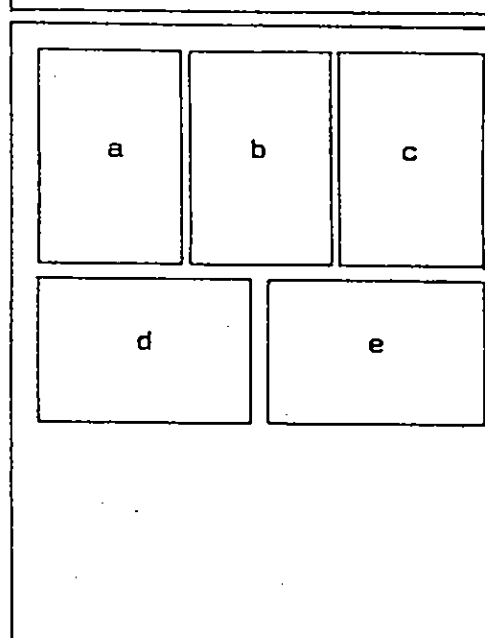
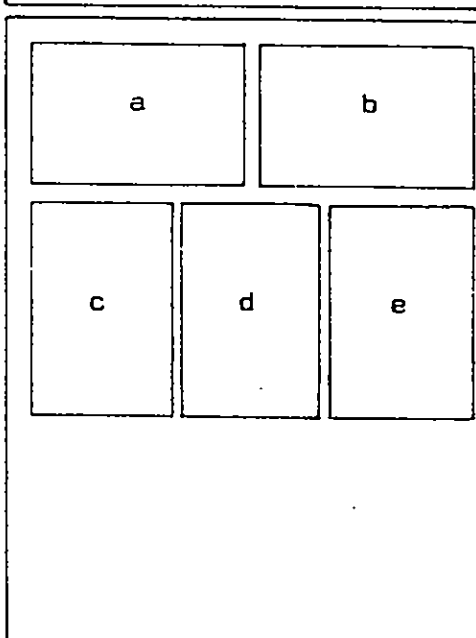
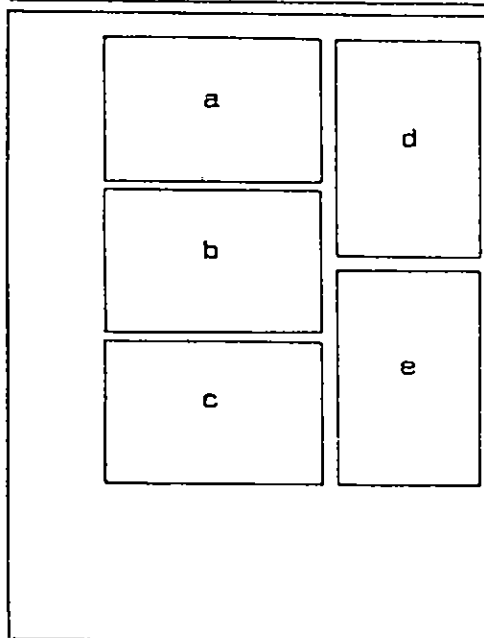
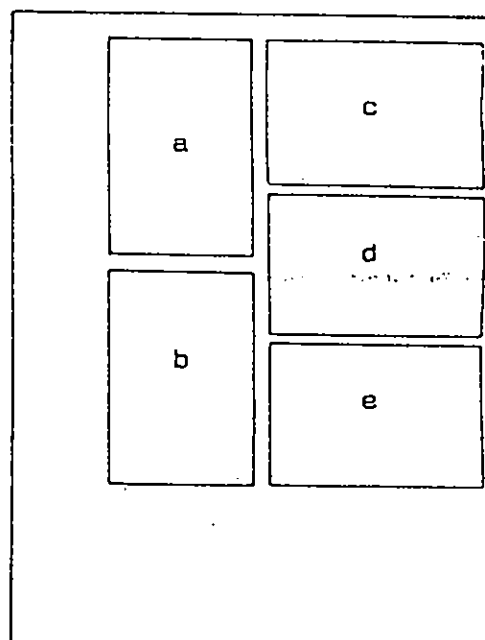
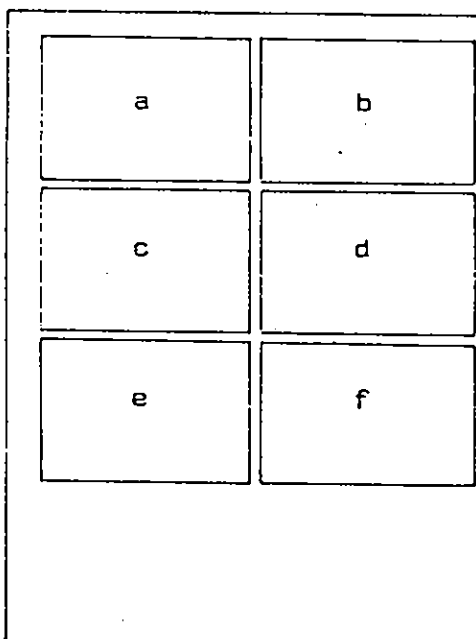
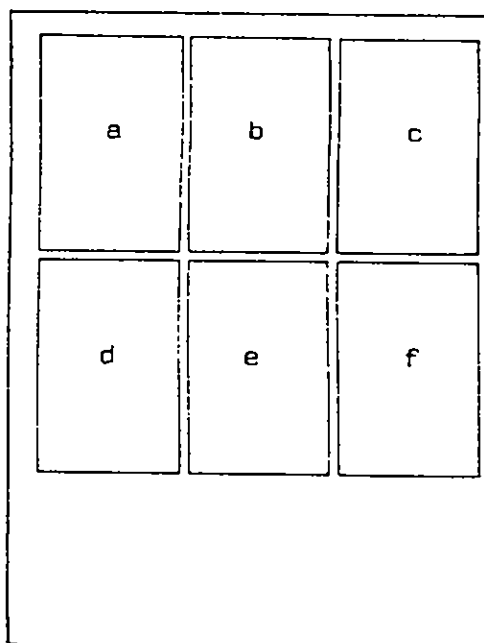
Entrevistas feitas com seu Elias, Marcos Konder Reis, Mário Lago e
Sebastião Gomes.

A consulta de letras de músicas foi feita no Arquivo Almirante.

Segue-se agora o índice das fotografias e mapas, com referências e
créditos. As abreviaturas correspondem a:

Agência JB - (AJB)
Foto de Antônio Henrique Nitsche - (AH)
Coleção de Gilberto Ferrez - (GF)
Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico - GB; Seção de Seleção
e Documentação Fotográfica do Arquivo Histórico - (PHGB)
Foto de Hígina Bruzzi - (HB)
Foto de Kátia Fraga - (KF)
Manchete Press - (MP)
Museu da Cidade - (MC)
Museu da Imagem e do Som - (MIS)
Museu Histórico Nacional - (MHN)
Foto de Walter Carvalho - (WC)
Sursan - (S)

Quando ocorre mais de uma foto numa página, estas são identificadas
por letras minúsculas, segundo as ordenações nos diagramas
possíveis, mostradas na página seguinte.



- 16) 1730/1751 (Álbum Cartográfico do Rio de Janeiro - MEC - 1971)
- 19) post. 1965 (Guia Rodoviário Turístico do Estado da Guanabara - Departamento de Estradas de Rodagem, Secr. de Obras Públicas)
- 25) 1758/1760 (Álbum Cartográfico do Rio de Janeiro - MEC - 1971)
- 26) post. 1818 (Álbum Cartográfico do Rio de Janeiro - MEC - 1971)
- 27) 1890/1900 (mapa pertencente a Nilo e Lysia Bernardes)
- 28) 1907 (mapa pertencente a Nilo e Lysia Bernardes)
- 29) 1969/1972 (Plano Schaeffer)
- 30) Área de Estudo
- 32) a - Lagoa do Boqueirão - fim do sec. XVIII - óleo de Leandro Joaquim (MHN)
- b - Vista tomada morro de Sta. Tereza - igreja, Passeio e cais c.1903 - foto Marc Ferrez (GF)
- c - Abertura da Av. Beira-Mar (terraço Passeio) (MP)
- d - Aterro do Flamengo
- e - Sta. Tereza e Aqueduto - Folhinha Nacional do Brasil - 1837 (MHN)
- f - Desmonte do último remanescente do morro de Sto. Antônio
- 33) a - Largo da Lapa - aquarela de Thomas Ender - 1817 (GF)
- b - Largo da Lapa - foto M. Ferrez - c.1908 (GF)
- c - Largo da Lapa - 1958 (PHGB)
- d - Largo da Lapa
- 34) a - Sentido centro - R. do Passeio com Largo no fundo
- b - Rua subindo morro Sta. Tereza
- c - Sentido sul - igreja com Glória e Corcovado
- d - Sentido norte - Riachuelo e Mem de Sá
- e - R. Joaquim Silva entre R. da Lapa e Augusto Severo
- 35) a - R. Joaquim Silva (S)
- b - R. Joaquim Silva
- 36) a - Casa térrea colocal - 1905 - R. Visc. de Maranguape (MIS)
- b - Casa com aplicações de madeira recortada - R. Taylor
- 37) a - Casa com o porão elevado - R. da Lapa
- b - Casa com o porão elevado - R. da Lapa
- c - Casa com jardim lateral (aí funcionou um prostíbulo) R. Moraes e Vale
- 38) a - R. Joaquim Silva
- b - Casa Elias (antigo Rest. Tietê) - R. da Lapa
- c - Bar no encontro da Av. Mem de Sá com R. Visc. de Maranguape
- d - Sobrado da R. Visc. de Maranguape
- e - Casa no encontro da Mem de Sá com R. Visc. de Maranguape
- 39) a - Marquise do Depto de Serviço Social - esq. Mem de Sá com Evaristo da Veiga
- b - Marquise da antiga Sapataria Gato Preto - R. Visc. de Maranguape
- c - Prédios antigos na esq. R. do Passeio com Visc. de Maranguape (MIS)

- d - Sobrado do cabaré Novo México - Av. Mem de Sá
- e - Telhado de vidro dos funtos do Automóvel Club - R. do Passeio
- 40) a - Casa R. Joaquim Silva
- b - Estacionamento da R. dos Arcos
- c - Fachada da Mesbla na R. das Marrecas
- d - Fundos de casa da R. Evaristo da Veiga
- 41) a - Parte superior dos Arcos com linha de bonde
- b - Casarão da R. Joaquim Silva
- c - Sobrado da R. Taylor
- d - Depto de Serviço Social, esq. Mem de Sá com Evaristo da Veiga
- e - Escola Superior de Desenho Industrial - R. Evaristo da Veiga
- 42) a - Demolição de vila da R. Evaristo da Veiga (WC)
- b - Fundos de um prédio da Av. Mem de Sá
- c - Abertura da Av. Mem de Sá - c.1905 - foto M. Ferrez (GF)
- d - Projeto de Reidy para a esplanada de Sto. Antônio
- 43) a - Parte superior da fachada do Silogen Brasileiro, esq. de Teixeira de Freitas com Augusto Severo e novo Silogen ao fundo
- b - Arcos e novo prédio da Petrobrás
- c - Catedral Metropolitana e prédio da Petrobrás
- d - Vista aérea com igreja e R. Moraes e Vale
- 44) a - Arco voltaico - r. Moraes e Vale
- b - Lampadário - Largo da Lapa - foto Malta (MIS)
- 46) a - Bonde puxado a burro na R. do Passeio com prédio da Biblioteca Nacional e Clube dos Diários (atual A. Club)
- b - Bonde puxado a burro no cruzamento da Mem de Sá com R. Visc Maranguape (MIS)
- c - Ilha de bonde no Largo da Lapa - foto Malta (MIS)
- d - Abrigo de bonde no Largo da Lapa (MP)
- 47) a - Arcos com bonde (HB)
- b - Bondes parados sobre os Arcos
- 48) (IP)
- 49) a - Convento de Sta. Tereza
- b - R. Riachuelo com Arcos - 1958 (PHGB)
- c - Passeio Público
- d - Arcos da Carioca
- 50) a - Vista de Sta. Tereza com Arcos - Henderson 1810 (MHN)
- b - Lampadário do Largo da Lapa e Sta. Tereza
- c - Sta. Tereza com Arcos
- d - Sta. Tereza e casario
- 52) a - Lapa e Passeio Público - Folhinha Nac. Brasileira - 1837 (MHN)
- b - Terraço do Passeio Público - Desmonds - 1840 (MHN)

Reidy

- c - Cassino Beira-Mar - Malta - 1924 (MIS)
- d - Largo com Passeio no fundo
- e - Grade do Passeio Público
- 55) a - Vista dos Arcos tomada do morro de Pedro Dias - Alexander - 1806 (MC)
- b - Vista dos Arcos tomada da estrada de Matacavalos - Therenim - 1832 (MHN)
- c - o Aqueduto - Folhinha Nac. Brasileira - 1837 (MHN)
- d - R. dos Arcos e aqueduto - foto Malta (MIS)
- 56) a - Arcos da Carioca - c.1900 - foto M. Ferrez (GF)
- b - Arcos e Catedral
- 57) a - Símbolo de uma série de reportagens da UH (7-7-72 a 11-7-72)
- b - Carro alegórico da Portela - carnaval de 1971 (MP)
- c - Paineis da representação da ESOI na Bienal Internacional de Desenho Industrial de 1970 - auto-contraste de uma foto de Higinia Bruzzi
- d - Plástico da Scuderie Piranha
- e - Placa do 1º Destacamento de Polícia Militar em Sta. Tereza
- f - Capa do disto "Tudo isso é samba"
- 58) a - Bilhete da Loteria Federal
- b - Litografia de Aloísio Magalhães
- 59) Área de Estudo
- 60) Foto aérea
- 61) Foto aérea
- 62) Foto aérea (S)
- 63) Foto aérea (S)
- 67) a - Fachada da Capela do Divino Espírito Santo
- b - Porta da igreja de N.S. do Carmo da Lapa
- 68) Largo visto da Av. Mem de Sá - foto Malta (MIS)
- 69) a - Clínica da Lapa - largo da Lapa (MP)
- b - Hall do Hotel Lincoln - Av. Mem de Sá
- 71) Congresso dos Tenentes do Diabo - R. Visc. Maranguape (MP)
- 73) Pessoas conversando no largo - vê-se no fundo o abrigo de bonde (MP)
- 74) a - Letreiro da Capela - largo (MP)
- b - Entrada do Casanova - Av. Mem de Sá (MP)
- c - Letreiros do Danúbio Azul e do Novo México - Av. Mem de Sá (MP)
- 75) a - R. Visc. de Maranguape (HB)
- b - Esq. R. Visc. de Maranguape com Evaristo da Veiga (HB)
- 76) a - Prostituta na R. Riachuelo
- b - Travesti na esq. de Mem de Sá com Lavradio
- c - Hotel de encontros na R. da Lapa
- 77) a - Café Indígena (HB)
- b - Interior da Capela (MP)

- c - Café Indígena reformado
- d - Cine Colonial (PHGB)
- e - Bilhar em cima do Café Indígena
- f - Saída da Sala Cecília Meireles
- 78) a - Vitrines do Casanova
- b - Lee Ribanchea cantando La Violetera (AJB)
- c - Intervalo do show - bastidores
- d - Fujika Hollyday - bastidores
- e - Kiriakim - bastidores
- 79) a - Placa da época da construção dos Arcos Novos da Carioca
- b - 2 das marrecas do Chafariz das Marrecas, de Valentim (MC)
- c - Capa do disco "A volta do boêmio" de Nelson Gonçalves - R. Visc. de Maranguape
- d - Capa do disco "A Lapa do meu tempo" de Olavo de Barros
- e - Capa do disco de memórias de Mme. Satan
- 82) a - Show do Casanova (AJB)
- b - Restaurante Brasil na R. do Lavradio
- c - Restaurante na R. Joaquim Silva
- d - Panificação Monroe na R. da Lapa
- e - Salão Jupira na praça Cardeal Câmara
- f - Fila de ônibus na R. Riachuelo
- 83) a - Ladeira de Sta. Tereza
- b - R. Morais e Vale
- c - Esquina de Vis. Maranguape com Mosqueira
- d - R. Joaquim Silva
- e - (AH)
- f - Praça Cardeal Câmara
- 84) a - Arcos no encontro da R. Riachuelo com Evaristo da Veiga - 1906 - foto Malte (GF)
- 85) a - "Grafitti" em um pegão dos Arcos
- b - R. Morais e Vale
- c - R. Visc. de Maranguape
- d - R. Riachuelo
- e - Av. Mem de Sá
- 86) a - Porta de estacionamento na R. Evaristo da Veiga
- b - Interior do Salão Jupira
- c - "Grafitti" em um pegão dos Arcos
- d - "Grafitti" na R. Riachuelo
- e - "Grafitti" esq. Cde Lage com Joaquim Silva
- f - "Grafitti" na continuação da R. Teotônio Regadas
- 87) a - Prédio onde funcionou o Banco de Sanguê - R. T. de Freitas
- b - R. Visc. de Maranguape
- c - Av. Mem de Sá
- d - R. da Lapa
- e - R. Visc. de Maranguape
- f - Av. Mem de Sá

- 88) a - Av. Mem de Sá
 b - R. Riachuelo
 c - Av. Mem de Sá
 d - R. da Lapa
 e - Esq. Ladeira de Sta. Tereza com Joaquim Silva
- 89) a - R. da Lapa
 b - R. Visc. de Maranguape
 c - Av. Mem de Sá
- 90) a - (AH)
 b - Visc. de Maranguape
 c - Av. Mem de Sá
 d - R. Moraes e Vale
 e - Augusto Severo
 f - R. Joaquim Silva
- 91) a - R. da Lapa
 b - Av. Mem de Sá
 c - R. Teotônio Regadas
- 92) a - R. Evaristo da Veiga
 b - R. Visc. de Maranguape
 c - R. Evaristo da Veiga
- 93) a - R. Visc. de Maranguape
 b - R. Joaquim Silva
 c - R. Joaquim Silva
- 94) a - R. da Lapa
 b - Av. Mem de Sá
 c - R. Joaquim Silva
- 95) a - R. da Lapa
 b - R. Visc. de Maranguape
 c - Abertura de uma nova rua
 d - R. Evaristo da Veiga
- 96) a - Av. Mem de Sá
 b - Av. Mem de Sá
 c - Esq. Lad. Sta. Tereza com Joaquim Silva
 d - Av. Mem de Sá
 e - R. Joaquim Silva
 f - R. Visc. de Maranguape
- 97) a - R. Lavradio (KF)
 b - R. Moraes e Vale
 c - R. da Lapa
 d - Largo da Lapa
- 98) a - R. da Lapa
 b - Av. Mem de Sá
 c - Av. Mem de Sá
 d - R. Joaquim Silva
 e - Av. Mem de Sá (AH)
- 99) a - Av. Mem de Sá (HB)

- b - R. dos Arcos
- c - Av. Mem de Sá
- d - Av. Mem de Sá
- e - R. Joaquim Silva
- f - R. Vis. de Maranguape
- 100) a - R. do Lavradio
- b - Av. Mem de Sá com Lavradio
- c - R. Evaristo da Veiga (AH)
- d - R. Joaquim Silva
- 101) a - R. Visconde de Maranguape
- b - R. da Lapa
- c - R. Visc. de Maranguape
- 102) a - Pegão dos Arcos
- b - Pegão dos Arcos
- 103) a - Augusto Severo
- b - R. Visc. Maranguape
- c - R. da Lapa
- d - Largo da Lapa (MP)
- e - Estacionamento da ESOI
- f - Quarto no sobrado da Farmácia Fênix
- 104) Demolição da Leiteria Bol (AUB)
- 105) a - R. Teixeira de Freitas
- b - R. Visc. de Maranguape
- c - R. Visc. de Maranguape
- d - R. Visc. de Maranguape
- e - R. Visc. de Maranguape
- 106) a - R. Riachuelo
- b - R. dos Arcos
- c - R. Taylor
- d - R. Evaristo da Veiga com Arcos e Catedral
- 107) a - Estacionamento da Visc. de Maranguape
- b - Estacionamentos perto dos Arcos
- c - R. dos Arcos - 1928 (MIS)
- d - R. dos Arcos - 1973
- 108) a - R. Riachuelo
- b - R. Visc. de Maranguape com Mem de Sá (AH)
- c - R. Riachuelo
- d - R. Visc. de Maranguape com Mem de Sá
- e - R. Riachuelo
- f - R. Visc. de Maranguape com Mem de Sá
- 109) Novo plano urbanístico, que começa a ser agora implantado

Sumário

Introdução Teórica	
3 O que é Semiótica	
4 Categorias Cenopitegóricas	
6 Classificação dos signos	
11 Inferências	
13 Sugestões associativas	
14 Estética	
15 Introdução ao trabalho	
16 Evolução Histórica do Rio de Janeiro	
20 Teoria do crescimento concêntrico das cidades	
22 Urbanismo e arquitetura da cidade e da Lapa	
45 Meios de transporte no Rio de Janeiro	
48 A Lapa	
50 Convento de Sta. Tereza	
52 Passeio Público	
55 Arcos da Carioca	
59 Ruas da Lapa	
67 Capela do Divino e igreja de N. S. do Carmo da Lapa	
68 Função social da Lapa - caracterização de tipos e hábitos	
79 Símbolos do fenômeno Lapa	
82 Pessoas	
84 Letreiros e outros signos visuais similares	
104 Demolições e perspectivas futuras	
110 Bibliografia	
113 Índice de mapas e fotos	